



PERCURSOS EPISTEMOLÓGICOS COMUNICACIONAIS NO BRASIL

20 anos do GT de Epistemologia da Comunicação da Compós

Tiago Barcelos Pereira Salgado
Maria Ângela Mattos
(organizadores)

Cegraf UFG



Universidade Federal de Goiás

Reitora

Angelita Pereira de Lima

Vice-Reitor

Jesiel Freitas Carvalho

Diretora do Cegraf

Maria Lucia Kons

CONSELHO EDITORIAL DO PPGCOM FIC/UFG

Profa. Dra. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer (UFG)

Profa. Dra. Ana Rita Vidica Fernandes (UFG)

Profa. Dra. Andréa Pereira dos Santos (UFG)

Prof. Dr. Antonio Fausto Neto (UNISINOS)

Prof. Dr. Claudomilson Fernandes Braga (UFS)

Prof. Dr. Daniel Christino (UFG)

Prof. Dr. Goiamérico Felício Carneiro dos Santos (UFG)

Prof. Dr. Jairo Ferreira (UNISINOS)

Profa. Dra. Janaína Vieira de Paula Jordão (UFG)

Prof. Dr. José Luiz Braga (UFG)

Prof. Dr. Luciano Alves Pereira (UFG)

Prof. Dr. Luiz Signates (UFG)

Prof. Dr. Magno Luiz Medeiros (UFG)

Profa. Dra. Márcia Perencin Tondato (ESPM)

Profa. Dra. Rosana Maria Ribeiro Borges (UFG)

Profa. Dra. Simone Antoniaci Tuzzo (UFG)

Profa. Dra. Suely Henrique de Aquino Gomes (UFG)

Prof. Dr. Tiago Mainieri de Oliveira (UFG)

PERCURSOS EPISTEMOLÓGICOS COMUNICACIONAIS NO BRASIL

20 anos do GT de Epistemologia da Comunicação da Compós

Tiago Barcelos Pereira Salgado

Maria Ângela Mattos

(organizadores)

©Cegraf UFG, 2022

© Tiago Barcelos Pereira Salgado; Maria Ângela Mattos,
2022

Projeto gráfico e Capa
Allyson Moreira Goes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG

P429 Percursos epistemológicos comunicacionais no Brasil : 20 anos do GT de Epistemologia da Comunicação da Compós [Ebook]. / organizadores, Tiago Barcelos Pereira Salgado e Maria Ângela Mattos. - 2. ed. - Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF).- Goiânia : Cegraf UFG, 2022.

Inclui referências.

ISBN : 978-85-495-0619-1

1. Comunicação - Pesquisa. 2. Ciência na comunicação de massa.
3. Teoria do conhecimento - Na comunicação de massa. I. Salgado,
Tiago Barcelos Pereira. II. Mattos, Maria Ângela.

CDU: 007

SUMÁRIO

Prefácio - Saber comunicacional:
conjecturas epistemológicas

Adriana Braga

8

Apresentação - Percursos e epistemologias
comunicacionais na Compós

Tiago Barcelos Pereira Salgado e Maria Ângela Mattos

16

Abordagens epistemológicas comunicacionais
brasileiras em 20 anos da Compós

Tiago Barcelos Pereira Salgado e Maria Ângela Mattos

27

Comunicação e Semiótica: trânsitos e interlocuções

Lucrécia Ferrara

57

Tensões comunicacionais: a busca pelos indícios da comunicabilidade e da incomunicabilidade

Luiz Signates

71

Percurso nômade do conhecimento comunicacional

José Luiz Braga

96

Chegar ao campo comunicacional por via da interdisciplinaridade

Luiz Claudio Martino

117

Linhas que se cruzam nos percursos acadêmico e profissional

Jairo Ferreira

137

O potencial da Semiótica para a Comunicação

Francisco Pimenta

154

O guardião de questões propriamente comunicacionais

Vera França

166

Espaço de interlocução, hospitalidade e amizade

Luís Mauro Sá Martino

180

Posfácio - Epistemologia da Comunicação:
legado, questionamentos e novos desafios

Eduardo Yamamoto

196

PREFÁCIO - SABER COMUNICACIONAL: CONJECTURAS EPISTEMOLÓGICAS

Adriana Braga

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio)

*Não sabemos,
podemos apenas conjecturar.
Karl Popper*

A Epistemologia é o ramo da Filosofia que busca reconstruir de modo racional o processo de desenvolvimento do conhecimento científico em suas variadas dimensões. Sendo área mestiça e recente, a Comunicação tem buscado suas epistemes em outras áreas mais amplas e consolidadas das Humanidades. Pensadores de diferentes origens, críticos no questionamento da ciência e da tecnologia, como Gaston Bachelard, Karl Popper, Michel Foucault, Jean Piaget ou Jürgen Habermas, inspiraram e continuam inspirando o desenvolvimento da Ciência da Comunicação no Brasil.

O termo “*Epistemology*”, em inglês, foi introduzido em 1854, significando “um modo de tratar um problema nascido de um pressuposto filosófico específico no âmbito de determinada corrente filosófica, que é o idealismo” (ABBAGNANO, 1998, p. 183). Após alguns embates, essa Epistemologia, que buscava ser uma teoria do conhecimento, teve seus pressupostos refutados. Segundo Abbagnano (1988, p. 183), ela “perdeu seu significado na filosofia contemporânea e foi substituída por outra disciplina, a metodologia, que é a análise das condições e dos limites de validade dos procedimentos de investigação e dos instrumentos linguísticos do saber científico”.

Há vinte anos, o GT de Epistemologia da Comunicação da Compós tem oferecido um foro privilegiado de discussão das questões epistemológicas, teóricas e metodológicas no enfrentamento da elaboração e de um estudo metódico e reflexivo do saber comunicacional produzido no Brasil. Os arquivos dos trabalhos apresentados no grupo, ao longo dessas duas últimas décadas, testemunham reflexões importantes sobre a formação, o desenvolvimento, a organização e o funcionamento dos produtos intelectuais da nossa área.

Trata-se de um debate muito relevante, pois assim a área de Comunicação busca de modo constante formular, reformular e responder algumas questões epistemológicas de fundo: “O que é comunicação?”, “Qual é a especificidade da nossa área de estudos?” e “Qual é a especificidade no universo dos fenômenos da comunicação que seja efetivamente ‘comunicacional’ (que não seja redutível ao ‘social’, ‘cultural’ ou ‘mental’)”?

O próprio termo “mídia” é um conceito problemático e que ainda exige exploração epistemológica. Fomos testemunhas em tempos recentes da substituição da expressão “meios de comunicação” pelo termo generalizado atualmente “mídia”. O termo “mídia” de origem latina, no Brasil foi derivado da palavra norte-americana.

Na pronúncia inglesa, o som da letra “e” da palavra latina *media* virou “i”, a mesma pronúncia que usamos na palavra brasileira “mídia”. Entretanto, enquanto a palavra inglesa mantém o sentido plural da palavra latina, em português brasileiro a palavra se transformou em um substantivo feminino singular. Ou seja, aceitamos com a expressão “a mídia” o sentido de uma suposta homogeneidade entre veículos, empresas e profissionais de comunicação, enquanto cotidianamente se observa uma pluralidade significativa. (BRAGA, 2016, p. 187).

Essa problemática dos conceitos teóricos fomentou discussões, publicações e encontros acalorados no campo da Comunicação no início dos anos 2000. Hoje, entretanto, a adoção do termo generalizante “mídia”, em referência indistinta a empresas de comunicação, aos veículos, aos conteúdos veiculados ou a enunciações das mais diversas ordens, parece pacificado.

Acerca disso, Braga (2016, p. 188) ressalta que

[a] adoção da expressão “a mídia” para se referir aos meios de comunicação em geral não se restringe aos círculos acadêmicos, mas a todas as instâncias do mercado, do jornalismo, da política e da vida social. Dito de outra forma, o termo “mídia” não parece ser utilizado no campo da Comunicação como um conceito teórico, mas como uma expressão banal, coloquial, não problematizada.

A palavra mídia (*medium*) foi usada por Marshall McLuhan (1964) para se referir a todo e a qualquer invento ou objeto técnico mediador da experiência humana com o ambiente físico, estendendo assim a polissemia em torno de um dos conceitos mais centrais da nossa área. Além disso, o autor chama a atenção para a negligência com relação a tecnologias complexas como a fala, a escrita alfabética, a agricultura ou o dinheiro, por exemplo, que mesmo naturalizadas na cultura não deixam de fomentar transformações ecológicas na sociedade na qual estão solidamente implementadas.

Além dos termos mídia e tecnologia, a reflexão sobre o próprio conceito de comunicação pode também ser considerada um importante pano de fundo desse debate. Alguns autores identificam dois conceitos alternativos que coexistem desde o século XIX, significando “comunicação como transmissão” e “comunicação como ritual”, derivadas de “dife-

rentes regiões da experiência religiosa” (CAREY, 1989). A primeira, que enfatiza a “mensagem (conteúdo) a ser transmitida, valoriza a transmissão de sinais no espaço com o propósito de controle” (CAREY, 1989). A segunda, enfatiza a experiência, a dimensão coletiva, portanto ritual.

Apesar das noções básicas de mídia, tecnologia e comunicação serem centrais na reflexão sobre a área de conhecimento da Comunicação, o uso intercambiável do termo “mídia” pode reduzir a compreensão do fenômeno ao negligenciar a dimensão de mediação técnica desta noção.

Epistemologia e pragmática

A Filosofia norte-americana desenvolveu no final do século XIX (particularmente William James e Charles Sanders Peirce) uma vertente dedicada às consequências da ação humana. O Pragmatismo, disciplina que se situa entre a Filosofia e a Linguística, tenta identificar em que medida o sentido humano de “realidade” é determinado pela linguagem. Peirce argumenta que a produção de sentido é orientada para a ação, e a ideia do que uma coisa “é” reside no somatório dos efeitos que podem ser concebidos como possíveis a partir dela.

Em outra vertente, na obra de Ludwig Wittgenstein (principalmente em “*Philosophical Investigations*”, 1953), o sentido de uma expressão reside em seus usos práticos; pela orientação de John Austin (1962) e John Searle (1965), a linguagem ordinária é vista como um recurso para a análise filosófica; autores como Jürgen Habermas (1984) veem no Pragmatismo um recurso técnico adequado para a renovação de uma filosofia transcendental da comunicação. Segundo essa perspectiva, então, a comunicação é inseparável do ato social no qual está inserida. É a partir da mediação comunicativa que se realiza a ação social coletiva.

A obra-prima de G. H. Mead, “*Mind, Self and Society*” (1934), expressa em seu título os pontos centrais pelos quais ele entende a atividade humana. Mente, *Self* e Sociedade são elementos diversos de um mesmo processo social. Mead adota esses três pontos como suas unidades analíticas básicas. Ao se opor desta maneira ao Behaviorismo, ele busca evitar

reduzir as ações humanas a operações de estímulo-resposta e considerar a capacidade humana de atribuir sentidos aos objetos do mundo.

Nesse sentido, uma Ciência da Comunicação baseada no conteúdo informacional parece não considerar, por exemplo, a prioridade do sentido negociado no contexto e das interações sociais, a prioridade da compreensão sobre a informação e a prioridade da comunicação sobre a transmissão.

Carey (1989, p. 23) afirma que “comunicação é um processo simbólico pelo qual a realidade é produzida, mantida, reparada e transformada”. Essa definição desafia o dualismo naturalizado entre fato e discurso, e entre realidade e linguagem. Isso quer dizer que a “realidade” é um produto simbólico, isto é, social. Em síntese, “[a] realidade é construída pela comunicação por meio do uso de formas simbólicas” (CAREY, 1989, p. 25).

As várias metáforas utilizadas e distinções realizadas evidenciam a existência de pelo menos duas perspectivas teóricas a orientar a pesquisa comunicacional: uma focada na informação, que entende a comunicação como transmissão de informação e as pessoas (a “audiência” ou o “público”) são vistas como recipientes receptores de mensagens; e outra, focado na pragmática das situações sociais, integra abordagens culturais com práticas de comunicação.

A perspectiva transmissional parece dominante, contra uma tímida participação da posição relacional. Como visto em estudos anteriores (BRAGA, 2016), essa hegemonia reflete tanto na formação em Comunicação como nas práticas profissionais, que tem como pressuposto naturalizado um esquema linear de transmissão de sinais entre emissão e recepção, mesmo quando considerada alguma flexibilidade nesses dois polos. Acerca disso, consideramos anteriormente que

[o] ensino da comunicação, entendida como processo técnico de transmissão de informações, muitas vezes reifica as mídias como agentes discursivos, despersonalizando os processos sociais. Assim, relações de poder e desigualdades observadas nesses contextos são compreendidas como resultado de práticas midiáticas em vez de processos humanos, que se utilizam dos veículos de comunicação para ampliar seus domínios no tempo e no espaço. [...] Além disso, o campo de estudos da comunicação, ao pensar as práticas comunicacionais, tomam de empréstimo conceitos cunhados no contexto de mercado, que visam à otimização de lucros empresariais. Conceitos como “público-alvo”, “mercado”, “índice de audiência” ou “identidade de marca” carregam seus fundamentos ideológicos de origem. A adoção desproblematizada desse tipo de jargão pela pesquisa científica evidencia certa colonização dos estudos de comunicação pela lógica do Marketing. O uso disseminado de expressões como “a mídia”, “consumo cultural”, “cultura de nicho”, “audiências” etc., deixa clara a rendição do pensamento científico à lógica do mercado, ensinada nos cursos de Comunicação a partir da perspectiva transmissional. (BRAGA, 2016, p. 191).

O maniqueísmo teórico também pode ser elencado como consequência da perspectiva transmissional:

Ao relegar ou ignorar as características dos dispositivos naturais de enunciação, como a linguagem, corre-se o risco de contribuir para a invisibilização dos processos midiáticos, imputando às mídias de modo maniqueísta problemas e questões de origem social. Separando artificialmente “a mídia” da “sociedade”, esta posição promove um falso debate, entre quem seria “contra” ou “a favor” da ação midiática sobre a sociedade.” (BRAGA, 2016, p. 192)

A comunicação é ação coletiva, e problemas de comunicação são “problemas de comunidade”, como afirma Carey (1989). Em tempos de protagonismo dos sujeitos, o desafio é pensar a comunicação como um complexo conjunto de interações cooperativas, um fenômeno humano, evitando o risco de ser reduzida à ação institucional.

Ao prefaciar esta obra, é importante reconhecer o valor da iniciativa de Maria Ângela Mattos e Tiago Barcelos Pereira Salgado, tanto na produção e organização da série de depoimentos em vídeo quanto em sua transcrição e editoração no presente volume. Com este livro, resultado de um estudo metodologicamente muito bem conduzido, apresentado no primeiro capítulo, podemos apreender este caráter teórico de fundo que perpassa toda e qualquer pesquisa científica. O olhar agudo da organizadora e do organizador, conforme o livro que temos em mãos, ensinam-nos a importância de considerar que aquilo que se apresenta como teoria da pesquisa é inseparável das epistemes que a constituem.

Em “Percurso epistemológicos no Brasil: 20 anos do GT de Epistemologia da Comunicação da Compós”, encontramos um painel de narrativas sobre os percursos pessoais de membros de um campo acadêmico em contínua formação. O livro que Maria Ângela e Tiago Salgado disponibilizam é um precioso ponto de partida, um convite para a inclusão definitiva da reflexão epistemológica na realização da pesquisa e na construção do saber comunicacional.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.
- AUSTIN, J. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BRAGA, A. Que comunicação ensina afinal o curso de Comunicação? In: BRUCK, M. S.; OLIVEIRA, M. E. (org). **Atividade comunicacional em ambientes mediáticos**. São Paulo: Intermeios, 2016. p. 187-194.
- CAREY, J. **Communication as Culture**. Boston: Unwin Hyman, 1989.
- HABERMAS, J. **The Theory of Communicative Action**. Boston: Beacon Press, 1984.
- MCLUHAN, M. **Understanding Media: Extensions of Man**. MacGraw Hill: New York, NY, USA, 1964.
- MEAD, G. H. **Mind, Self and Society: from the standpoint of a social behaviorist**. Chicago, The University of Chicago Press, 1974 [1934].
- SEARLE, J. What is a Speech Act. In: BLACK, M. (ed.) **Philosophy in America**. Pennsylvania. Cornell University Press, 1965. p. 221-239.
- WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations**. London: Blackwell Publishing, 2001 [1953].

APRESENTAÇÃO - PERCURSOS E EPISTEMOLOGIAS COMUNICACIONAIS NA COMPÓS

Tiago Barcelos Pereira Salgado¹ e Maria Ângela Mattos²

Em 2021, durante a pandemia de Covid-19 que se instaurou sobre o Brasil e o sobre o mundo, nós nos vimos diante de um grande desafio: manter o diálogo entre grupos de pesquisa e entre pesquisadores e pesquisadoras da Comunicação em ambientes *online*. O recente cenário que se impôs sobre todos e todas nós, de um regime remoto de aulas, palestras, eventos, conferências, congressos e *lives*, levou-nos a repensar o modo como o grupo de pesquisa Campo Comunicacional e suas Interfaces (CCI) (PUC Minas/CNPq) iria conduzir suas atividades naquele ano.

Desde o início da pandemia, em 2020, nossas reuniões vinham sendo feitas de modo remoto, com discussões abertas para demais interessados e interessadas de outras universidades. Com as possibilidades que o digital oferecia, optamos por realizar, em 2021, em função da comemoração dos 20 anos de atividade do GT Epistemologia da Co-

1 Maria Ângela Mattos é ex-professora da PUC Minas, tendo atuado nos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, e no curso de Pós-Graduação em Comunicação (mestrado) dessa organização. Possui pós-doutorado em Comunicação pela Universidad Jesuíta de Guadalajara (ITESO, México). É doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ e coordenadora do grupo de pesquisa Campo Comunicacional e suas Interfaces (PUC Minas/CNPq). E-mail: mattos.maria.angela@gmail.com

2 Tiago Barcelos Pereira Salgado é professor de cursos de Comunicação na PUC Minas e na UFMG. Possui pós-doutorado em Comunicação pela PUC Minas. É doutor em Comunicação pela UFMG, com estágio doutoral na EHESS (Paris, França). É pesquisador colaborador do grupo de pesquisa Campo Comunicacional e suas Interfaces (PUC Minas/CNPq) e do RES-T (UFMG/CNPq). E-mail: tigubarcelos@gmail.com

municação da Compós, uma série de *lives* com professores e professoras que mais apresentaram nesse GT. O grupo é um espaço com o qual passamos a nos familiarizar a partir de 2020, quando apresentamos um texto acerca dos diferentes sentidos históricos adquiridos pelo termo “comunicação” desde a sua concepção nos séculos XIV e XV até a contemporaneidade, marcada pelo advento dos meios de comunicação de massa e, mais recentemente, pelos meios digitais.

Em 2021, também tivemos um outro trabalho aceito para ser apresentado no mesmo GT, acerca dos vinte anos de atividade desse grupo na Compós. Esse trabalho foi revisto e atualizado e é o primeiro capítulo deste livro, tendo em vista apresentar aos leitores e às leitoras um breve panorama sobre os anos de atividade do referido GT, os principais temas discutidos e as referências mais citadas, visando a explicitar um percurso próprio de abordagens epistemológicas comunicacionais brasileiras, certamente únicas e plurais, mas com possibilidades de diálogo. Com base nesse trabalho, que escrevemos de um ano para o outro, optamos por realizar as *lives* com quem mais apresentou no GT em todo o período de realização do mesmo no canal do CCI no YouTube. Assim, durante o final do primeiro semestre e início do segundo semestre de 2021, realizamos um total de oito *lives* com os seguintes professores e professoras, segundo a ordem cronológica de cada diálogo, conforme quem mais apresentou e a disponibilidade de data de cada entrevistado e entrevistada:

- a) Lucrécia Ferrara, 16 de junho de 2021,
- b) Luiz Signates, 23 de junho de 2021,
- c) José Luiz Braga, 7 de julho de 2021,
- d) Luiz Cláudio Martino, 21 de julho de 2021,
- e) Jairo Ferreira, 18 de agosto de 2021,
- f) Francisco Pimenta, 1 de setembro de 2021,
- g) Vera França, 15 de setembro de 2021,
- h) Luís Mauro Sá Martino, 27 de setembro de 2021.

Preparamos um roteiro básico com questões comuns aos professores e às professoras, mesclando as perguntas iniciais com outras, que foram ajustadas ao percurso epistemológico de cada um, mas sem seguir um roteiro fechado, de modo a propiciar um debate livre e reflexivo acerca das questões colocadas no final das *lives* pelos públicos presentes (estudantes de graduação e pós-graduação, pesquisadores e pesquisadoras, e demais professores e professoras). As *lives* tiveram, em média, a duração de 40 minutos. Ao final, mais 20 minutos foram dedicados às perguntas dos participantes e das respostas dos professores e das professoras. Em 2022, as *lives* foram transcritas pelo grupo CCI e posteriormente revisadas por cada entrevistado/a. Disponibilizamos o QR Code de cada *live* para acesso dos vídeos no canal do CCI no YouTube no início de cada capítulo.

Procuramos favorecer um clima descontraído e de cordialidade nessas conversas, como também buscamos possibilitar um espaço de interação entre entrevistadora e entrevistados. Para tanto, visamos a assegurar um espaço de sociabilidade e solidariedade, sempre presentes entre os participantes do GT de Epistemologia da Comunicação nos encontros anuais da Compós, seja durante o cafezinho (quando os encontros eram presenciais), nos intervalos, ou nos encontros *online*, durante o debate de cada trabalho apresentado, sem perder o rigor e a qualidade das análises, das proposições e das reflexões dos pareceristas e dos participantes durante as discussões ocorridas ao longo de dois dias de apresentação dos trabalhos de cada GT do evento.

Em função do falecimento do professor Ciro Marcondes Filho, da Escola de Comunicação e Artes da USP – um pesquisador e estúdio da linha de frente na área teórica e epistemológica da Comunicação e participante do GT de Epistemologia da Comunicação, tendo escrito seis textos desde 2011 até 2020, ano de sua morte – não tivemos a oportunidade de entrevistá-lo. No entanto, escrevemos um texto sobre ele, sobre seu percurso no GT, sobre suas proposições ontológica, meto-

dológica e teórica da comunicação, que foi publicado na revista *Questões Transversais da Unisinos*.³

A primeira *live*, realizada com a profa. Lucrécia Ferrara recupera o percurso acadêmico e o pioneirismo dela na condução dos primeiros cursos de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – Psicologia da Educação, Linguística Aplicada no Ensino de Língua Estrangeira e Teoria Literária. A entrevista também trata de sua docência e coordenação do Departamento de Letras da Faculdade da PUC-SP durante as décadas de 1960 e 1970, bem como a sua participação em um grupo de intelectuais brasileiros responsáveis pela criação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica na mesma universidade. Entre os membros desse grupo, Lucrécia destaca o professor Décio Pignatari que, juntamente com ela, construíram o projeto propositivo de tal curso após a recém-chegada da professora da França. Nesse país, ela realizou um pós-doutorado, em 1971, e trabalhou com Roland Barthes, um estruturalista interdisciplinar, conforme a sua visão. A passagem pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP também contribuiu para a formação plural da professora na interface com diversas áreas das Ciências Humanas. Ademais, Lucrécia evidencia as contribuições da Semiótica para o campo comunicacional e vice-versa, sua concepção alargada desses dois campos, assim como seu percurso no GT de Epistemologia da Comunicação da Compós, acompanhada de uma rica discussão sobre a sua perspectiva epistemológica da comunicação.

O professor de diversas disciplinas na Universidade Federal de Goiás (UFG), entre elas algumas ligadas à área de Comunicação, seja no âmbito da graduação ou da pós-graduação, Luiz Signates, também faz um recorrido de seu percurso no campo comunicacional, desde o mes-

3 SALGADO, T. B. P.; MATTOS, M. A. A comunicação para Ciro Marcodes Filho: sua trajetória no GT de Epistemologia da Comunicação da Compós. **Questões Transversais**, v. 9, n. 18, p. 13-21, jul./dez. 2021. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/23021/60748949>. Acesso em: 20 jun. 2022

trado (1996-1998), na UnB, e o doutorado (1998-2001), na ECA-USP, até a sua inserção como participante e coordenador do GT de Epistemologia da Comunicação da Compós. A convite do professor Luiz C. Martino (UnB), Signates conta que começou a participar do GT logo no seu início, em 2001, quando foi instituído. Esse período coincidiu com a defesa da tese que ele desenvolveu sobre a Teoria da Ação Comunicativa, proposta por Jürgen Habermas. No ano seguinte, ele assumiu a coordenação do GT. Dos vinte anos de realização do GT, Signates ficou na coordenação e vice-coordenação do mesmo por um período de seis anos. Para o professor, não há um conceito único de comunicação, mas diversas possibilidades de articulação desse conceito, tanto com a informação quanto com as suas dimensões de vinculação social (Muniz Sodré), de troca simbólica que provoca transformação radical no outro (Ciro Marcondes Filho), de interação comunicacional (José Luis Braga), entre várias outras noções propostas pelos/as estudiosos/as brasileiros/as sobretudo, participantes do GT. Na interface com vários campos de conhecimento, como Ciência Política, Religião e Educação, Signates propõe uma perspectiva epistemológica para a comunicação centrada nos tensionamentos que acontecem entre as problemáticas comunicacionais e simbólicas que se manifestam em diferentes áreas do saber nas Ciências Humanas e Sociais. Na *live*, encontramos uma diversidade conceitual e epistemológica, bem como caminhos percorridos por ele e por seus colegas de GT de diversos Programas de Pós-Graduação no Brasil.

O professor José Luiz Braga utiliza, muito apropriadamente, o termo “nômade” para se referir ao seu processo de conhecimento comunicacional. Ele faz questão de dizer que valoriza o seu percurso por ser marcado por errâncias e entrelaçamentos entre a sua experiência acadêmica em diversas áreas do conhecimento – graduação em Direito, especialização em Ciência Política, mestrado em Educação e doutorado em Comunicação – e aprendizado em processos da prática. Nessa direção, ele ressalta quatro conjuntos de seu processo formativo, caracterizado pela diversidade: a prática, a formação acadêmica, os processos de

conversa o social e o próprio fato de ensinar. Este último também se configura como aprendizado, pois aprende-se dando aulas (de francês, de métodos de pesquisa, entre outras disciplinas).   justamente tal diversidade de forma es que o encaminharam para o GT de Epistemologia da Comunica o da Compós, um espaço que o tornou “um prático da epistemologia”. Para Braga, esse GT   fundamentalmente o espaço da discussão e da diversidade. Ele participa do GT desde 2007, ocasião em que parou de circular em outros GTs da Compós, como Estudos do Discurso e da Comunica o, Experiência Est tica, Comunica o e Política, e Média e Recep o. Na *live*, o professor reflete sobre vários conceitos caros   sua forma o plural em Comunica o e em outras áreas das Ciências Humanas e Sociais. Ele destaca a metáfora do “desentranhamento”, de ordem arqueológica, que passou a utilizar nos últimos anos, bem como evidencia as peculiaridades da comunica o e suas diferentes abordagens teóricas. Braga também aborda a articula o entre as no es de intera o, media o e midiaticiza o. Enfim, a entrevista abarca um espectro largo de questões teóricas, conceituais, contextuais e práticos do conhecimento comunicacional.

Um dos precursores do GT de Epistemologia da Comunica o da Compós, que assumiu a gestão desse grupo quando foi criado, Luiz Claudio Martino, se insere na área da Comunica o com uma forte base interdisciplinar oriunda de diversas disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, começando pela Psicologia –  rea de sua gradua o – seguida pela Filosofia, pela Comunica o, pela Sociologia, pela História até pela sua (re)inser o nas áreas de Teorias e Epistemologia da Comunica o. Segundo Martino, a Comunica o chega através da questão dos meios de comunica o, sob uma perspectiva filosófica, deslocando-se, posteriormente, para uma perspectiva eminentemente comunicacional, sem perder de vista as contribui es que as outras áreas trazem para o saber comunicacional. Sob uma  tica histórica, ele considera que não se pode separar a comunica o dos meios, como também o midiático do não midiático na contemporaneidade,   medida que o estudo da comunica o

começa justamente no contexto em que o midiático, a tecnologia, funde-se e transforma de maneira profunda e estrutural, o plano simbólico. Na *live*, Martino relata uma pesquisa que mapeou as teorias da comunicação com base na literatura responsável pela formação acadêmica em Comunicação, nos universos da língua francesa, espanhola e inglesa, trazendo conclusões preocupantes sobre a “diversidade” de teorias e abordagens presentes nos livros utilizados no ensino de comunicação. Uma conclusão central dessa pesquisa, que sintetiza em boa medida o pensamento de Martino sobre a Epistemologia da Comunicação é que há uma ausência de um trabalho epistemológico na área. Nesse sentido, ele enfatiza que o somatório dessas teorias passou a ser denominado “diversidade”, elogiado por alguns estudiosos como complexidade, interdisciplinaridade, trans, multi e indisciplinaridade. Trata-se de um diagnóstico que ainda permanece na área, onde o termo epistemologia da comunicação é deslocado para a diversidade, ganhando mais um sentido político do que propriamente um caráter científico e disciplinar. A despeito disso, o relato de Martino não deixa de reconhecer os avanços e as contribuições do GT como um espaço de interlocução entre pesquisadores.

Jairo Ferreira, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, revela experiências inusitadas em sua fase inicial de formação pessoal iniciada em Portugal, na cidade de Seixal, em plena Revolução dos Cravos. Ainda bem jovem, Ferreira se fascinou com o trabalho que desenvolvia naquele período com o cine-clubes junto às comunidades agrícolas daquele país. Outra fascinação era com o jornalismo, como leitor do *Opinião* e do *Estadão*, antes de ir para Portugal. A partir do seu envolvimento e de sua participação no Conselho Popular de Seixal, inspirado no internacionalismo proletário, Jairo enveredou pela as áreas da Política e, posteriormente, das Ciências Humanas e Sociais. Quando regressou ao Brasil, entrou para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a orientação do Partido Comunista e do PCB, uma vez que estava sendo perseguido pelas forças militares da ditadura. Assim, no primeiro momento de seu percurso acadêmico, cur-

sou Economia e, a seguir, decidiu fazer graduação em Jornalismo e trabalhar como assessor de imprensa e assessor parlamentar. Após atuar no jornalismo de esquerda, revolveu “pendurar as chuteiras” e se dedicou a sua outra paixão: a Ciência, especialmente a Comunicação, embora tenha feito o mestrado em Sociologia e o doutorado em Informática da Educação. Para ele, muito do que aprendeu nessa “perambulação teórica” na Sociologia, Psicologia cognitiva, enfim, na sua vasta experiência política, foi fundamental para se inserir na área da Epistemologia da Comunicação, especificamente no GT de Epistemologia da Comunicação da Compós. Ferreira enfatiza que esse GT caiu como uma luva, lembrando que, no período inicial, seus participantes se envolveram na busca por uma identidade disciplinar e científica para a área. No entanto, essa fase foi superada quando os integrantes do GT começaram a questionar certa obsessão disciplinar, adquirindo ao longo dos anos uma autoconfiança e superando a angústia da crise de identidade. Hoje, Jairo Ferreira considera que tanto os participantes desse GT quanto os de outros GTs da Compós e mesmo aqueles estudiosos que não estão na Compós, debatem e oferecem perspectivas mais refinadas e compreensivas sobre o campo comunicacional. Em síntese, oferecem uma inteligibilidade mais madura e plural sobre a comunicação.

O professor e pesquisador da Comunicação da UFJF, Francisco Pimenta, participante assíduo do GT de Epistemologia da Comunicação, considera que esse grupo tem sido uma das principais motivações para trabalhar na pós-graduação da área. Um dos signatários da criação do PPGCom da UFJF, Pimenta enfatiza que sua inserção na Compós possibilitou várias aproximações com pesquisadores da área. Isso foi imprescindível para a montagem do curso de Comunicação da UFJF, além de ter aberto várias frentes de trabalho conjunto com outras universidades. No entanto, Francisco lamenta a pouca interlocução entre os trabalhos que apresenta na Compós, todos baseados na Semiótica, sua área de conhecimento e formação (mestrado e doutorado). Ele acrescenta que ocorre o mesmo com as abordagens teóricas e epistemológicas

da Comunicação, pois têm pouca aderência de pesquisadores do campo comunicacional. Paradoxalmente, na reativagem dos GTs da Compós, em 2018, o grupo de Epistemologia da Comunicação foi o mais votado para permanecer em atividade.⁴ Pimenta também ressalta a exclusão dos cursos de graduação em Comunicação na última reforma curricular realizada pelo MEC, prevalecendo as habilitações profissionais e a ênfase na formação técnica dos comunicadores. Tal reforma foi definida sem nenhum debate com a comunidade acadêmica, complementa Francisco. Agora, quem sofre as consequências são os/as estudantes e a sociedade brasileira, pois a formação se voltou mais para nichos específicos e não para tarefas variadas ligadas ao campo dialogante da Comunicação. Na avaliação de Francisco Pimenta, isso é decorrente de um debate e reflexão sobre a área epistemológica da Comunicação.

Vera França, uma das signatárias da criação do GT de Epistemologia da Comunicação, conta que a sua inserção na área de Comunicação começou meio por acaso, quando resolveu fazer o curso de Comunicação da PUC Minas, no início da década de 1970, uma vez que seu interesse imediato se situava no curso de Letras, pelo fato de ter afinidade com o campo das linguagens. Foi também por acaso que ela resolveu fazer o mestrado em Comunicação na UnB. Ao concluir esse curso, ela voltou para Belo Horizonte e começou a dar aulas, primeiro na Newton Paiva e, logo depois, na UFMG, onde passou no concurso para dar aula em Comunicação. Segundo França, ela não havia pensado antes em dar aulas. Hoje, ela contabiliza 40 anos de docência na UFMG. Já como professora dessa universidade, no final dos anos 1980, na França, realizou o doutorado e, posteriormente, entre 2005 e 2006, o pós-doutorado. Sob orientação de Michel Maffesoli, investigou a relação entre o Jornal Estado de Minas e a mineiridade no doutorado. Em decorrência de ter

4 Segundo o atual coordenador do GT de Epistemologia da Comunicação, Luís Mauro Sá Martino, em outra reativagem, realizada em junho de 2022, a exemplo do que aconteceu nas últimas reativagens, o GT esteve novamente entre os mais votados.

trabalhado com Louis Quéré, durante o pós-doutorado em Paris, e de ampliar suas referências de autores ligados ao Interacionismo Simbólico, Vera se identifica com pensadores como George H. Mead e John Dewey. Trata-se, para ela, de uma escola de pensamento, de um modelo de ciência que considera a nossa ação no mundo como ponto de partida, isto é, o Pragmatismo. Desde então, Vera se interessou por esse caminho devido à sua afinidade com a indagação central do Pragmatismo que “parte de nossa experiência e dos desdobramentos da experiência” e “considera a comunicação como esse elemento que nos possibilita organizar a experiência, partilhar e viver junto com os outros”. Em seu relato, a professora acentua muitas questões relevantes e pertinentes ao campo comunicacional, bem como avalia a sua participação no GT de Epistemologia da Comunicação.

O atual coordenador do GT de Epistemologia da Comunicação, Luís Mauro Sá Martino, participa do grupo desde 2010, quando começou a lecionar no PPGCom da Cásper Líbero, pois já era professor horista do curso de Jornalismo dessa faculdade. Ele ressalta que sua relação com o GT é afetiva, ou seja, não apenas institucional. Martino foi vice-coordenador por dois anos e coordenador por três anos, além de apresentar trabalhos por diversos anos. Para o professor, o GT de Epistemologia da Comunicação tem um diferencial importante em relação aos outros GTs da Compós em face do seu recorte temático, centrado na produção de conhecimento da própria área de Comunicação, isto é, reflete sobre e debate questões teóricas e metodológicas do campo comunicacional. A formação de Luís Mauro decorre da interface entre Jornalismo, Ciências Sociais e Comunicação, uma vez que deu aula de Teorias da Comunicação no curso de graduação da Cásper Líbero, realizou o mestrado e o doutorado em Ciências Sociais na PUC-SP e, depois, integrou-se ao PPGCom da Cásper Líbero. O conceito de comunicação com o qual Martino trabalha articula as dimensões ética e estética dos processos comunicacionais. Para o professor, a comunicação é um ato ético por si porque se trata de um encontro com o outro. Esse encontro

é uma interação, um compartilhamento mediado por símbolos. Trata-se de uma interação ética, que acontece na esfera do sensível, permeada por diferenças e desigualdades, o que nos leva a pensar em uma estética da Comunicação. Além dessas questões conceituais, Martino discute vários outros assuntos em suas múltiplas dimensões, como questões de cunho epistemológico, de sua prática de pesquisa e dos estudos sobre mediação da religião, entre outros.

Fica o convite para a leitura dos relatos dos percursos de cada professor e professora entrevistados na série de *lives* que o grupo de pesquisa Campo Comunicacional e suas Interfaces (CCI) realizou em 2021 e que agora estão disponíveis neste *e-book*. Também é possível assistir na íntegra os vídeos de cada *live* no canal oficial do grupo no YouTube, por meio do acesso via QR Code de cada *live* disponibilizados na abertura de cada capítulo. Certamente que cada narrativa é única e contribui, em coro com as demais, com o histórico do GT de Epistemologia da Comunicação da Compós e da pesquisa em Comunicação no Brasil. Boa leitura.

ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS COMUNICACIONAIS BRASILEIRAS EM 20 ANOS DA COMPÓS¹

Tiago Barcelos Pereira Salgado e Maria Ângela Mattos

O grupo de trabalho (GT) Epistemologia da Comunicação, da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), do Brasil, completa 20 anos de atividade em 2021, enquanto o próprio evento completa 30 anos. Desde o primeiro ano de atividade desse GT, em Brasília, em 2001, os trabalhos nele apresentados se voltam para o estudo da comunicação, como área de conhecimento e pesquisa. Os textos buscam caracterizar o objeto da área de comunicação e apresentar perspectivas para a investigação desse objeto conforme o quadro das disciplinas sociais, de acordo com a ementa do referido grupo no site oficial do evento.²

O referido GT acolhe pesquisas inscritas nas mais variadas abordagens teóricas no intuito de debater e refletir sobre propostas epistemológicas e metodológicas, contando também com reflexões que derivam de pesquisas empíricas. O grupo busca dialogar com as demais temáticas e grupos de trabalho da Compós e com as linhas de pesquisa

1 Versão revista e atualizada de texto apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação durante o 31º Encontro Anual do Compós, realizado entre 6 a 10 de junho de 2022 em modalidade remota, organizado pela UFMA. A versão inicial do texto está disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2021/papers/constituicao-do-pensamento-comunicacional-brasileiro--20-anos-do-gt-epistemologia-da-comunicacao-da-compos>. Acesso em: 2 maio 2022.

2 Disponível em: <https://compos.org.br/gt/epistemologia-da-comunicacao/>. Acesso em: 8 mar. 2021.

dos 52 Programas de Pós-Graduação em Comunicação ou afins associados a tal organização.³ Assim, o GT revisa paradigmas clássicos da Comunicação e destaca as transformações dos processos sociais que visam a estabelecer novos parâmetros analíticos, de modo a discutir conceitualmente os fundamentos epistemológicos da Comunicação. O GT também propõe outras abordagens, a exemplo de *Ciro Marcondes Filho*, que se destacou durante o seu percurso na *Compós* com proposição de uma Nova Teoria da Comunicação e um novo método de investigação, denominado *Metáporo*.

O percurso desse espaço de pesquisa foi abordado antes por *Braga* (2011, p. 1), ao investigar “cem artigos de notação empírica apresentados na *Compós*”, convocando pesquisadores e pesquisadoras a enfrentarem a dispersão em meio à variedade de tratamentos possíveis aos fenômenos comunicacionais. *Martino* (2014) também percorreu a trajetória do mesmo GT, investigando como se constitui a questão epistemológica em tal grupo, em 126 artigos apresentados entre 2001 e 2013. Ao observar as referências e os temas utilizados, tal autor identifica que há concentração de pesquisas dedicadas a teorias específicas, como a Teoria Crítica ou a Semiótica. As produções também se debruçam sobre as fronteiras da área de Comunicação, seus métodos, seus objetos e autores. *Martino* (2014) conclui que há diversidade conceitual em função de mais da metade dos/as autores/as serem citados/as uma única vez. Uma de suas considerações finais é que o estudo realizado parece sugerir uma tensão constante entre riqueza e diversidade de abordagens e perspectivas e, ao mesmo tempo, riscos de dispersão epistemológica. Iremos contrastar os resultados de nossa investigação com os de *Martino* (2014).

O mesmo GT também foi objeto de investigação de *Mattos e Oliveira* (2018), quando ambos realizaram uma metapesquisa acerca do capital teórico dos processos de interação comunicacional e/ou mediada em textos apresentados nos diversos GTs da *Compós* ativos

3 A lista completa das entidades associadas está disponível em: <https://compos.org.br/programas/.php>. Acesso em: 12 mar. 2021.

entre 2001 e 2010. O artigo dos dois é parte de uma pesquisa maior que culminou na publicação do livro “Metapesquisa em Comunicação: o interacional e seu capital teórico nos textos da Compós”, publicado em 2018. Na obra, Mattos, Barros e Oliveira (2018) se dedicam apenas a seis textos apresentados no GT Epistemologia da Comunicação, durante a sua primeira década de realização, considerando apenas o conteúdo dos textos como objeto de investigação, sem atentarem quantitativa e qualitativamente para as referências de cada texto.

Outros trabalhos também focaram no GT Epistemologia da Comunicação e nos GTs da Compós. Costa e Lacerda (2015a, 2015b) se dedicaram aos períodos de 2001 a 2006 e 2007 a 2013, respectivamente, em dois textos apresentados ao Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) em 2015. Os autores se voltaram exclusivamente para o ângulo da comunicação midiática, explorada nos trabalhos apresentados ao GT Epistemologia da Comunicação da Compós. Os trabalhos analisados por ambos discorrem acerca da formação do campo da Comunicação, seu caráter epistemológico, seu objeto de estudo, suas dimensões de inter e transdisciplinaridade, as concepções, as escolas, as abordagens e os modelos clássicos e contemporâneos acerca da comunicação, as noções correlatas de mediação e interação, as mídias e suas dimensões técnicas e de linguagem, bem como as diversidades empíricas dos fenômenos comunicacionais.

França e outros (2016, 2018, 2019), bem como Simões e outros (2019, 2020a, 2020b) trataram dos anos de 2006 a 2015 dos diferentes GTs da Compós. As autoras e os autores questionam: “Quais [são] os campos teóricos que sustentam as pesquisas atualmente desenvolvidas na área de Comunicação?” (FRANÇA *et al.*, 2016, p. 58). Lemos e Bitencourt (2020) analisaram os textos apresentados no GT entre 2017 e 2019, conjugando-os com os textos apresentados no GT de Cibercultura, do mesmo evento, no mesmo período, considerando a qualidade antropocêntrica ou não das produções, bem como a abertura delas às teorias neomaterialistas.

Todavia, os/as pesquisadores/as mencionados/as não apresentaram quais foram as nacionalidades (vínculo institucional mais recente ou de maior período) mais citadas, bem como os gêneros⁴ das autorias referenciadas nos textos e suas disparidades em termos de representatividade em todo o conjunto – França e outros (2016, 2018, 2019) e Simões e outros (2019, 2020a, 2020b) apenas diferenciaram brasileiros e estrangeiros. Os/as pesquisadores/as também não apresentaram dados relativos a quais autores/as mais apresentaram no período investigado, quais foram as universidades e os estados mais representativos, e quais são os gêneros das autorias que apresentaram e das autorias referenciadas.

Em vista disso, este texto busca suprir essa lacuna ao investigar tais quesitos em 20 anos de realização do GT Epistemologia da Comunicação da Compós (2001-2020). Nesse sentido, este texto assume importância e relevância para o referido GT, para o evento da Compós e para o campo da Comunicação ao abordar e suprir tais informações relativas ao perfil das autorias citadas e das autorias dos textos apresentados no referido encontro.

Igualmente, este texto busca apontar quais são as obras mais citadas e quais são as autorias dos textos com maior número de citações. Desse modo, este trabalho visa a traçar um panorama acerca das abordagens epistemológicas comunicacionais brasileiras, delimitadas em 20 anos de realização do GT Epistemologia da Comunicação da Compós, em função de esse período ainda não ter sido tratado em produções da área. Ademais, esta investigação procura fazer uma leitura dos títulos e dos resumos dos trabalhos apresentados, aos moldes empreendidos por Martino (2014), e acrescentar uma leitura inicial panorâmica do conteúdo dos textos, apontando e discutindo o que foi mais tematizado acerca da comunicação e da epistemologia da comunicação.

4 Para fins deste trabalho adotamos apenas as categorias de masculino e feminino, ainda que as autorias possam se identificar com outros gêneros. A atribuição de uma ou outra categoria tomou como critério o nome e a foto de rosto da autoria.

Para tanto, realizamos a coleta manual dos seguintes dados:

a) nome de autores/as referenciados/as, b) se houve coautoria ou não, c) se houve autocitação ou não, d) os gêneros das autorias referenciadas (feminino ou masculino), e) a nacionalidade da referência quanto a seu vínculo institucional mais recente, de maior duração ou quando da escrita do texto ou da obra, f) o nome da obra citada, g) o nome do texto apresentado, h) o GT referente, i) o ano de apresentação, j) o(s) nome(s) da(s) autoria(s) que apresentaram, k) o(s) gênero(s) dessa(s) autoria(s), l) a(s) universidade dessa(s) autoria(s) e m) o(s) estado(s) dessa(s) autoria(s).

A coleta foi feita com base nos arquivos em PDF dos textos apresentados e disponibilizados publicamente nos anais dos encontros da Compós, conforme o ano de realização, gratuitamente acessíveis pelo site oficial do evento, na aba Anais. Os dados foram sistematizados em uma tabela cujas colunas seguem a ordem dos metadados listados acima, de A a M. As linhas apresentam respectivamente os dados relativos a cada coluna. A leitura dos dados foi feita por meio de fórmulas específicas criadas com auxílio do *software* R Studio, interface para a linguagem de programação R. As fórmulas possibilitaram quantificar e detalhar os quesitos que ainda não haviam sido tratados por outros trabalhos acadêmicos, como os que indicamos antes.

Para a leitura inicial panorâmica dos títulos, dos resumos e dos conteúdos dos textos, coletados manualmente, recorreremos à ferramenta *word tree* (árvore de palavras), desenvolvida por Jason Davies e gratuitamente disponibilizada em seu site oficial.⁵ Essa ferramenta possibilita aglutinar palavras e expressões com maior ocorrência nos textos, bem como navegar entre elas e combiná-las, como ficará mais evidente no decorrer de nossa exposição.

A primeira seção deste texto apresenta o perfil das autorias que apresentaram no GT Epistemologia da Comunicação da Compós, destacando os nomes dessas autorias, os gêneros delas, as respectivas

5 Disponível em: <https://www.jasondavies.com/wordtree/>. Acesso em: 8 mar. 2021.

universidades às quais tais autorias se vincularam quando da escrita do texto e os estados aos quais as autorias se vincularam. A segunda apresenta os nomes das principais autorias referenciadas nos textos apresentados, se houve coautoria e/ou autocitação, o gênero dessas referências e a nacionalidade de vinculação institucional delas. A terceira trata das principais obras referenciadas e suas principais discussões afins ao GT. A quarta realiza uma leitura inicial panorâmica dos textos conforme as principais palavras e termos identificados pela ferramenta de nuvem de palavras, posteriormente analisadas por meio da ferramenta árvore de palavras. Por fim, as considerações finais retomam os resultados da análise empreendida e destacam o esforço coletivo do GT de constituição do campo da Comunicação por meio da elaboração de diversas abordagens epistemológicas acerca da comunicação que buscam frentes analíticas e proposições para a definição do objeto comunicacional.

Perfil das autorias com trabalhos apresentados

Em 20 anos de realização do GT Epistemologia da Comunicação da Compós, foram apresentados 196 trabalhos (com repetição de autorias), escritos por 121 pessoas distintas, sendo 52 mulheres e 69 homens. Há 164 textos com autorias únicas (113 só de homens e 51 só de mulheres), nove em coautoria entre mulheres, dez em coautoria entre homens e 13 em coautorias entre homens e mulheres. Os resultados apontam que os homens apresentaram duas vezes mais que as mulheres, tanto nas buscas por ocorrências distintas (apenas uma vez cada autoria) quanto por ocorrências múltiplas, ainda que haja um movimento de escrita coletiva entre ambos os gêneros. Ademais, apesar de haver variedade de mulheres que apresentam, a recorrência de homens é maior. Em outras palavras, os mesmos homens tendem a apresentar ao longo dos anos, enquanto mais mulheres diferentes tendem a participar do GT, mas com menor grau de recorrência.

Conforme a Tabela 1, Lucrécia D'Alessio Ferrara, professora titular emérita da PUC-SP, foi quem mais apresentou trabalhos, com um total de 13. Na segunda posição, com 11 trabalhos cada, temos o pro-

fessor Jairo Ferreira, da Unisinos, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, o professor Francisco Pimenta, vinculado à UFJF, em Juiz de Fora, Minas Gerais, e o professor da UnB, em Brasília, Luiz Claudio Martino. Em terceiro lugar está o professor José Luiz Braga, da Unisinos, com dez trabalhos. A quarta posição é ocupada pelo professor Luiz Signates, que integra o corpo docente da UFG, em Goiânia, em Goiás, com sete trabalhos. O recém falecido professor da USP (2019), Ciro Marcondes Filho, apresentou cinco vezes, tendo escrito seis trabalhos, sendo o último apresentado no ano de seu falecimento pelo coordenador do GT na época, Luiz Signates. A professora Irene Machado, também da USP, apresentou cinco trabalhos. Os demais autores e autoras apresentaram apenas três vezes ou ao menos uma vez. Observamos a predominância de homens e de autorias advindas, sobretudo, do Sudeste, com São Paulo representado três vezes, com PUC-SP (1) e USP (2).

Tabela 1 - Perfil de autorias com trabalhos apresentados no GT Epistemologia da Comunicação - 2001 a 2020 - Brasil

POSIÇÃO	AUTORIAS	NÚMERO DE TRABALHOS	UNIVERSIDADE
1	Lucrécia D'Alessio Ferrara	13	PUC-SP
2	Francisco Pimenta	11	UFJF (MG)
2	Jairo Ferreira	11	UNISINOS (RS)
2	Luiz Claudio Martino	11	UnB (GO)
3	José Luiz Braga	10	UNISINOS (RS)
4	Luiz Signates	7	UFG (GO)
5	Ciro Marcondes Filho	6	USP (SP)
6	Irene Machado	5	USP (SP)

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Os trabalhos de Lucrécia abordam, principalmente, a epistemologia e a construção do conhecimento em Comunicação, pelo viés da Semiótica elaborada por C. S. Peirce, e da Semiótica francesa, bem como segundo a Fenomenologia. Os autores mais citados por ela são, respectivamente, Giorgio Agamben, José Luiz Braga, Guy Debord, Vilém Flusser, Michel Foucault, Muniz Sodré, Zygmunt Bauman, C. S. Peirce e Boaventura Souza e Santos. Há predominância de homens europeus. Não há mulheres nas referências mais utilizadas pela professora.

Luiz C. Martino traz discussões acerca de abordagens, escolas, teorias e pensadores sobre a comunicação. Ele também discute a comunicação midiática. Os autores mais citados por ele são Elihu Katz, Armand Mattelart e Michèle Mattelart, Mauro Wolf, Philippe Breton, Paul Lazarsfeld, Karl Popper e Dominique Wolton. Há predomínio de homens europeus. A única mulher mencionada, a francesa Michèle Mattelart, é casada com o belga Armand Mattelart. Ambos são autores da mesma obra referenciada por Martino.

As produções de Jairo Ferreira tratam, particularmente, de pesquisas e métodos para a construção do objeto comunicacional e da configuração epistemológica do campo da Comunicação. Os autores mais citados por ele são Pierre Bourdieu, Eliseo Verón, José Luiz Braga, Jean Piaget e Luiz Claudio Martino. Há predominância de homens, europeus e latinos, dentre os quais dois brasileiros. Igualmente, não há mulheres.

José Luiz Braga é a referência mais citada, como veremos. Ele é um dos autores com mais autocitação, o que contribui para que seja o mais citado quando consideramos múltiplas ocorrências. Em toda a amostra, ele é o autor mais representativo, ou seja, aparece em uma maior diversidade de textos, para além de ser citado muitas vezes apenas por um único texto ou poucos textos. Os trabalhos dele versam sobre a condição epistemológica da comunicação (como disciplina e quais teorias convoca), as interfaces da Comunicação com outras áreas de conhecimento e a relação entre comunicação e interação. Os autores que ele mais cita são Ciro Marcondes Filho, Michel Foucault e Luiz Claudio Martino. Não há mulheres.

Braga não costuma citar muitos autores, mas, como dissemos, menciona muito seus próprios trabalhos. Isso pode indicar a originalidade de um pensamento especificamente comunicacional brasileiro, aspecto este que se aproxima e se soma ao fato de ele ser o autor mais citado e mais representativo. O fato de Marcondes Filho ser o autor mais citado por Braga é sintomático dos diversos embates e discussões que ambos tiveram ao longo dos anos no GT Epistemologias da Comunicação da Compós.

Os escritos de Francisco Pimenta focam na Semiótica elaborada por C. S. Peirce, de modo que este é o autor mais citado pelo professor brasileiro. Os textos de Pimenta se voltam, sobretudo, para a perspectiva semiótica e o Pragmaticismo peirciano. Os demais autores mais citados por ele são Ivo Assad Ibri, Dan Neshet, Lúcia Santaella e Lucrécia Ferrara. Cabe destacar que Pimenta também cita Jairo Ferreira, José Luiz Braga e Luiz Claudio Martino, sendo duas vezes cada. Isso impacta, em função da recorrência de vezes que Pimenta apresenta no GT, o número de citações que tais autores brasileiros recebem, de modo que contribui para que eles também sejam mais citados. Ademais, esse aspecto sinaliza a constituição, ainda que provisória e processual, de abordagens epistemológicas comunicacionais propriamente brasileiras, uma vez que tais autores se tornam citações recorrentes. Nos trabalhos de Pimenta já podemos identificar referência a mulheres – entre as mais citadas há duas brasileiras: Lúcia Santaella e Lucrécia Ferrara.

Os autores mais referenciados nos trabalhos de Luiz Signates são Jürgen Habermas, José Luiz Braga e John B. Thompson. Com apenas duas citações, ele cita outros autores que também apresentaram no GT, como Vera França, Ciro Marcondes e Luiz Claudio Martino. Esse mesmo aspecto, de citar autores que já apresentaram no GT aponta para a constituição histórica e processual de abordagens epistemológicas comunicacionais brasileiras. Assim como os demais autores que apresentaram, há predominância de referências masculinas estrangeiras. As produções de Signates focam os aspectos epistemológicos, institucionais, políticos, éticos e democráticos da comunicação. Apenas Vera França figura como a mulher mais citada nos trabalhos de Signates.

Os textos de Ciro Marcondes Filho visam a fundamentar e a apresentar seu grande projeto, nomeado por ele mesmo de Nova Teoria da Comunicação. Esse empreendimento extrapola os textos do GT e alcança publicações em revistas e livros, bem como debates e apresentações em seminários, palestras e congressos.⁶ A perspectiva de Ciro é fundamentalmente calcada no tratamento filosófico da comunicação, sobretudo por autores franceses e alemães, diretamente atrelados à sua formação acadêmica. O ponto central do argumento de Ciro é considerar a comunicação como rara – ou um acontecimento raro –, aspecto criticado nos vários embates com Braga. Os autores mais citados por ele são Gilles Deleuze, Emmanuel Lévinas, Henri Bergson e Félix Guattari. Novamente, há predomínio de homens europeus, notadamente franceses. Não há mulheres mais citadas.

Acerca da segunda posição das principais referências nos textos apresentados ao GT, ocupada por autores europeus, sobretudo franceses, é válido destacar o texto de Neto e Silva (2019), apresentado em 2019 no GT, acerca das origens brasileiras das Ciências da Comunicação. O texto destaca como tais origens estão diretamente atreladas à formação acadêmica francesa de docentes dos primeiros Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil, que também apresentaram no GT. O artigo menciona Ferrara, Braga e Marcondes Filho.

É válido destacar que Ferrara, Martino, Braga, Signates, Marcondes Filho e Machado não apresentaram nenhum texto em coautoria. Por outro lado, Ferreira e Pimenta tendem a apresentar textos em coautoria. Ferreira é quem mais apresenta diversidade de coautorias, com homens e mulheres. Igualmente cabe frisar que as autorias que mais apresentaram no GT tendem a citar autorias brasileiras que também apresentam no GT. Em certa medida, isso atribui ao GT um cará-

6 Em trabalho específico, tratamos do percurso de Ciro Marcondes no GT Epistemologia da Comunicação da Compós. Conferir: Salgado e Mattos (2021).

ter endógeno: mesmas autorias tendem a apresentar e a referenciar a si mesmas e demais colegas do próprio grupo. Esse aspecto já havia sido constatado por Martino (2014).

As universidades que mais tiveram autorias apresentando no GT são, respectivamente, Unisinos (28 autorias), USP (27), PUC-SP (16), UFJF (14), UnB (14), UFMG (13), Cásper Líbero (11), UFG (9), UFF (7) e UFBA (5). No total, 37 universidades diferentes participaram com autorias apresentando no GT. Os estados com mais universidades representadas no GT, em ocorrências múltiplas, são os seguintes: São Paulo (63), Rio Grande do Sul (37), Minas Gerais (32), Goiás (25) e Rio de Janeiro (16). Os demais estados tiveram menos de cinco participações. Ao longo dos anos, participaram pesquisadores/as de 14 estados distintos, das diferentes regiões do Brasil, com maior diversidade do Nordeste e do Sudeste. Houve, ainda, participação de pesquisadores vinculados, quando da apresentação no GT, às universidades da Argentina e de Portugal. Os dados apontam, portanto, para a centralidade de pesquisadores/as nacionais, do Sudeste, nas discussões do GT, mas igualmente com recorrência maior de pesquisadores da Unisinos, do Sul.

Perfil das referências citadas

Para saber quais foram as autorias mais referenciadas em todo o período, consideramos três critérios: a) ocorrências múltiplas, com autocitação, b) ocorrências múltiplas sem autocitação e c) representatividade – autorias distintas referenciadas. A Tabela 2 sistematiza os resultados para essa busca das autorias mais referenciadas.

Tabela 2 - Referências mais citadas - GT Epistemologia da Comunicação - 2001 a 2020 - Brasil

REFERÊNCIAS	C/ AUTOCITAÇÃO	S/ AUTOCITAÇÃO	DISTINTAS
BRAGA, J. L.	118	86	47
MARTINO, L. C.	109	83	31
MAGNO, MD.	52	52	6
HABERMAS, J.	49	49	24
MARCONDES FILHO, C.	48	41	22
BOURDIEU, P.	47	47	30
PIMENTA, J. F. P.	46	6	5
LOPES, M. I. V.	41	37	25
DELEUZE, G.	39	39	24
FOUCAULT, M.	36	36	25
LATOUR, B.	36	36	12
SODRÉ, M.	36	36	29

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

No total, há 4.609 referências (100%), considerando-se autocitação, 4.335 sem autocitação (94%) e 271 autocitações (6%). De todas as citações, 1.331 (29%) ou cerca de um terço são citadas apenas uma vez. Há 1.863 referências distintas (40,4%) e 532 delas são recorrentes (28,6% das 1.863). Os dados apontam, portanto, que a maioria das referências citadas não implicam autocitação, e que cerca de um terço das

referências são recorrentes. Há, nesse sentido, cerca de 66% de dispersão (diversidade) ou dois terços, o que pode indicar um movimento de constituição de abordagens comunicacionais epistemológicas brasileiras, considerando-se a recorrência de referências que são citadas com o passar dos anos, sobretudo nacionais. Os gêneros e as nacionalidades de vinculação institucional das referências serão tratados ao final desta seção.

Diferentemente dos dados contabilizados por Martino (2014), entre 2001 e 2013, o que observamos é o aumento na citação de mesmas autorias referenciadas com o passar dos anos, principalmente de 2013 a 2020. Por outro lado, o mesmo pode ser dito juntamente com o autor: há diversidade de temas e abordagens. Constatamos consolidação de autorias referenciadas e obras que recorrentemente vem sendo citadas por pesquisadores/as que apresentam no GT. A seguir, detalhamos as autorias mais referenciadas e com maior variedade nos textos. Na seção seguinte, nos debruçamos sobre as principais obras citadas.

Conforme a Tabela 2, no que diz respeito às autorias mais referenciadas, em primeiro lugar, temos José Luiz Braga, tanto quando contabilizamos autocitações e não autocitações, como também quando buscamos por textos distintos em que ele é mencionado. Os textos mais citados de Braga, sem autocitação, são “Constituição do campo da comunicação” (15), “Os estudos de interface como espaço de construção do campo da comunicação” (10), “Comunicação, disciplina indiciária” (9) e “Nem rara, nem ausente – tentativa” (9). Todos os textos se voltam para o campo da Comunicação e como a comunicação pode ser entendida, com extrema afinidade e pertinência ao GT de Epistemologia da Comunicação. Isso se ancora nos principais autores por ele citados: C. Marcondes Filho, M. Foucault e L. C. Martino – todos abordam a questão da epistemologia, e os dois brasileiros se dedicam à noção de comunicação e à constituição do campo da Comunicação. Com exceção do texto mais citado de Braga, todos os demais foram apresentados no GT, na mesma ordem em que são mais citados, respectivamente nos anos de 2004, 2007 e 2010. Os outros textos de Braga, menos citados, contam

com cinco ou menos citações. O cruzamento da segunda e da terceira colunas da Tabela 2 aponta que Braga se cita 32 vezes nos dez textos que apresentou, o que indica uma média de três autocitações por texto. Consideramos que o fato de ele ser o autor mais citado configura, como dissemos, consolidação de abordagem epistemológica comunicacional própria e de ampla visibilidade, adequação e pertinência para o GT e para a área de Comunicação no Brasil.

O segundo autor mais citado no GT é Luiz Claudio Martino, cujos textos mais citados são “Teorias da comunicação: muitas ou poucas?” (11), “Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação” (9), “Abordagens e representação do campo comunicacional” (8), “História e identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional” (8) e “As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação” (7). Entre os cinco textos mais citados de Martino, apenas o terceiro e o quarto foram apresentados no GT, respectivamente em 2006 e em 2004. Os demais textos e obras contam com menos de sete citações. Os trabalhos versam sobre as Teorias da Comunicação, a comunicação como objeto, a Epistemologia da Comunicação e o campo da Comunicação. Em termos de autocitações, o autor apresentou 26, distribuídas em nove textos apresentados, de modo que a média por texto é de cerca de três autocitações, semelhante a Braga. Em vista disso, podemos inferir que o processo de autocitação contribui para que autorias sejam mais citadas no conjunto. Ademais, isso também contribui para que diversos textos de uma mesma autoria sejam conhecidos e possivelmente citados.

O psicanalista MD Magno é bastante citado, no entanto, é pouco representativo. Isso indica que o autor foi muitas vezes citado em um mesmo texto. De fato, esse autor é apenas citado nos textos escritos por Potiguar Mendes da Silveira Jr., seja em autoria única ou em coautoria. Potiguar tende a citar MD Magno em média oito vezes em cada texto. As obras mais citadas de Magno são “*Psychopathia Sexualis*” (6) e “A Música” (5). As demais contam com menos de quatro citações.

O filósofo alemão Jürgen Habermas é bem citado (49) e também apresenta boa representatividade (24). Suas obras mais citadas são “Teoria do agir comunicativo” (12) e “Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa” (6). Quem mais cita Habermas é Luiz Signates, que o faz 17 vezes. Com efeito, no texto “Limites e possibilidades os caminhos da comunicação social na obra de Jürgen Habermas”, apresentado por Signates em 2001, o autor brasileiro se dedica a revisar

a evolução da abordagem dos chamados meios de comunicação de massa, ao longo da obra de Jürgen Habermas, para, em seguida, efetuar uma análise crítica dessa abordagem, buscando mencionar os aproveitamentos e refutações a seu pensamento nesse campo específico de estudos e, por fim, propor um caminho epistemológico à arquitetura teórica habermasiana, visando adequá-la ao objeto da comunicação social. (SIGNATES, 2001, p. 1).

O brasileiro Ciro Marcondes Filho também é bem citado (47) e se autocita pouco – sete vezes distribuídas em seis trabalhos, com média de uma autocitação por texto. Sua representatividade é expressiva (22). Cabe lembrar que Marcondes Filho é a referência mais utilizada pelo autor mais citado em todos os 20 anos – José Luiz Braga. Essa referência visa a contrapor as proposições de Braga com as de Ciro e a estabelecer as limitações e avanços de ambos os pensadores. Os textos e obras mais citados de Ciro são “Até que ponto, de fato, nos comunicamos? Uma reflexão sobre o processo de individuação e formação” (6) e “O escavador de silêncios: formas de construir e de desconstruir sentidos na Comunicação - Nova Teoria da Comunicação II” (4). Os demais textos e obras contam com menos de quatro citações. Tiago Salgado e Maria Ângela Mattos foram quem mais o citaram (5), em um mesmo texto, apresenta-

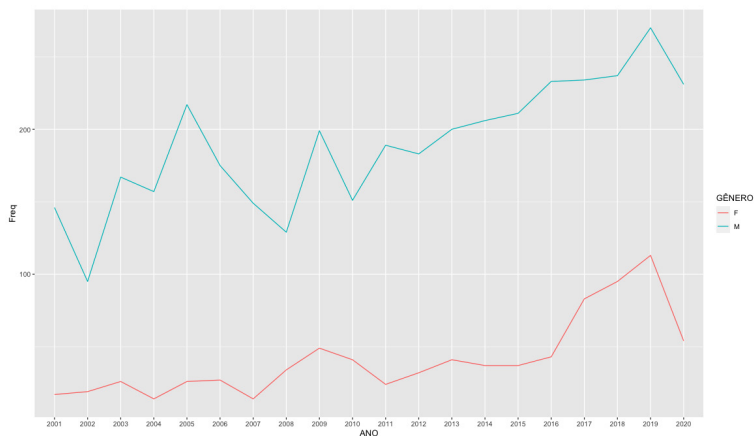
do em 2020 no GT. Em termos de representatividade, Ciro é citado em dois textos distintos de Ferrara, Braga, Sá Martino e Signates. As demais autorias que apresentaram e que o citam o fazem apenas em um texto.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu e os filósofos franceses Gilles Deleuze e Michel Foucault também são bastante citados e com expressiva representatividade entre os diferentes textos. Bourdieu é citado 47 vezes em 30 textos distintos. Deleuze é citado 39 vezes em 24 textos distintos. Foucault está presente em 25 textos diferentes, em um total de 36 menções. A obra de Bourdieu mais referenciada é “A economia das trocas simbólicas” (6). Os livros de Deleuze mais citados integram a coletânea “Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia”, sendo o volume 2 o mais citado. O trabalho de Foucault mais citado é “A ordem do discurso” (6).

Passamos para a análise dos gêneros e das nacionalidades das referências citadas. Com relação aos gêneros das referências, em 20 anos, identificamos 1.374 homens (73,8%) e 489 (26,2%) mulheres, considerando autorias distintas referenciadas, isto é, contando apenas uma vez cada autoria. Não foi possível identificar o gênero de quatro autorias, pois não encontramos dados acerca disso ao buscar pelo nome da autoria na *internet*. Quando analisamos as ocorrências múltiplas das autorias referenciadas, encontramos 3.779 homens (82%) e 826 mulheres (18%). Os dados indicam, então, forte recorrência na citação de homens em detrimento de mulheres, de modo que os homens são citados cerca de três vezes mais que as mulheres e são cerca de 4,5 vezes mais recorrentes que elas.

Conforme a Figura 1, podemos inferir, grosso modo, que há tendência de aumento do número de citações, a cada ano, tanto de homens quanto de mulheres. Malgrado o aumento no número de referências masculinas ser acompanhado pelo aumento no número de referências femininas, a recorrência de citações masculinas é superior às citações femininas, como apontamos antes. Em suma, há tendência de aumento no número de citações femininas com o passar dos anos, mas esse mesmo acréscimo é acompanhado junto ao gênero masculino, de modo que este ainda supera aquele.

Figura 1 - Gráfico ano x frequência de citações, ocorrências múltiplas, por gênero de autorias referenciadas - 2001 a 2020 - GT Epistemologia da Comunicação



Fonte: dados de pesquisa, 2021.

No que diz respeito às nacionalidades, conforme os dados sistematizados na Tabela 3, o Brasil é o país com mais referências cujo vínculo institucional com essa nação é mais recente, de maior duração ou ainda quando o texto ou a obra foram escritos. A primeira posição do Brasil reitera que o evento é realizado nessa localidade e tem o português como idioma oficial – apenas trabalhos em espanhol foram apresentados no GT, ao longo dos anos, todos de Eduardo A. Vizer, da Universidade de Buenos Aires.

Tabela 3 - Nacionalidades de vínculo institucional mais citadas -
GT Epistemologia da Comunicação - 2001 a 2020 - Brasil

PAÍS	MÚLTIPLAS	ÚNICAS
Brasil	1.617	640
França	687	203
Estados Unidos	677	379
Alemanha	355	121
Inglaterra	192	111
Itália	121	43
Argentina	100	29
Canadá	96	38
Bélgica	74	24
Rússia	60	12
Áustria	55	18
Espanha	53	41

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

A vinculação à França é mais expressiva quando buscamos por ocorrências múltiplas, ou seja, autorias citadas mais de uma vez, em relação aos Estados Unidos. Aquele país, portanto, é mais recorrente do que este, em termos de citações. Em outras palavras, há mais diversidade de autorias estadunidenses do que francesas, mas estas autorias são mais recorrentes do que aquelas. O fato de a França estar na segunda posição se relaciona diretamente com os aspectos de formação acadêmica de autorias que apresentam no GT, que tendem a citar essas referências, como ressaltamos antes, com base em Neto e Silva (2019).

Em seguida, temos a Alemanha, a Inglaterra e a Itália, sendo que este país apresenta menor diversidade de autorias do que os outros dois. Respectivamente, conforme a ordem apresentada, a Alemanha é o país com mais autorias recorrentes. Na lista, apenas Brasil e Argentina são países latino-americanos, os demais são europeus, com maior diversidade de países (oito ao total), e norte-americanos, com apenas dois (Estados Unidos e Canadá).

Em suma, podemos concluir que as autorias mais referenciadas são de pesquisadores masculinos brasileiros que apresentaram no GT, que acabam por citar mais os mesmos colegas. As autorias estrangeiras, masculinas, sobretudo francesas, são as mais citadas. A expressividade das mulheres é praticamente nenhuma. Nas autorias mais citadas temos apenas Maria I. V. Lopes, com 41 citações, sendo 25 em textos distintos. As demais autoras contam com menos de 30 citações, sendo as mais representativas Lucrécia Ferrara, Vera França e Lúcia Santaella. A presença de mulheres estrangeiras é praticamente nenhuma. Apenas a belga Michèle Mattelart é mais citada (21), sempre junto com Armand Mattelart, seu marido francês. Com exceção do Brasil e da Argentina, países latinos são pouco citados, com menos de 22 autorias distintas para cada outro país latino.

Principais obras e textos referenciados

Quando buscamos pelos principais textos e obras citados nos textos apresentados, encontramos quatro resultados, entre 16 e 11 citações, conforme sistematizados na Tabela 4. Os demais textos e obras contam com dez ou menos citações e não entram nesta análise por questões de espaço.

Tabela 4 - Obras e textos mais citados - GT Epistemologia da Comunicação - 2001 a 2020 - Brasil

OBRA/TEXTO	AUTORIA	CITAÇÕES
<i>Collect Papers of Charles Sanders Peirce</i>	Charles Sanders Peirce	20
Constituição do campo da comunicação	José Luiz Braga	16
Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação	Luiz C. Martino	11
Nem rara, nem ausente - tentativa*	José Luiz Braga	11

* Texto apresentado no GT Epistemologia da Comunicação.

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Conforme a Tabela 4, a obra mais citada é *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, que reúne diversos escritos do pragmaticista norte-americano Charles Sanders Peirce, desdobrados em oito volumes. A coletânea discorre sobre história da Filosofia, história da ciência, classificações de ciência, categorias propostas pela Semiótica de Peirce (primeiridade, secundidade e terceiridade), lógica matemática, teoria e prática. A Semiótica é entendida pelos diversos textos apresentados no GT como Teoria da Representação Sígnica ou Teoria da Significação. A noção central de signo é recuperada dentro da lógica triádica oferecida por Peirce ao se pensar a relação de continuidade entre o mundo e suas representações. O método abdução é utilizado para gerar hipóteses interpretativas. Noções como objeto imediato, objeto dinâmico, interpretante dinâmico, mente, intérpretes, semiose, mediação sígnica, irregularidade e indeterminação são recuperadas, bem como a multiplicidade de classes de signos (qualissigno, sinsigno, legissigno etc.). Os processos sígnicos são entendidos como tendo caráter humano e linguístico. A questão dos hábitos e das crenças, própria ao pragmatismo peirciano.

no, também é tratada nos textos. A Comunicação é entendida, pela via Semiótica, como ciência pragmática, conforme os efeitos que dela decorrem. A Semiótica possibilita, ainda, tratar o campo da Comunicação como representação de processos que envolvem os signos simbólicos.

O texto “Constituição do campo da comunicação”, de José Luiz Braga, é o segundo mais citado. A proposta é explicitar avanços e limites do campo de estudos em Comunicação, mediante um paralelo entre a primeira versão, publicada em 2001, e a segunda, em 2011, em oito seções: Preliminares, A questão do objeto, Ângulo “interação social/comunicacional”, A centralidade da mídia, Compartilhamentos práticos, A questão da constituição “interna” do campo, A distinção entre Comunicação x Cultura e Conclusão.

Inferimos que esse texto tenha sido o mais referenciado em face da atualização pertinente e abrangente feita por Braga (2011), ao apontar mudanças significativas no campo de conhecimento da Comunicação. Para tal autor, talvez a Comunicação se encontre hoje mais próxima a uma disciplina do que a um campo de conhecimento (genérico e abrangente), sendo possível o diálogo com outros saberes. A angulação comunicacional conforma o objeto comunicacional, entendido como processos epistemologicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional. A proposta central, em termos práticos, é desentranhar o “comunicacional” dos demais objetos do conhecimento humano e social, que não significa definir um território à parte, nem temas, objetos ou métodos que sejam exclusivos ao campo, mas desenvolver perguntas e hipóteses para além das que são feitas pelas demais Ciências Humanas e Sociais.

Na terceira posição, encontramos o texto “Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação”, de Luiz C. Martino. Trata-se de uma reflexão acerca do aparecimento de um novo saber especializado, a Comunicação, em um contexto marcado pela sucessão de modelos epistemológicos organizados por diversas disciplinas das Ciências Humanas e Sociais. O autor argumenta que essa “jovem ciência”, sem desmerecer o seu trabalho acumulado ao longo do século XX, “jamais conseguiu definir

de maneira suficiente seu objeto de estudo” (MARTINO, 2001, p. 27), que permanece “tão vasto e diversificado quanto as problemáticas que compõem as ciências do homem” (MARTINO, 2001, p. 28).

Vale lembrar que a publicação do texto coincide com a criação do GT de Epistemologia da Comunicação, em 2001, e pode explicar, em parte, o seu impacto nos textos apresentados ao GT, sobretudo tendo em vista a problematização sobre a ausência de uma definição mais precisa acerca do objeto da Comunicação. Para alcançar especificidade como disciplina e postular um lugar ao lado de tantas outras, Martino (2001) propõe que a comunicação seja mais que uma interseção passiva, ou seja, um objeto que supere a dicotomia histórica de oscilar entre ser um objeto representado pelos meios de comunicação ou ser um processo de comunicação no interior da cultura de massa. Isso exige uma relação de reciprocidade e complementação entre essas duas dimensões. Na sequência, o autor discute os principais obstáculos para a fundamentação do saber comunicacional de um lado e, de outro, indica alternativas para a sua constituição como uma disciplina autônoma.

O texto “Nem rara, nem ausente – tentativa”, escrito por Braga (2010) e o único da Tabela 4 apresentado ao GT, alcançou o mesmo número de citações do texto anterior de Martino (11). A publicação toma como premissa que os processos comunicacionais são tentativos em pelo menos dois aspectos: a) há em todo episódio comunicacional a existência de uma margem, maior ou menor, de ensaio-erro, tornando seus resultados probabilísticos, independente do critério adotado para considerar o sucesso da interação, e b) o “tentativo” corresponde a algum grau de imprecisão em todos os passos e processos da interação. A referência central para o desenvolvimento da discussão proposta no texto diz respeito às cinco teses propostas por Ciro Marcondes Filho no livro, de sua autoria, “Até que ponto, de fato, nos comunicamos?”, publicado em 2004.

Estruturado em quatro seções, o trabalho de Braga apresenta, inicialmente, as cinco teses de Ciro, seguida pela proposição da “comunicação tentativa” e sua sustentação epistemológica com base em uma reflexão sobre códigos e inferências. No final, a tese de Braga é retomada como hipótese heurística. Na avaliação do autor, as teses de Marcondes Filho, com exceção de uma, de autoria de Niklas Luhmann – “Não existe comunicação porque somos ‘sistemas fechados.’” –, expressam uma perspectiva articulada sobre os fenômenos comunicacionais. O principal aspecto consiste em uma desconfiança com relação à “língua estruturada”, uma vez que a linguagem, para Marcondes Filho, possui uma regularidade autonomizada que leva à perda de flexibilidade. Nessa ótica, a comunicação seria mais efetiva em “espaços extralinguísticos”, isto é, em sua dimensão sensível.

Em síntese, o questionamento do autor à perspectiva de Marcondes Filho não se refere ao teor geral da proposição dele, e sim à abrangência assumida por ele. Nesse sentido, Braga (2010) considera válida a tese sobre a raridade dos processos comunicacionais. No entanto, considera que tais fenômenos ou tais âmbitos de raridade não respondem pela totalidade do fenômeno comunicacional. Em suas palavras,

[...] é no âmbito geral, de processos mais diversos (em modos e resultados) que devemos encontrar a explicação da própria existência disso que Ciro Marcondes considera como “comunicação, e ainda a raridade desse modo interacional específico, que podemos chamar de comunicação-comunhão. (BRAGA, 2010, p. 4).

Ao considerar a concepção romântica de comunicação de Ciro, por entender que comunicação é a boa comunicação, bem sucedida, bem articulada, íntegra, pois vincula e cria reconhecimento mútuo, Braga ressalta que comunicação também é troca, articulação, passagem entre

grupos, entre indivíduos, entre setores sociais, frequentemente conflitiva, agregando interesses de todas as ordens. Assim, a comunicação, para Braga (2010), consiste em romper o isolamento, independentemente dos objetos e de seus modos de ocorrência, e é sempre performativa, qualquer que seja o resultado.

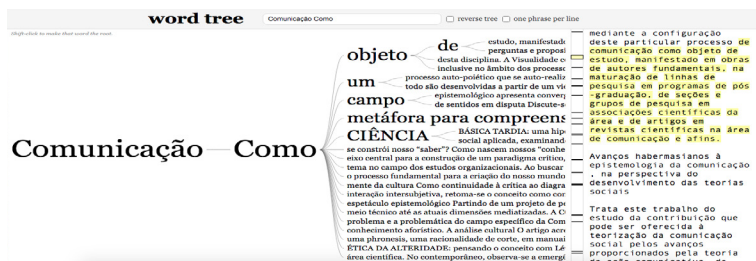
O texto de Braga (2010) expressa, por fim, o desacordo histórico, no GT Epistemologia da Comunicação, entre a abordagem desse autor e a perspectiva adotada a perspectiva adotada por Marcondes Filho, sendo que o período em que tal trabalho foi apresentado se expressa como debate e embate intensos e produtivos entre os dois estudiosos. Tais discussões ultrapassaram o âmbito interno do GT, mobilizando pesquisadores/as de vários outros GTs da Compós.

Leitura panorâmica dos textos apresentados

Iniciamos a leitura panorâmica dos textos apresentados ao GT Epistemologia da Comunicação da Compós, de 2001 a 2020, com a apreciação dos títulos e dos resumos dos 196 trabalhos. Para tanto, recorreremos à ferramenta árvore de palavras (*word tree*), conforme explicitamos na introdução. A Figura 2 apresenta a busca pelo termo “comunicação” dentro do conjunto de textos. Ao se clicar nessa palavra, temos os outros termos, expressões e frases que a ela se associam numa mesma frase ou parágrafo. Por meio dessas conexões textuais, podemos compreender os sentidos atribuídos às palavras e/ou às expressões que buscamos.

A busca pelo termo “comunicação” resulta que tal noção é tratada pelos/as pesquisadores/as como objeto de estudo que se manifesta em autores/as fundamentais que sustentam a disciplina de mesmo nome. Ademais, a comunicação também se configura como objeto interligado aos estudos dos processos midiáticos. Como processo, é considerada como autopoietico, que se autorrealiza em suas próprias estruturas. Como campo epistemológico, encontra-se em disputa de sentidos. A comunicação também é considerada como uma metáfora para a compreensão do social, apresentada menos como uma teoria do que como um conjunto de questões para desdobramentos teóricos e metodológicos.

Figura 2 - Árvore de palavras para o termo “comunicação” - resumos e palavras-chave - 2001 a 2020 - GT Epistemologia da Comunicação



Fonte: dados de pesquisa, 2021.

No que tange ao seu caráter científico, a Comunicação é apresentada como ciência básica tardia, conforme seu contexto histórico-social, e como ciência social aplicada, conforme anterior classificação brasileira de subáreas pelos órgãos de fomento à pesquisa e à pós-graduação na área. Outras propostas consideram a comunicação como eixo central para um paradigma crítico, processo fundamental para a criação de novo mundo, interação intersubjetiva, problema e problemática específica do campo de mesmo nome, área científica, conhecimento aforístico e ética da alteridade. Em suma, os trabalhos apresentados se dedicam à Epistemologia da Comunicação, ao campo da Comunicação, às ciências, às teorias, às pesquisas e aos estudos da Comunicação. Igualmente se debruçam sobre o conceito de comunicação e os meios de comunicação.

Ao buscarmos pelo termo “comunicação” no conteúdo dos textos, verificamos que ela é apresentada como ciência social, aplicada e moderna, como prática cultural e política, como expressão da complexidade, disciplina indiciária, espécie de diálogo e jogo, uma coisa rara, afecção que desestabiliza a função cerebral, metáfora para a compreensão do social e rede de composição híbrida. Também encontramos que a comunicação é um processo de troca interativa, um fenômeno global emergente, um conceito, um campo de interfaces, em construção e em

busca de seu objeto. A comunicação é, ainda, um problema, uma metaperspectiva, um sistema social e cultural. Outras definições a apresentam como objeto ético, movimento de interação, relação voltada para a alteridade, função ou condição essencial do homem, espaço de transformação, dispositivo espetacular, efeito raro, território político de base interativa, o vínculo social mediado pela linguagem ou simbolicamente mediado, processo voltado para reduzir o isolamento, a capacidade de organizar informações e mensagens, a transferência da informação via sinais, a relação de consciências, imitação, resposta de um organismo a um estímulo, algo tentativo.

Resumidamente, são várias as definições e concepções de “comunicação” apresentadas ao longo dos 20 anos de realização do GT Epistemologia da Comunicação da Compós. A história do grupo evidencia a constituição tentativa de um campo que se debruça sobre um processo complexo e com diversas manifestações empíricas. Em meio à diversidade de abordagens, podemos identificar abordagens epistemológicas comunicacionais próprias que certamente se valem de contribuições estrangeiras para a sua formulação, mas que já apresentam proposições singulares e tipicamente nacionais, que se tornam recorrentes nas citações utilizadas pelo próprio GT e por demais pesquisadores/as do Brasil.

Considerações finais

A metapesquisa apresentada neste trabalho buscou contextualizar historicamente a produção de conhecimentos comunicacionais desenvolvidos por pesquisadores/as vinculados/as ao GT Epistemologia da Comunicação da Compós, bem como apontar e refletir sobre a atualização dessa produção nos textos apresentados em 20 anos do GT. Desde a sua criação, em 2001, pesquisadores/as têm se voltado para a problematização das dificuldades históricas para uma definição mais precisa acerca do objeto da Comunicação, bem como para a busca da angulação comunicacional diante da diversidade de disciplinas, sobretudo, das Ciências Humanas e Sociais, postulando uma interface produtiva com esses diversos saberes sem abdicar do investimento na constituição de uma Epistemologia da Comunicação.

Para além de inventariar as obras e as autorias de referenciadas por quem apresentou no GT Epistemologia da Comunicação, os gêneros e as nacionalidades de vínculo institucional tanto da autoria dos textos quanto de suas obras e autorias de referência, as autocitações, bem como as universidades de filiação dos/as pesquisadores/as, trata-se de ressaltar a importância de tal GT para a construção de um campo teórico-epistemológico aberto e plural, mas, fundamentalmente, comunicacional, durante os 20 anos de sua atividade na Compós. Em outras palavras, durante o período investigado, o GT se configura como *locus* de constituição e consolidação do pensamento comunicacional brasileiro, por meio de intensos debates, embates, tensionamentos e reflexões entre pesquisadores/as pertencentes às diferentes perspectivas e visadas do comunicacional em diversas universidades brasileiras, principalmente.

Referências

BRAGA, J. L. Dispositivos interacionais. In: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 20, 2011, Porto Alegre, RS. **Anais...** Brasília: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2011. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1657.pdf. Acesso em: 27 fev. 2021.

BRAGA, J. L. Nem rara, nem ausente - tentativa. In: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 19, 2010, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Brasília: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2010. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1506.pdf. Acesso em: 8 mar. 2021.

COSTA, I. M. J; LACERDA, J. S. Contribuições brasileiras para as Teorias da Comunicação Midiática: breve análise dos artigos do GT Epistemologia da Comunicação da Compós de 2001 a 2006. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na região Nordeste, 17, 2015, Natal, RN. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2015a. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1464-1.pdf>. Acesso em: 22 set. 2020.

COSTA, I. M. J; LACERDA, J. S. Contribuições brasileiras para as Teorias da Comunicação Midiática: breve análise dos artigos do GT Epistemologia da Comunicação da Compós de 2007 a 2013. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38, 2015, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2015b. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1625-1.pdf>. Acesso em: 22 set. 2020.

FRANÇA, V. V. *et al.* Comunicação e Política: um mapeamento de autores/as e teorias que alicerçam essa área no Brasil. **Compólitica**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 5-40, 2018. Disponível em: <http://compolitica.org/revista/index.php/revista/article/view/183/207>. Acesso em: 1 set. 2020.

FRANÇA, V. V. *et al.* Estudos de televisão no Brasil: uma abordagem de autores/as e teorias. **Contemporânea**, Salvador, v. 17, n. 2, p. 183-382, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneapcom/article/view/28179/19286>. Acesso em: 1 set. 2020.

FRANÇA, V. V. *et al.* Tendências das teorias da Comunicação: mapeamento de campos teóricos contemporâneos. **Questões Transversais**, São Leopoldo, v. 4, n. 8, p. 1-11, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/14071/PDF>. Acesso em: 1 set. 2020.

LEMONS, A.; BITTENCOURT, E. Antropocentrismo e Comunicação: uma análise dos artigos dos GT da COMPÓS “Epistemologia da comunicação” e “Comunicação e Cibercultura” de 2017 a 2019. In: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 29, 2020, Virtual. **Anais...** Brasília: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2020. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_2GHG0HYMM9WNG5WE88RH_30_8304_17_02_2020_10_59_30.pdf. Acesso em: 11 fev. 2021.

MARTINO, L. M. S. Trilhas de um espaço de pesquisa: o GT Epistemologia da Comunicação da Compós. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 11, n. 31, p. 159-177, maio/ago. 2014. Disponível em: http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/782/pdf_9. Acesso em: 11 fev. 2021.

MATTOS, M. A.; BARROS, E. J. M.; OLIVEIRA, M. E. (org.). **Metapesquisa em Comunicação: o interacional e seu capital teórico nos textos da Compós**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

MATTOS, M. A.; OLIVEIRA, M. E. Uma mirada no passado para projetar os novos rumos da metapesquisa (2011-2016). In: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 27, 2018, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Brasília: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2018. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_1XJH991OD7S39P838I8E_27_6940_26_02_2018_14_19_30.pdf. Acesso em: 27 fev. 2021.

NETO, J. D. S.; SILVA, P. V. C. Origens brasileiras das ciências da comunicação: aspectos da formação francesa nas trajetórias docentes dos primeiros PPGs. In: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 28, 2019, Porto Alegre, RS. **Anais...** Brasília: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_NA7PI530FP6AWPT1YW-JH_28_7244_22_02_2019_07_32_19.pdf. Acesso em: 8 mar. 2021.

SALGADO, T. B. P; MATTOS, M. A. A comunicação para Ciro Marcondes Filho: sua trajetória no GT de Epistemologia da Comunicação da Compós. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 9, n. 18, 2022. DOI: 10.4013/qt.2021.918.02. Dispo-

nível em: <http://revistas.unisinus.br/index.php/questoes/article/view/23021>. Acesso em: 26 abr. 2022.

SIGNATES, L. Limites e possibilidades os caminhos da comunicação social na obra de Jürgen Habermas. In: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 1, 2001, Brasília, DF. **Anais...** Brasília: Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2001. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1270.pdf. Acesso em: 27 fev. 2021.

SIMÕES, P. G. *et al.* Mapeando as Novas Mídias no Brasil. **Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 231, 2019. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/23013/pdf. Acesso em: 1 set. 2020.

SIMÕES, P. G. *et al.* Estudos de jornalismo no Brasil: panorama dos trabalhos apresentados nos encontros da Compós. **Líbero**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 175-190, jan./jun. 2020a. Disponível em: https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2020/09/Revista_Libero_edicao_45_final.pdf. Acesso em: 22 set. 2020.

SIMÕES, P. G. *et al.* Mapeando o Campo da Comunicação no Brasil: desafios e descobertas metodológicas de uma metapesquisa. **Intexto**, Porto Alegre, n. 49, maio/ago. 2020b. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/85730>. Acesso em: 15 jun. 2020.

COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA: TRÂNSITOS E INTERLOCUÇÕES

Lucrécia Ferrara



Maria Ângela (MA): Professora Lucrécia, como uma primeira questão para a gente começar a esquentar a nossa interlocução, gostaria que a senhora contasse um pouco sobre o seu percurso acadêmico em Letras e como se aproximou do campo da Comunicação. Como foi esse processo?

Lucrécia Ferrara (LF): Muito obrigada, Maria Ângela. Eu agradeço imensamente o convite. Tenho prazer em conversar com vocês e trocarmos ideias sobre a Epistemologia da Comunicação, área de investigação importante para o desenvolvimento da Comunicação. É muito propício termos a oportunidade de trocar pontos de vista e de acertar um ritmo de discurso que nos possibilite, efetivamente, o intercâmbio de ideias.

Terminei a graduação em Letras Neo-Latinas em 1959 e, em seguida, dediquei-me a uma especialização em literatura brasileira lecionada pelo professor Massaud Moisés, que me convidou imediatamente a fazer um doutorado, sob sua orientação. Àquela altura não havia sistema de pós-graduação organizado de modo oficial, a pesquisa era desen-

volvida individualmente e alcançava-se o doutorado de modo direto, ou seja, sem a mediação de Programas ou Disciplinas voltadas para a consecução de um título acadêmico como mestrado ou doutorado, entretanto havia um orientador de pesquisa. Em junho de 1964, defendi um doutorado sobre o regionalismo de Waldomiro Silveira. Vocês conhecem, já ouviram falar de Waldomiro Silveira? É um narrador das características regionais do estado de São Paulo e seu maior interesse era registrar, para que se conservasse, o falar do paulista caipira. Trata-se de autor pouco conhecido, mas de excepcional fluência narrativa.

O desenvolvimento da pesquisa do doutorado me iniciou, por indicação e empenho do meu orientador, na vida acadêmica. Em 1963, comecei a lecionar Literatura Brasileira em Marília que, depois, se transformou na UNESP, como se mantém até hoje. Desse modo, minha atividade acadêmica se iniciou, ao mesmo tempo em que desenvolvia a pesquisa que me levou à defesa do doutorado em junho de 1964

Em 1964, antes de terminar o doutorado, fui substituir um professor de literatura brasileira na PUC São Paulo. Aliás, não era propriamente a PUC, mas a faculdade São Bento. Comecei a trabalhar e, no final do primeiro semestre, o diretor da faculdade de São Bento me propôs: “Escuta, você gostaria de ser efetivada? Nós a contrataríamos para dar a disciplina de teoria literária.” A resposta foi imediata: “Vamos lá!”

Em 1966, fui convidada para coordenar o Departamento de Letras da Faculdade de São Bento. Aceitei imediatamente. Porém, a universidade já estava começando a se mobilizar para se transformar no que é hoje a PUC. Em 1969, alguém levantou a seguinte ideia: “Por que a PUC não começa a desenvolver atividades de pós-graduação, tal como existe nos EUA?”. Naquele momento (1969) na PUC e em atividade regular de docência, havia três professores doutores: o professor Joel Martins, da área de Psicologia da Educação, a Professora Antonieta Celani, da área de Linguística, e eu. O reitor, professor Bandeira de Mello, sugeriu: “Vamos abrir um Setor de Pós-Graduação com três programas e vocês coordenarão o Programa ligado à área de cada um.”. Surgiu o Setor de Pós-Graduação da PUC-SP.

Sabíamos o que era pós-graduação? Não. Sabíamos qual era a diferença entre pesquisa voltado ao mestrado e ao doutorado? Não. Entretanto, sabíamos, por experiência própria, o que se poderia fazer com a pesquisa em relação à orientação de alunos e o possível papel do orientador de pesquisa. Em 1970, começamos as atividades de pós-graduação na PUC-SP sem saber exatamente o que iríamos fazer. Mas, começamos com garra e enorme vontade de acertar. Elaboramos o primeiro projeto do setor de pós-graduação com esses três programas: Psicologia da Educação, Linguística Aplicada no Ensino de Língua Estrangeira e Teoria Literária.

MA: Isso em 1970, professora?

LF: 1970, exatamente.

MA: Então foi quase na mesma época da criação da Pós-Graduação em Comunicação, não é? Em 1971, mais ou menos?

LF: Em 1971, entramos com o pedido de credenciamento dos três programas junto à CAPES, que também se organizava para desempenhar a atividade de que hoje se ocupa: aperfeiçoamento do professor do Ensino Superior. A CAPES credenciou os três programas em 1972. Por sugestão de Leyla Perrone, convidei os professores Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Leyla Perrone Moisés e Willi Bolle para colaborar comigo na montagem do Programa de Teoria Literária. Fomos elaborando, pensando, criando e montando o Programa, ao mesmo tempo. Àquela altura, o Haroldo não tinha doutorado, o Décio também não. A Leyla tinha, e o Willi, logo em seguida, defendeu seu doutorado na Alemanha. Ao mesmo tempo, Haroldo e Décio, com orientação de Antônio Cândido, começaram realizar os respectivos doutorados, apresentados e defendidos na USP em 1973. Começamos a desenvolver as atividades de pós-graduação em Teoria Literária nos níveis de mestrado e doutorado. Obviamente, o maior número de estudantes concentrava-se no mestrado.

Logo começamos a perceber que muitos estudantes estavam voltados para o estudo de objetos empíricos distintos da literatura. Ainda que se fizesse o intercâmbio teórico com a literatura, o objeto empírico começava a distanciar-se dela. No mesmo clima de trabalho coletivo, não custou a surgir a ideia de ampliar o Programa e, Décio (que, a essa altura preparava o trabalho que apresentou como tese de doutorado e depois publicado em livro, o famoso *Semiótica e Literatura*) sugeriu: “Por que não ampliamos o programa para um Programa de Comunicação e Semiótica?”. Àquela altura, começava-se a estudar a Semiótica peirceana, embora já houvesse grande desenvolvimento de estudos de Semiologia de raiz francesa. Eu mesma desenvolvi um pós-doutorado na França, em 1971, e trabalhei com Roland Barthes, um estruturalista que trabalhou na interface com várias outras áreas, um estruturalista interdisciplinar, digamos.

MA: Muito boa a comparação.

LF: Realmente, as pesquisas dos estudantes se aproximavam muito do que fazíamos: trabalhávamos com Teoria Literária na sua interface com as Artes, a Comunicação, a Filosofia e as ciências de modo geral. Ao voltar da França em 1972, pedi o credenciamento do Programa de Comunicação e Semiótica. A CAPES não só reconheceu o Programa, mas fez retroagir a data do credenciamento a 1970, data do credenciamento do programa de Teoria Literária. Por isso, o Programa de Comunicação e Semiótica está credenciado desde 1970.

MA: E foi aí, professora, que começou sua aproximação com a área da Comunicação? Foi a partir desse momento?

LF: Em 1973 e como decorrência da experiência junto ao Setor de Pós-Graduação da PUC, fui convidada, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo (USP), para ajudar na montagem do Programa de Pós-Graduação da FAU. A consequência desse convite foi, não só ajudar na montagem daquele PPG, mas de lá

originou-se meu vínculo acadêmico com a FAU e a USP e, sobretudo, novos e desafiantes objetos de pesquisa. Paralelamente, o Programa de Comunicação e Semiótica desenvolvia-se e crescia com intensidade. Ampliava-se o mestrado, e o doutorado já surgia com igual força porque, depois do mestrado, os estudantes encaminhavam-se para o doutorado pois, com a reforma universitária, desde 1972, não era mais possível fazer o doutorado direto. Frequentemente, orientava-se o mestrado e o doutorado. Bom número de estudantes, que hoje estão no grupo de pesquisa que coordeno, fizeram mestrado e doutorado comigo. O programa foi se desenvolvendo em número de estudantes e começando a atrair a atenção de novos estudantes e pesquisadores: estávamos tentando desenvolver, no Brasil, uma experiência nova para a universidade, sobretudo na área das Ciências Humanas.

MA: Exatamente. Uma experiência inovadora, interdisciplinar, com interface com diversos campos de conhecimento. Eu gostaria de fazer uma pergunta específica sobre o seu percurso com a Semiótica. Ela vai adquirindo, no seu percurso, um modo privilegiado de olhar para os fenômenos comunicacionais. Qual é a contribuição que a Semiótica tem oferecido para pensarmos a comunicação e os fenômenos do mundo? Qual é a avaliação que você faz a respeito dessa contribuição?

LF: A Comunicação é uma Fenomenologia, assim como a Semiótica. Quer dizer, o que a comunicação comunica é exatamente seu modo de aparecer. Por isso, a visualidade na comunicação é muito importante. O que a comunicação comunica não é a mensagem entendida como conteúdo, mas o modo como nos comunicamos é o modo como a comunicação se dá a conhecer. O modo como as coisas se dão a conhecer, o modo como se apresentam no mundo, tem a ver com a Semiótica. A Semiótica é um modo de estar no mundo. Não é um estar ante o mundo, mas estar no mundo. Então, é mais importante o comunicar do que a comunicação. O foco de pesquisa desloca-se para o modo como nos co-

municamos. Esse modo de aparecer está diretamente ligado à Semiótica. Existe uma semiotização natural da comunicação e a pesquisa supõe o reconhecimento do seu foco semiótico-comunicativo. Como consequência, a pesquisa em Comunicação supõe estágios distintos: identifica-se uma base empírica da comunicação, descreve-se e discrimina-se o modo como a comunicação se dá a conhecer empiricamente (a Semiótica da comunicação) em seguida, vem a fundamentação teórica que nos ajuda a analisar a dimensão empírica da comunicação, estudada ao lado do seu modo de aparecer que constitui a Semiótica da comunicação. É necessário perceber que a pesquisa não se confunde com a base teórica das áreas comunicativas ou semióticas. As diversas teorias da comunicação e da semiótica são instrumentos que nos ajudam a desenvolver e a verticalizar a análise da empiria em questão, e não o inverso, que nos levaria a encontrar, nas teorias, uma autojustificativa. A comunicação não é ciência da transmissão, ao contrário, solicita o vínculo entre emissor e receptor para compor, decompor, recompor a estratégia dos signos que sustenta a Semiótica da comunicação.

MA: Inclusive tem um texto que eu gosto muito, que você publicou naquele livro do início da década de 2000, sobre Epistemologia da Comunicação, no qual você propõe uma epistemologia das trocas comunicativas. Mais do que a Comunicação, uma Epistemologia que pudesse dar conta de compreender e apreender esse processo de troca entre o homem, a cultura e a tecnologia. Gostaria que você contasse um pouco sobre essa perspectiva epistemológica.

LF: Não há possibilidade de pensar a comunicação, sem os meios de comunicação. Não há comunicação sem meios, embora não sejam exclusivamente tecnológicos. Hoje, pensamos em meios e os relacionamos à tecnologia digital aplicada à comunicação. Entretanto, se observarmos o processo de produção de conhecimento enquanto epistemologia da comunicação, poderemos constatar que aquela produção é mais ampla e complexa. Nesse sentido, a Maiêutica de Sócrates ou a

Retórica de Aristóteles ou o diálogo proposto por Bakhtin são meios comunicativos. O verbal da literatura e o não-verbal das artes plásticas, assim como as tecnologias da voz no rádio, da diagramação no jornal, da montagem no cinema ou a relação imagem/movimento na TV, são meios de comunicação.

Na realidade, a comunicação não existe sem meios. Veja que não é uma questão de ser ou não favorável aos meios de comunicação. O meio é a mensagem, dizia Marshall McLuhan com muita ênfase. Realmente, ele era um visionário ao dizer, na década de 1960, que a comunicação é o meio, mesmo que entendamos, como ele, que o meio é o próprio ambiente criado por um meio técnico ou tecnológico. Essa forma de organização constitui informação/comunicação ambiental.

Porém, é necessário entender a diferença entre mediação e interação. A mediação supõe a relação entre emissor e receptor como instâncias simétricas, ou seja, o emissor atinge ou se comunica com o receptor porque os respectivos repertórios informacionais são necessariamente simétricos, enquanto escala de valores e comportamentos. Essa simetria seria responsável pela mediação e se aproximaria de uma comunicação essencialmente transmissiva de mensagens ou daquela escala de valores. Ao contrário, o processo de interação supõe uma direção de mão dupla. Nesse processo, o emissor e o receptor trocam seus papéis intensamente, de tal sorte que é possível fazer da comunicação uma interação, uma ação entre dois indivíduos, trocando pontos de vista, trocando, em diálogo, experiências pessoais, subjetivas, ideológicas, políticas etc. Por isso, é fundamental o estudo de uma política da comunicação. Faço uma distinção: refiro-me não à política na comunicação, mas à política criada pela própria comunicação, à medida em que se desenvolve, elaborando diferenças entre mediação e interação. Esse processo de interação e troca de papéis é efetivamente o eixo político da comunicação. Então, aquela simetria de liderança e poder do emissor sobre o receptor tende a desaparecer no processo de interação, porque os atores são entendidos nas respectivas diferenças e assimetrias, daí ser possível a troca comunicacional.

MA: E diante do contexto que vivemos hoje, com a pluralidade de meios, de processos, de linguagens, com as dissonâncias, as contradições, os conflitos, e a verticalidade de comunicação, que é muito presente na nossa vida, quais são os desafios em relação a essa multiplicidade de problemas e de complexidades? Como enfrentar esse cenário que é permeado por disputas de poder e por essas grandes desigualdades que vivemos hoje? Por mais que as redes propiciem uma interação entre as pessoas, a gente ainda tem grandes desafios a serem enfrentados.

LF: A produção científica na Comunicação tem grande dificuldade para admitir seu domínio empírico e discernir, em cada caso, as características da comunicação, ou seja, sua produção científica exige entender que não estamos tratando de uma ciência aplicada. Ao contrário, a comunicação se faz nova e outra em cada gesto ou relação comunicativa. Daí ser possível afirmar que toda pesquisa em comunicação é uma indagação sobre seu papel no mundo, sem pretender explicá-lo ou justificá-lo. A produção científica em Comunicação é uma indagação sobre o modo como a comunicação aparece no mundo e para ele. Então, saber indagar, colocar questões ao mundo supõe definir o próprio eixo epistemológico da Comunicação.

A grande dificuldade que enfrentamos é a tentativa de explicar o mundo, utilizando o apoio teórico e conceitual de outras áreas científicas oriundas de outros ambientes ou contextos epistemológicos, sociais, ideológicos. Assim, trabalhar com a realidade empírica brasileira supõe, efetivamente, olhar a nossa realidade, tentando entender sua empiria, a fim de produzir interpretações condizentes com aquela realidade. Apesar da internacionalização ser muito interessante, não acredito ser do nosso interesse a internacionalização que se propõe à importação de teorias, metodologias ou posições epistemológicas adaptadas à interpretação da nossa realidade empírica. A Comunicação não é uma teoria explicativa, assim como também não é uma teoria aplicada. É necessário trabalhar empiricamente nossa realidade. Esse é um desafio permanente à consecução do trabalho epistemológico, ou seja, produzimos ciência a partir do nosso lugar no mundo.

MA: Como você diz no seu texto, uma epistemologia da pergunta, que é a questão fundamental para a gente indagar o mundo, a empiria e os fenômenos.

LF: Veja que esse saber indagar e saber formular uma pergunta significam saber ver. Significam aprender a ver e a desconfiar do que vemos. Considero esse domínio empírico um desafio.

MA: Muito obrigada pela resposta, que coloca desafios importantes para refletirmos. A gente gostaria de saber sobre o seu percurso no GT de Epistemologia. Como se deu a sua entrada no GT e a sua experiência como pesquisadora, escritora, apresentadora de textos e as interlocuções dessas dinâmicas do GT?

LF: Comecei a participar do GT de Comunicação e Cultura em 2002. Mas, realmente, a minha pesquisa sempre foi muito voltada, tanto na PUC quanto na FAU, para o terreno epistemológico. É uma área que estudo há muito tempo. Eu não me sentia confortável no GT de Comunicação e Cultura, porque os debates caminhavam por áreas que não me interessavam. Em 2004, preparei um trabalho para o GT de Epistemologia. Nesse GT, participavam Etienne Samain (antropólogo da Unicamp, estudioso de Gregory Bateson. Foi ele que me apresentou a esse autor.) Acho que também lá estavam Luiz Claudio Martino, Maria Immacolata, Irene Machado, não me lembro quem mais estava naquela época. Acho que José Luiz Braga não estava, penso que ele começou em 2006, mas não tenho certeza.

Àquela altura, o GT não tinha o formato atual. Era um GT pouquíssimo procurado; em consequência, apresentava-se pouca possibilidade de selecionar trabalhos. Os outros GTs voltavam-se para uma descrição das atividades jornalísticas, sobretudo, de reportagem jornalística. Eles não estavam propriamente interessados em trabalhar uma Epistemologia da Comunicação, porque não havia clara compreensão da natureza desse trabalho. Pouco a pouco, o número

de participantes do GT foi aumentando, outras figuras, hoje habituais, passaram a participar e começamos a definir, com maior exigência, os traços capazes de estabelecer a diferença da natureza epistemológica da comunicação. Diria que esse trabalho ainda está em desenvolvimento, mas foi estimulado pela possibilidade de debater os trabalhos apresentados e consequente publicação. Entre essas publicações, gostaria de salientar o livro decorrente da 13ª COMPÓS chamado Comunicação Revisitada (2004), organizado por Muniz Sodré, Sebastião Squirra e Sérgio Capparelli. Em 2007 e organizado por Jairo Ferreira, foi publicado Cenários, Teorias e Epistemologias da Comunicação. Em 2010, outro volume, Pesquisa Empírica em Comunicação, e dessa vez, com organização de Braga, Immacolata e Luiz Claudio. Tentava-se agrupar e apresentar, para a área, como pensávamos e pesquisávamos uma Epistemologia da Comunicação. Penso que essa questão ainda está presente e a pergunta que, com maior ou menor clareza, nos colocamos é: qual é ou como pode ser uma Epistemologia da Comunicação? Quais são os temas que nos interessam?

MA: Muito bem. Professora, como uma última questão para abriremos o debate, gostaríamos que avaliasse o pensamento comunicacional brasileiro. Você acredita que a gente já tenha um pensamento consolidado e sistematizado? Ao seu ver, quais seriam as principais contribuições do Brasil para os estudos e para as pesquisas em Comunicação?

LF: Na realidade, a sua pergunta é pretenciosa, Maria Ângela. Isso porque a Comunicação é uma área científica muito jovem. Embora tenha nascido oficiosamente na Grécia, oficialmente, só começa a se desenvolver quando as tecnologias da comunicação jornalística começam a ser implementadas, no século XX. Trata-se de área jovem e em constituição. Pergunto se nos caberia afirmar que temos uma Epistemologia da Comunicação consolidada. Penso que não e, felizmente, nunca teremos, porque se chegarmos a afirmar uma definição epistemológica da

comunicação, podemos nos esquecer de que não se faz Comunicação sem pesquisa. Não temos uma Epistemologia da Comunicação consolidada, e todos os GTs da Compós constituem laboratórios epistemológicos da área. Assim, gostaria de pensá-los e sobre eles refletir. Mais do que definir, quero produzir uma Epistemologia da Comunicação.

MA: Muito obrigada, professora Lucrecia. Abrimos o debate para podermos refletir e ter uma interlocução com a professora. Podemos começar com essa questão que está colocada: como é possível decolonizar a comunicação? Podemos começar por essa?

LF: Sim, está ótimo. Como é possível decolonizar a comunicação? A palavra decolonizar me intriga. Parece que, assim, assumimos que somos colonizados. A decolonização pode ser uma falsa questão pois, se formos além da colonização histórica da América Latina, continuaremos a ser colonizados se permitirmos que nos colonizem. A questão da internacionalização da área me preocupa nesse sentido. Isso porque penso que atrás dessa internacionalização está uma acomodação de colonizados. Queremos ser colonizados pelo que a Europa ou os Estados Unidos produzem? Não. Por que não podemos produzir a nossa Epistemologia da Comunicação com base nas características que nos são próprias? Por que não podemos trabalhar com as nossas diferenças, que são aqueles elementos intrínsecos e próprios à nossa comunicação? Eu não acredito que se possa ir buscar na França ou nos Estados Unidos uma epistemologia ou uma raiz epistemológica que, sendo aplicada no Brasil, leve a uma decolonização. Só haverá uma decolonização da Comunicação se olharmos para as nossas diferenças. Penso que a internacionalização praticada como um aprendizado ou importação do que se produz no exterior nos afasta daquilo que podemos produzir e, sobretudo, leva-nos a desconhecer como podemos ser competitivos. Esse realmente não é o melhor caminho para a Epistemologia da Comunicação e para o que podemos entender como Ciência da Comunicação no Brasil.

MA: Professora, o Daniel Melo Ribeiro traz a seguinte questão: como podemos relacionar o conceito de mediação da Semiótica – entendido como a ação do signo – com a sua proposta de mediação?

LF: A Semiótica, sobretudo na raiz peirceana, entende mediação como vínculo que corresponde às características da terceiridade. Quer dizer, aquela relação produzida por crenças que levam à sedimentação de hábitos. Nessa relação, o signo estabelece um vínculo mediativo entre crenças e hábitos. Uma relação linear entre crenças e hábitos. Entretanto, a Semiótica não é exclusivamente apoiada na relação entre crenças e hábitos. Ao contrário, ela se apoia na relação de secundidade, pela qual toda ação suscita uma reação produzida por um elemento externo a ela; nessa relação surge a intervenção de outro elemento que se identifica como um outro: a alteridade que promove a diferença entre ação e reação, entre mim e o outro. A interação substitui a mediação.

A alteridade se expressa no nível da secundidade, mas ela nasce como qualidade sensível que permeia toda a primeiridade peirceana. Se admitirmos uma simetria entre primeiridade, secundidade e terceiridade, veremos que existe uma escala que vai da simples qualidade sensível dos sentimentos da primeiridade, caminha para a secundidade, onde ação e reação sgnicas assumem a presença do outro, para atingir o nível de terceiridade que se caracteriza pela mediação entre crenças e hábitos tornando presente, com mais clareza, a característica social da Semiótica. A mediação percorre os três níveis do signo, em escalas diferentes, porém, em todos, está presente um aprendizado a partir da experiência e dele decorre a possível mudança de comportamento.

João Damásio: Ainda que não pense em termos de “consolidação” do campo, você chega a vislumbrar caminhos mais próximos do que seria uma consolidação de estudos brasileiros da comunicação?

LF: A atuação no GT de Epistemologia da Comunicação nos leva a constatar que a qualidade dos trabalhos muda, ainda que com

temáticas distintas ano a ano. Estamos em nível mais sólido e mais consequente dos trabalhos. Estamos cada vez mais rigorosos no modo como queremos estudar Epistemologia da Comunicação. Eu não falaria em consolidação do campo, mas em campo sendo consolidado.

MA: Em processo.

LF: É isso que nos impõe a necessidade de continuar a trabalhar e a participar. Se não assumirmos a necessidade do caminho a percorrer, é possível que nos acomodemos e consideremos que nada mais temos a descobrir ou a produzir.

Hermundes Flores: A senhora destacou o papel dos meios na comunicação. Como a senhora vê o futuro da comunicação (ciência e prática) tendo em vista o protagonismo das interações via redes sociais digitais?

LF: Temos um caminho a percorrer. Efetivamente, estamos assumindo que a comunicação não existe sem os meios, mas não necessariamente, os meios tecnológicos. A retórica de Aristóteles é um meio, sem dúvida alguma. Agora, estamos aprendendo a trabalhar com os meios tecnológicos da comunicação. O digital está nos ensinando a operar com outros significantes, mas também estamos adquirindo consciência do que os meios fazem ou podem fazer conosco. Entretanto e ao mesmo tempo, estamos cientes de que os meios existem para deles nos utilizarmos e, fazê-los úteis, dependendo do modo como utilizamos os meios: ou trabalhamos interativamente com eles e aprendemos a produzir a comunicação a partir deles ou teremos de admitir que a comunicação com os meios são fatores de manipulação das consciências. Eu não acredito que se possa manipular consciências. À medida que vamos aprendendo a trabalhar com os meios, vamos ficando cada vez mais atentos. Em lugar de

verificar o que os meios fazem conosco, é necessário nos perguntarmos o que podemos fazer com os meios. E aí está o conceito de mediação que procura consolidar a diferença entre mediação, interação e mediação. Se a mediação é capaz de trabalhar com as consciências; a mediação é capaz de trabalhar a partir dos meios.

MA: Bom, gente, infelizmente estamos encerrando a nossa interlocução com a professora Lucrecia. Agradecemos novamente a sua gentileza e a sua disposição, e a riqueza da sua interlocução, das suas reflexões, que com certeza contribuirão e contribuem para que possamos avançar nesse processo da construção do pensamento comunicacional a partir das nossas questões e das realidades empíricas concretas, das nossas vivências e experiências. MUITÍSSIMO obrigada.

LF: Mais uma vez, quero agradecer o convite do grupo de pesquisa liderado por Maria Ângela. Certamente, nos encontraremos nas reuniões do GT de Epistemologia da Comunicação no qual poderemos continuar a debater. Um grande abraço a todos!

TENSÕES COMUNICACIONAIS: A BUSCA PELOS INDÍCIOS DA COMUNICABILIDADE E DA INCOMUNICABILIDADE

Luiz Signates



MA: Hoje, teremos a participação do professor Luiz Signates, da Universidade Federal de Goiás. É com muita alegria que a gente recebe esse nosso colega do GT de Epistemologia da Comunicação, que coordenou o grupo durante três gestões. Estamos muito felizes com a condução do seu processo de gestão do GT. Muito obrigada, mais uma vez, Signates, pela sua presença e a alegria de nos reencontrarmos. Como uma primeira questão, a gente gostaria que você falasse brevemente do seu percurso. Como você chegou à área de Teorias da Comunicação e à Epistemologia? Como se deu a sua inserção na academia, sobretudo, na perspectiva teórica e epistemológica da Comunicação?

Luiz Signates (LS): Boa noite, colegas. É um prazer enorme. Eu senti uma satisfação muito grande quando vocês me convidaram para falar desse assunto que é a temática que mais me impulsiona, a da Epistemologia da Comunicação, referente ao desenvolvimento da meta-discussão e do desenvolvimento metateórico da Comunicação.

Olha, Maria Ângela, quando você falou da criação do mestrado e falou de tropeços, de idas e vindas, eu pensei: “Bom, a minha carreira também é assim.” Eu me interessei pela discussão metateórica da comunicação no tempo do meu mestrado, entre 1994 e 1995, na Universidade de Brasília. No mestrado, descobri um autor alemão, o Jürgen Habermas, e achei-o muito interessante. Uma leitura muito difícil, um autor bastante complexo, que, na época, era o principal filósofo na Escola de Frankfurt. Ele tinha recebido a herança de Adorno e Horkheimer, e constituía a chamada segunda geração dos frankfurtianos. Eu fiquei muito impressionado quando comecei a ler a obra seminal dele, a “Teoria da Ação Comunicativa”. Eu já tinha lido o livro “Mudança Estrutural da Esfera Pública” e, na obra seguinte, me impressionou muito um filósofo alemão, vinculado à Escola Crítica, que cometia a ousadia de construir uma teoria de sociedade, tendo a noção de comunicação como conceito central. Isso me impressionou muito. Então, resolvi emendar o mestrado com o doutorado e fiz uma proposta nesse sentido para o Professor Mauro Wilton de Sousa, da USP.

MA: Ele também foi meu professor no mestrado em Comunicação na Metodista de São Bernardo do Campo (SP).

LS: Pois é, na época, ele era o único autor da área de Comunicação que eu conhecia, que tinha estudado Habermas. O único que eu descobrira citando Habermas. Por isso, fiz contato com ele, e consegui uma vaga no doutorado da USP. A proposta foi estudar Habermas e Comunicação. Esse autor me interessou, como disse, justamente por propor uma teoria social centrada na comunicação, numa obra volumosa, em dois volumes, a “Teoria da Ação Comunicativa”. Mas, nesses dois volumes, o Habermas não falava de comunicação social na forma como o nosso campo normalmente entende.

Na época, a minha ideia de comunicação era muito de mídia. Tinha que falar de rádio, televisão, jornal e alguma coisa assim. Ele falava de comunicação nas 1.500 páginas, mas de mídia somente em seis páginas e,

ainda assim, não tratava diretamente do assunto e sim fazia uma discussão com Adorno, falando dos problemas que a teorização desse autor tinha para tratar da questão das mídias. Ou seja, a comunicação para ele era uma coisa mais ampla e não aquilo que a gente entendia. Então, eu propus investigar isso no doutorado, com uma pesquisa sobre comunicação em Habermas. E a minha tese de doutorado, que resultou no livro “Sombra e o Avesso da Luz”, é o produto do primeiro grande ensaio que escrevi sobre a noção de comunicação como estruturadora da sociedade.

Esse assunto então passou a me interessar muito. Eu defendi o doutorado em maio de 2001, e esse movimento coincidia com a época da criação do GT de Epistemologia da Comunicação. Eu já tinha participado do GT de Comunicação e Política e trabalho com política até hoje. Como você disse, eu sou proprietário de um instituto que faz pesquisa política. Quando foi criado o GT de Epistemologia, pelo professor Luiz Claudio Martino, da Universidade de Brasília, eu entrei na primeira hora. Eu gostei muito do debate e propus um texto no segundo ano. E aí, no segundo ano, o mandato do Martino venceu, e para a minha surpresa, ele virou para mim e disse: “Signates, você é o único membro do GT que veio no primeiro ano e que veio no segundo também. Então eu gostaria que você assumisse o GT”.

Eu não era professor de pós-graduação. Eu era recém-doutor. Não existia, ainda, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação na UFG. Esse programa foi criado em 2006, e isso era entre 2002 e 2003. Aí eu assumi durante dois anos, e foi esse percurso. Depois, passei a gestão para o professor Jairo Ferreira, que é um parceiro e até hoje frequenta o GT também. A partir do Jairo, eu conheci o grupo da Unisinos, e lá estreitei relações com o professor José Luiz Braga, que até hoje é a grande referência que tenho para pensar a Epistemologia da Comunicação. Depois que a gente criou o programa na UFG, dentro dessa relação, a Unisinos propôs a nossa participação em um Procad, um programa financiado pela Capes, que reunia a Universidade Federal de Juiz de Fora, a Universidade Federal de Goiás e a Unisinos. O projeto conjunto era estudar Epistemologia. E aí eu caí para dentro.

Eu fui o coordenador desse Procrad em Goiás. Então, a gente começou a trocar textos e a fazer uma discussão com o professor Braga, o Fausto Neto, o Pedro Gilberto e outros colegas importantes na área. E aí surgiram as primeiras grandes questões relacionadas à Epistemologia da Comunicação, que marcaram a minha trajetória para pensar a comunicação. Com o amadurecimento desse debate, a principal questão passou a ser a análise que o Braga trazia, de que o nosso campo é excessivamente disperso. Disperso no sentido de que nós temos uma enorme diversidade teórica que não dialoga entre si, que aportamos vários recortes teóricos advindos de outras disciplinas e não temos um objeto que nos unifique. Não temos um ponto comum que nos direcione. Nós não temos uma referência de comunicação na qual a gente reúna esforços.

É diferente da Física, por exemplo, na qual sabemos que tem a física quântica e a física mecânica. E eles (os pesquisadores) têm muita dificuldade de reunir as duas numa única teoria. Então, no campo teórico da física e da pesquisa, todos os físicos e pesquisadores do mundo estão tentando reunir as duas teorias. Eles têm um objetivo que é mais ou menos comum no mundo inteiro. Então, o nível de interlocução entre eles é muito grande. E na área de Comunicação, a interlocução é dispersa. Eu passei a estudar essa dispersão e produzi um conceito paralelo a ela, que é o conceito de exogenia. Ele está num texto meu, recentemente publicado na revista *Líbero*.¹ Esse é um texto que trabalha a noção de dispositivo como uma possibilidade de saída da exogenia. E aí eu passei a estudar isso e a buscar o que seria o objeto da comunicação.

Eu comecei a fazer varreduras teóricas, numa articulação na qual observava muito o trabalho do professor Braga. Ele se dedicou a estudar os textos do nosso campo. Os famosos 100 textos de pesquisa empírica, sobre os quais ele pesquisou para compreender o que é, afinal, que o campo da Comunicação chama de comunicação.

1 SIGNATES, Luiz. Da exogenia aos dispositivos: roteiro para uma teorização autônoma da comunicação. *Líbero*, v. 18, n. 36, p. 143-152, jul./dez. de 2015.

Dentro do planejamento do Procad, eu entrei num estágio pós-doutoral com o professor Braga. E me propus ao seguinte: “Como o Braga vai estudar dentro do campo, eu vou estudar fora dele”. Eu já tinha uma relação com os estudos do campo da Política e da Educação. Então, passei a estudar as áreas correlatas. Passei a estudar a interface da Comunicação com a Política. Foi aí que eu consegui chegar a algum desenvolvimento. Eu descobri, por exemplo, que os conceitos fundamentais da Ciência Política são, todos eles, marcadamente, comunicacionais. Hoje, se alguém me perguntar, por exemplo, o que é a democracia, eu respondo que a democracia é um modo de ser da comunicação numa sociedade qualquer.

MA: E o que é comunicação? Qual é a sua percepção sobre a comunicação?

LS: É aí que está o problema. Se tiver muita comunicação, a sociedade será mais democrática. Se tiver pouca comunicação e muita repressão a ela, a sociedade é autoritária. Quando as ditaduras se impõem, a primeira coisa que todo ditador faz é fechar o Congresso e empastelar a imprensa. Porque aí você vai impedir a comunicabilidade da sociedade. Você acaba com a democracia restringindo as comunicações. Então, a democracia é um evento comunicacional, só que o pessoal da Ciência Política não sabe disso. Quem sabe disso somos nós.

E então começamos a construir uma teorização sem perder a interlocução com os campos vizinhos, mas que se caracteriza por um olhar próprio. Isso que é a busca. É um projeto que eu já venho desenvolvendo há mais de 12 anos. É o projeto de saber o que é especificamente comunicacional nos fenômenos em geral. Eu já estudei o que é especificamente comunicacional na Ciência Política e o que é especificamente comunicacional na Educação. A Educação é todinha atravessada pela comunicação. E então tenho buscado observar que em todas as áreas da atividade humana a comunicação está inserida. Eu perdi a ideia de que a comunicação tem a ver exclusivamente ou especialmente com a mídia.

Outro campo é a religião. Eu venho estudando religião há muito tempo. Tenho muito interesse nesses estudos. Quando eu comecei a estudar comunicação e religiosidade na UFG, e aí eu passei a dar aula na PUC de Goiás, fui chamado a integrar os quadros do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência e Religião. Eu até brinco com as pessoas e falo: “Olha, eu não tenho vocação religiosa nenhuma, mas dou aula de religião para padre, pastor, etc.” (risos). E na religião, descobri um contexto comunicacional absolutamente precioso.

Hoje, eu digo para vocês que o espaço social da religião é o melhor lugar para a gente estudar comunicação. É melhor do que a mídia, apesar das instituições de mídia serem instituições de poder simbólico, assim como as instituições religiosas. Mas a religião é preciosa para estudar a comunicação num sentido específico, que é o da conflitualidade. Quando você me pergunta: “O que é comunicação?”, eu não sei responder exatamente isso, como todo bom professor de Teorias da Comunicação. Não é que eu não saiba responder, é que eu não tenho uma única resposta para isso.

Nós temos várias possibilidades de articular o conceito de comunicação. Nós podemos articulá-lo com a noção de informação, a partir até da matemática informacional, dizendo que comunicação é o sinal que transita de um lugar para o outro, gerando aquilo que nós denominamos de informação. O professor *Ciro Marcondes Filho*, ex-professor da USP, discorda disso. Para ele, isso não é comunicação; isso é sinalização ou, no máximo, informação.

Ou então vamos para o professor *Muniz Sodré* que afirma que comunicação é o vínculo social. Mas como a gente pode falar de vínculo social sem entrar na Sociologia? É um problema. Eu diria que sim, é um vínculo social. Porém, para *Ciro Marcondes Filho*, a comunicação é quando acontece uma troca simbólica, que provoca uma transformação no outro. Por isso que, para ele, a comunicação é um fenômeno muito raro. Ele vai tirar isso da Teoria de Sistemas de *Niklas Luhmann*. E ele compôs, a partir desse conceito, uma teoria que ele chama de “Nova Teoria da Comunicação”.

No ano passado (2020), eu comecei o meu pós-doutorado com ele, mas ele faleceu logo no início. Eu só tive um encontro de interlocução, no qual tive a oportunidade de dizer para ele: “Olha, professor, eu acho que a teoria do senhor não deveria se chamar Nova Teoria da Comunicação. Eu a chamo de ‘teoria metapórica do acontecimento comunicacional’, porque é uma teoria fenomenológica.” É lindíssima a teoria dele. Se você admitir o conceito de comunicação dele, daí para a frente você vai desenvolver um conceito que eu estou estudando hoje, que é o de metáporo. É uma teoria que começa fechada e termina aberta; e o metáporo é um quase-método. Um debate que considero referência entre o professor Ciro Marcondes e o professor Braga, deu-se por textos de réplicas e tréplicas publicadas em revistas, especialmente na revista *Matrizes*, em que Braga discorda de Ciro Marcondes. Para Braga, a comunicação é todo e qualquer produto simbólico resultado do desenvolvimento de interações dentro de articulações sociais, que ele chama de dispositivos interacionais, com base em Michel Foucault, e não um conceito específico, como propõe Ciro.

Essa dimensão ampla da comunicação e o reconhecimento dela em toda a parte da sociedade, levou o professor Braga a construir uma noção de que a comunicação antecede a linguagem. A noção de que a linguagem é uma coisa inventada por pessoas que se comunicam, rompendo com aquela noção instrumental de que a gente usa a linguagem para se comunicar. Não, a gente usa a comunicação para inventar a linguagem. E aí, a linguagem é uma das formas de comunicação, sem precisar ser a única. Nós nos comunicamos sem ter a linguagem. Braga constrói essa teorização com base em um estudo que ele faz do Oliver Sacks. E essa geração de tensões comunicacionais faz eclodir uma linguagem como um código intermediário, dentro de uma situação social entre duas ou mais pessoas, entre um grupo social e outro. A gente inventa soluções, inferências, a partir dos tensionamentos e dos desafios que a vida nos oferece.

Com base nisso, eu lancei o último texto, que é o mais ousado que eu já escrevi na vida, chamado “Comunicação como ciência básica tardia”,² sugerindo que se a comunicação é anterior à linguagem e é distribuída em todos e quaisquer grupos sociais, tendo a ver com todas as ciências correlatas às nossas, a Comunicação então pode ser uma ciência básica. Uma ciência básica como o Português, a Matemática e a História.

E aí há uma constatação que chamei de uma pressão de contexto. A emergência da *internet* e das grandes redes da comunicação propiciou as formas de comunicação a níveis que podem ser mundiais. E mais do que isso, retirou das grandes mídias a centralidade da produção, entregou para a sociedade inteira e capilarizou, a ponto de ir à intimidade da vida das pessoas, os processos comunicacionais. É aquilo que o grupo da Unisinos chama de processo de mediação, e que eu brinco dizendo que é o nome que nós da Comunicação inventamos para falar de globalização. A globalização é um conceito de Sociologia; mediação é de Comunicação. A mediação é a vida social no modo comunicacional de ser. Então a comunicação também é um modo de ser e um modo de vida hoje. Ela não é só transferência de mensagem, e não é só compreensão de informação; não é só entendimento, e nem somente vínculo social. Ela é um modo de ser no mundo, na vida privada e pública de cada um de nós, que efetua uma ruptura bastante estranha entre o mundo privado e o mundo público. Por isso, como conhecimento, a Comunicação é uma ciência básica tardia. Essa foi a primeira “grande descoberta” que eu tive na minha carreira.

Tudo isso me mostrou que a gente não tem, nem tem que ter um só conceito de comunicação, e mais do que isso, que esses diferentes conceitos tensionam um ao outro, e que o tensionamento pode ser o estruturador do objeto. Ou seja, nós não precisamos ter um conceito único de comunicação; podemos fazer que o nosso objeto não seja o conceito e sim, a tensão. Os tensionamentos que acontecem entre as problemáticas comunicacionais e simbólicas que nós encontramos. A segunda “descoberta” foi a ideia do tensionamento comunicacional. Essa é uma ideia

2 SIGNATES, Luiz. A comunicação como ciência básica tardia. **E-compós**, v. 21, n. 2, maio/ago. 2018.

bem mais recente que eu descobri estudando religião. Eu descobri que a religião é o meio social, que de maneira mais explícita, tensiona dois polos da comunicação: a comunicabilidade e a incomunicabilidade. A religião possui a incomunicabilidade do dogma, que é um movimento comunicacional de silenciamento em relação aos princípios. Você não frequenta uma religião questionando Deus, por exemplo. Eu não frequento o catolicismo questionando se Jesus existiu ou não. Você não frequenta o espiritismo questionando se existe vida após a morte, se existe ressurreição ou mediunidade. Há princípios que são incomunicáveis, que são indiscutíveis. E esse é o polo da incomunicabilidade. No entanto, toda religião precisa de legitimação social. O máximo de legitimação é quando a religião parte para a missão de converter o mundo. E essa conversão do mundo é o outro polo da comunicabilidade. E aí eu passei a trabalhar isso e a aplicar para outras situações sociais.

Ao buscar o objeto da comunicação, hoje, eu não busco a comunicação. Eu busco onde estão as tensões comunicacionais. Eu busco os elementos indiciários dos fenômenos empíricos, tais como eles acontecem, seguindo a recomendação metodológica do professor Braga. Esse é o livro que eu estou escrevendo neste momento, chamado provisoriamente de “Elementos para uma teoria das tensões comunicacionais”. É um livro formado por três partes, que serão uma discussão epistemológica, uma discussão teórica posicionando essa proposta e uma discussão metodológica. O modo de encontrar o especificamente comunicacional, o modo de você distinguir os indícios de comunicabilidade... a perspectiva do Braga de que a comunicação é uma disciplina indiciária, e os indícios de incomunicabilidade. Examinar aquele que é principal e que “puxa” todos os outros, e em seguida, fazer a articulação e o mapeamento do *corpus*, utilizando a noção de dispositivo. E desenvolver a pesquisa empírica com as inferências teóricas.

Há três anos, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG, nós conseguimos chegar ao nível quato e criamos o doutorado, que hoje tem somente uma disciplina obrigatória, chamada “Seminá-

rios de Epistemologia da Comunicação”. Desde o início, eu ministro essa disciplina. Nela, posiciono os alunos no sentido de que a pergunta-problema deles deve ser especificamente comunicacional para que o trabalho deles seja aceito como legítimo dentro do campo. A gente recebe sociólogos, historiadores, educadores, jornalistas formados e o pessoal que fez mestrado em Comunicação ou demais áreas, feitos conosco ou fora da instituição. Todos eles são desafiados a desenvolver uma teorização que seja especificamente comunicacional. Você pode trazer qualquer autor de fora, pode trazer um filósofo. Por exemplo, vou estudar as tecnologias na relação humana e “trago” o Bruno Latour, como uma aluna minha que está nessa condição. Eu perguntei a ela o que é especificamente comunicacional nas tecnologias e o que é comunicacional na teorização do Bruno Latour, e qual é a crítica comunicacional que a aluna faria à teoria dele. E aí, o modo de fazer isso é buscar as tensões, tensionar o autor e tensionar o objeto para distinguir o comunicacional, e aí inserir o nosso trabalho nesse campo.

Eu estou com um projeto de quando o nosso programa de doutorado completar cinco anos de teses e defesas. Um estudo com as nossas teses de doutorado para compreender o que nós evoluímos em termos de produzir textos e teses doutorais, que sejam articuladas de tal forma à Comunicação, que a gente não os confunda mais com teses da Sociologia, da Linguística, da Antropologia e demais áreas. Então, a gente está com um trabalho muito sério, no sentido de reforçar o objeto comunicacional, mas numa perspectiva em que não se tenha mais a intenção de construir uma teoria única, de ter de construir a grande teoria ou de chegar ao grande conceito de comunicação... o conceito que unifica tudo. Hoje, nós estamos muito bem com essa diversidade conceitual. O saber é diverso e o mundo também, basta a gente aceitar isso. Porém, o nosso objeto de trabalho agora passa a ser a busca das tensionalidades que fundam o comunicacional, que movimentam a circulação simbólica, que tornam possíveis e dinâmicos os vínculos sociais, e que distinguem as instituições de comunicação e de poder simbólico.

MA: Nossa, foi uma aula incrível sobre a sua trajetória, as suas concepções, os seus desafios e transformações. É exatamente o que eu gostaria de saber, Signates. A partir dessa vivência e dessa inventividade, das construções e dos tensionamentos propostos por você e pelos demais pesquisadores da área, você considera que avançamos no sentido de construir uma ciência? Não como uma ciência fechada e rigorosa, mas numa perspectiva comunicacional, do ponto de vista do conhecimento? A Comunicação como um conhecimento pertinente, válido e relevante para se estudar a sociedade hoje. Como você avalia o nosso status em termos de área de conhecimento? Em qual nível nós estamos? Podemos nos considerar uma área, no sentido de termos uma especificidade comunicacional aberta e plural, sem cair na dispersão e na fragmentação? Gostaria muito de ouvir você sobre isso.

LS: Essa sua pergunta é complexa por uma seguinte razão: o GT de Epistemologia da Compós tem trabalhado muito nesse sentido. Eu não diria todos os membros que participam do GT, mas o grupo mais persistente, que são exatamente esses que vocês estão entrevistando. A professora Lucrécia é uma autora muito importante, que tem contribuído bastante nesse sentido. Tem também o professor José Luiz Braga e o professor Ciro Marcondes, que frequentou o GT nos últimos dez anos. O professor Jairo, o professor Luís Mauro Sá Martino, da Cásper Líbero, assim como o professor Luiz Claudio Martino, que é um pioneiro no debate sobre Teorias da Comunicação e que alguns dos livros dele são referência para nós hoje. E alguns professores de Teorias da Comunicação, que também têm comparecido.

Eu tenho visto progresso, Maria Ângela, mas o nosso campo ainda tem um grau de dispersão significativa. Nós ainda temos os feudos de abordagens, os feudos disciplinares, sem termos uma interlocução muito séria com eles. Eu acho que isso não é só nos nossos eventos e dos GTs, e a dificuldade que os GTs têm de conversar uns com os outros, mas também o modo como a nossa pós-graduação funciona no Brasil.

Eu até brinco dizendo que a Igreja católica que inventou a escola e a universidade. Ocorreu a modernidade e houve a decadência da igreja católica, mas nunca deixamos de ser um regime feudal. Até hoje, as universidades ainda têm uma espécie de cultura feudal. É claro que isso é uma brincadeira, mas com um fundo de verdade, porque cada professor é um senhor feudal. E em geral, nos Programas de Pós-Graduação, nem sempre a gente encontra aquele clima em que um professor se referencia no outro. Dentro do Programa de Pós-Graduação, eu poderia perguntar até os professores do programa de vocês, quantos já leram a tese dos colegas? Vocês conhecem e já leram as teses dos colegas?

MA: Muito poucos.

LS: Pois é, isso é muito comum em todos os programas. Eu já questionei isso para o meu colegiado: “Quem de nós aqui já leu a tese uns dos outros? Nem eu.” Então a gente escuta falar uns dos outros, e sabemos mais ou menos qual é a linha. E chamamos para as nossas bancas, mas não passa disso. Uma interlocução profunda, uma interlocução dos professores entre si, é algo que a gente ainda tem como falha. Porque cada professor tem a sua linha teórica, e quem está estudando aquilo não se envolve em outra coisa. “Ah, eu estou estudando Comunicação e corporeidade.” “Eu estou estudando a Semiologia disso.” “Eu estou estudando Comunicação no Jornalismo.” E aí, a gente não conversa. Essa dificuldade de interlocução cria problemas para nós.

Então, eu acho que o campo ainda é muito disperso, que nossas dissertações e teses são bastante exógenas. Uma tese exógena é que aquela que eu pego e venho para o campo de Comunicação, achando que se eu colocar televisão, jornalismo, rádio ou *internet* no *corpus*, o meu trabalho é da Comunicação. Geralmente, os alunos pensam isso. É interessante como isso não é verdade. Eu posso estudar a Rede Globo numa perspectiva que nada tenha a ver com a Comunicação, na perspectiva da economia política, sobre as verbas que os governos enviam para a Globo, e como isso coloniza o sistema de jornalismo da Globo.

Claro que isso tem muito interesse para os estudos jornalísticos, mas uma tese sobre esse assunto, não obrigatoriamente é uma tese de Comunicação. É isso eu tenho conversado com os estudantes.

Às vezes, um jornalista entra para o mestrado e faz uma tese de Sociologia da comunicação, mas como ele não tem a formação graduada na Sociologia, sem ter lido nem mesmo os três porquinhos dessa disciplina – o Marx, o Weber e o Durkheim – e toda a discussão que vem depois, ele produz uma tese ruinzinha de Sociologia. E aí vira um autor produzindo uma Sociologia de quinta categoria, ou uma Ciência da Linguagem de terceira categoria.

Mas nós temos um objeto da Comunicação, que não é a preocupação deles! De forma que a ideia que temos trabalhado no sentido de, cada vez mais, reunirmos forças para produzir o comunicacional, seja lá o que isso for. A gente bota a questão da comunicação no problema central da pesquisa e diz para eles: “Não adianta você trazer o *corpus* e achar que ele justifica o objeto. É a tua pergunta que tem que ser comunicacional.” Eu, por exemplo, estudo religião. Eu faço perguntas comunicacionais à religião. É muito mais Comunicação do que se eu estudar a Rede Globo numa perspectiva da Economia ou da Ciência Política.

MA: Não é a teoria que define o objeto, não é mesmo?

LS: Não. É a pergunta que eu faço. É lógico que o *corpus* ajuda bastante, por exemplo, se for um sistema simbólico. Como é a religião, como é a educação, como são os movimentos sociais. Recentemente, fiz um estudo sobre os museus e descobri que o museu também é uma instituição de comunicação. Fica legal estudar isso, mas se você fizer a pergunta comunicacional. Então, acho que, por essa razão, porque eu sei que são poucos de nós que pensam assim dentro do nosso campo... boa parte dos colegas, para não dizer que é a maioria, não estão preocupados com isso. Eu diria que não, que o nosso corpo ainda é bastante disperso. Mas eu diria que estamos evoluindo, nós estamos crescendo.

O professor **Ciro Marcondes** propôs uma teoria que é de Comunicação, que não é de Sociologia, de Ciência Política ou de Linguagem. Ante a Nova Teoria da Comunicação do **Ciro**, você pode fazer todas as críticas, mas é uma teoria de Comunicação. Ele estudou praticamente toda a herança filosófica da história da humanidade. O que esse homem fez foi um negócio gigantesco. Desde o final dos anos 1980, quando ele criou o Filocom (Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação), na USP, o professor **Ciro Marcondes**, desenvolve estudos e publica sobre todos os filósofos. Ele foi lá dos pré-socráticos, do Platão, até o século XX. Ele leu Heidegger, leu Merleau-Ponty, leu praticamente todo mundo. E de cada um ele sacou alguma contribuição para explicar o comunicacional e contribuir para produzir uma teoria da comunicação. Esse é o tipo de teoria da comunicação que faz o campo avançar. Nós não tínhamos isso. Não existia nenhuma proposta teoricamente, especificamente comunicacional, antes da proposta do **Ciro**.

O trabalho que o professor **Braga** vem fazendo há mais de 20 anos, é um trabalho maravilhoso em termos de uma teoria que ele categoriza como uma teoria intermediária sobre a comunicação. O **Braga** tem uma pegada interacionista muito forte, que amplia e agiganta as possibilidades de pesquisa e de indagação. Ele não tem a pretensão de uma teoria fechada e redondinha. A pretensão dele é de uma teoria que ofereça possibilidades de indagações, de perguntas, de pesquisas. Então, o trabalho do professor **Braga** está dando uma contribuição importante. E eu, modestamente, estou escrevendo esse livrinho. O passo seguinte é colocá-lo em diálogo com a teorização do professor **Braga**. A gente está evoluindo, né?

MA: Signates, você tá muito modesto. O Signates é um dos autores que mais produziu e apresentou textos na Compós durante os 20 anos de sua realização. Tanto que a gente privilegiou, nesse primeiro momento das *lives*, convidar quem mais apresentou textos no GT de Epistemologia da Comunicação. Textos importantes para a formação de abordagens comunicacionais, para a constituição dessas abordagens, de todas as controvérsias e tensionamentos. Eu gostaria de saber como você avalia a participação das novas gerações e das inserções dos novos alunos da Compós. Quais são as inserções dessa galera mais nova e qual é a importância disso para o GT de Epistemologia?

LS: Olha, você só faz perguntas difíceis (risos). Deixa-me lhe dizer: uma coisa específica tem me surpreendido nos últimos anos no GT de Epistemologia, que é a quantidade de doutorandos que tem aparecido com uma enorme qualidade teórica. A qualidade dos textos da Compós, hoje, é muito melhor do que a qualidade dos textos que nós tínhamos há dez, quinze anos atrás. Isso eu posso dizer, porque eu entrei nesse GT e estou nele há 20 anos, e ainda não tive vontade de sair. É um GT muito prenhe, muito instigante. Quando a gente entra, o debate começa, e quando a gente vê, a gente tá embolado nele.

O professor Braga entrou nesse GT há mais ou menos 12 anos. Quando ele apresentou o primeiro texto, a gente comentava: “Professor Braga, o senhor vai ficar com a gente?”, porque ele é uma pessoa muito importante. Ele é uma referência na área. Ele sorria e falava: “Olha, uma das minhas características nos congressos e na Compós é que eu sou muito fiel à infidelidade que eu tenho aos GTs.”. E ele está no nosso GT há quase quinze anos (risos). Então eu fico pensando, vai ser infiel assim lá na China! (risos)

MA: Mas que boa infidelidade, né!? (risos)

LS: É muito interessante, porque a sensação que nós temos é de que esse pessoal que está chegando, está percebendo a construção que precisa ser feita. E são construções interessantíssimas, trazendo autores de alta complexibilidade e trabalhados com muita pertinência. E uma coisa muito interessante é esse desenvolvimento, que a gente está mantendo no GT, e a pluralidade das abordagens. Nós conseguimos um grupo fixo, mais constante, e ao mesmo tempo nós temos de 40 a 60% de renovação a cada ano. Um grupo que persiste, e com uma abordagem teórica que jamais foi única. A gente não formou feudo, e nem formou colegozinho. Nós não somos uma família de pessoas que concordam com uma mesma teoria. Não se trata de “ou você está com esse autor ou você está fora”. Então, ao mesmo tempo, a gente tem conseguido uma diversidade e uma unidade de debate bastante grande. Na área da Comunicação, o GT de Epistemologia é o lugar onde mais aprendo. A cada ano, a gente volta renovado e com alguma coisa nova. Eu fui coordenador no começo, no meio e sou coordenador agora em 2021.

MA: E no próximo ano, você vai lançar o seu livro, com certeza na Compós.

LS: Uma das coisas que eu mais reclamo para o GT é que, nesses 20 anos, a pessoa que mais foi coordenador e vice fui eu. Dos 20 anos, eu estive na coordenação por oito anos. Em seis anos como coordenador e, nos outros dois, como vice. O professor Luiz Claudio Martino foi coordenador, e eu fui vice dele. Quando foi o professor Braga, eu fui vice de novo. Só agora já são quatro anos sem comunicar texto, porque o coordenador não pode apresentar texto. Isso é uma coisa que eu protesto todas as vezes. Eu boto isso em pauta em toda a reunião da Compós, reclamo porque a gente fica sem interlocução.

Mas o coordenador tem um privilégio: ele conhece os textos que serão apresentados e os demais textos inscritos. No nosso GT, cerca de 20 a 30 textos são inscritos a cada ano. E aí a gente seleciona dez textos. Maria Ângela, a Compós tem um conceito que é de demanda qualificada, significando aqueles textos que poderiam ser aprovados se houvessem mais vagas, os textos não rejeitados. Nós tivemos 21 textos em 2021, com uma demanda qualificada de 16. A qualidade dos textos que ficam de fora é de chorar. Tem alguns textos que ficaram de fora desse GT que eu falo: “Gente do céu, a gente tinha que fazer alguma coisa”. Eu já tive editora de revista, que frequenta o GT, que me disse: “Signates, me passa os nomes dos caras que fizeram os textos rejeitados para eu propor um texto para a revista”, porque qualifica um texto na revista. Então, eu diria que sim, nós estamos melhorando muito, e com pessoas jovens.

MA: Signates, a gente vai abrir o debate agora. Eu só queria lançar uma última questão. Falar um pouco desse movimento da decolonialidade do pensamento comunicacional, que busca repensar e criticar os nossos aportes, romper com a hegemonia de determinadas correntes, vindas da Europa e de outros países ocidentais. Como você vê esse movimento dentro do contexto da Compós e do próprio campo epistemológico da Comunicação? Você considera que é possível decolonizar a comunicação e criarmos movimentos e pensamentos próprios, brasileiros, latino-americanos, que tenham mais a ver com as nossas condições concretas?

LS: Maria Ângela, eu acho que não só é possível, como é necessário. Nós não conformaremos um campo da Comunicação sólido e consistente sem operar isso. Nós temos que produzir teoria própria. Nós temos que produzir teoria a partir da leitura da nossa realidade. E eu vejo isso não somente na área da Comunicação, mas na área das Ciências Sociais e Humanas como um todo. Essa discussão da colonização europeia e do racionalismo iluminista sobre nós, e mais tarde do americano, é uma discussão antiga. Isso antes mesmo desse debate sobre a decolonialidade. E essa noção tem se tornado uma questão epistemo-

lógica a partir desses textos que vocês estão apresentando. Já faz uns três ou quatro anos que esse assunto começa a visitar constantemente o nosso GT. E eu acho que é uma dimensão social e histórica, que opera uma inflexão importante sobre a produção teórica.

Nós estamos, cada vez mais, produzindo massa crítica para isso. Não é só a nossa disciplina e o nosso campo que tem buscado isso não. Mas a Comunicação tem uma vantagem em relação às ciências correlatas, que é muito interessante e que está justamente aonde mora a nossa desvantagem: não temos os grandes autores, os pais fundadores. Se você perguntar na Sociologia quem são os grandes autores, o pessoal vai dizer Marx, Weber, Durkheim. Se você vai à Filosofia, os três porquinhos são Aristóteles, Platão, Sócrates. Platão e Aristóteles é a dupla dos filósofos gregos que inventou a Razão, a Lógica e a Filosofia. Isso forma toda uma civilização, que já está aí com 2.600 anos, que depois se tornou produção científica e que alterou todos os horizontes do planeta. Então, eles têm uma tradição forte. E aí é muito difícil produzir uma originalidade própria dentro dessa tradição forte, porque o peso da cobrança pelo conhecimento dessa tradição vai ser muito forte.

Se você entra no campo Comunicação e pergunta quem são os três porquinhos, eu digo para os meus alunos: “Hoje, você tem o José Luiz Braga, o Ciro Marcondes e o Muniz Sodré”. Mas eles são pais fundadores? Não. Eles são pessoas maravilhosas e autores de referência, nos quais a gente passou a se referenciar. Então, todo mundo estuda eles? Não, também não. E quando a gente não tem isso, nós temos um déficit.

O vigor teórico da área da Comunicação ainda é frágil. O nível do nosso debate epistemológico mesmo dentro do GT também ainda é frágil. Eu tive um colega da UFG que também é formado em Filosofia e dá aula de Comunicação. Ele esteve uma vez em nosso GT e assistiu a todas as nossas discussões, e percebeu que a gente não discute só Epistemologia. Discutimos teorias, o campo, que é sociologia do conhecimento... discutimos as tecnologias e tal. E aí ele saiu do GT e falou para mim: “Signates, esse GT de Epistemologia não discute epistemologia não”. E aí eu falei: “Isso não é novidade para mim, querido. Mas essa é a nossa

Epistemologia. É isso que nós chamamos assim. Epistemologia para nós é metateoria”. E ele falou: “Metateoria pode ser que vocês discutam, mas Epistemologia, não, porque a epistemologia, Signates, é uma área da Filosofia para discutir questões lógicas, questões inferenciais, os conectivos lógicos, que debate até que ponto os conectivos lógicos conseguem operar a verdade. É uma discussão sobre a verdade... vocês não discutem a questão da verdade.”. E eu disse: “Concordo, querido, e nem iremos discutir, porque isso é a Filosofia que faz”. E aí eu até brinquei com ele: “Nós não discutimos a verdade, mas a pós-verdade é um tema nosso”. Porque a pós-verdade não é outra coisa, além das pretensões de verdade ou as mentiras que se tornam verdade por conta da circulação comunicacional delas. Aí, sim, é uma discussão da Comunicação.

A verdade, talvez não seja, embora eu ache que a lógica seja um argumento que tenha a sua funcionalidade comunicacional. Ela pode dar certo ou não, ela pode articular conceitos ou não, ela pode convencer ou não. Nós não temos terraplanistas até hoje? Então, a verdade tem problemas, que são de natureza comunicacional. Assim, a nossa teorização é fraca, mas a nossa fragilidade, a nossa fraqueza, é a nossa força. Eu falo aos meus alunos: “Um de vocês pode ser aquele que vai dar o grande impulso que a nossa área precisa. Um de vocês pode ser um grande teórico.” Isso porque os grandes pensamentos ainda estão para serem inventados. O mundo se tornou fortemente comunicacional e ninguém conseguiu ainda explicá-lo. Nós temos o mundo nas mãos, o mundo se tornou comunicacional... ele se converteu em nosso objeto. Tudo o que nós temos que fazer é trabalhar para construir.

Então, eu acredito que a nossa fragilidade seja uma das nossas forças por conta das oportunidades que ela nos dá. As ideias novas são facilmente estruturadas no nosso campo, porque ele está ávido de uma estrutura mais forte. E aí, Maria Ângela, complementando aquela pergunta anterior, um dos progressos que eu estou vendo fazer e que é uma coisa que está passando imperceptível... é que o conceito de midiaticização, desenvolvido pelo PPG da Unisinos, é um conceito que começa a ser adotado na Europa hoje. Você sabia disso?

MA: É... tem uma reflexão brasileira forte e latino-americana também.

LS: A noção de mediação que vem de lá, por exemplo. O Martín-Barbero entrou na teoria e deu uma trabalhada aqui. O pessoal fez avançar a leitura dele como leitura latino-americana da cultura em comunicação. Então nós estamos começando a produzir sentido que, de repente, o pessoal da Europa começa a ficar de olho na gente. A área da Comunicação tem sido e tem se candidatado, hoje, a uma das áreas mais desenvolvidas de estudo de Comunicação do mundo.

MA: Estamos decolonizando o comunicacional? A mediação está contribuindo para esse processo, Signates?

LS: Pois é, e isso é em silêncio. Na Unisinos, por exemplo, se você estudar o Programa de Pós-Graduação deles, os últimos projetos de convênios internacionais que eles têm desenvolvido, a partir de programas de comunicação, têm conversado com a Suíça. Eles já conversam com a França há vários anos. E o conceito é o nosso. Não são apenas eles que estão vindo aqui nos ensinar, não. Nós que estamos dialogando, de igual para igual, a gente está começando a posicionar conceitos lá. Isso por um olhar menos estruturado, que é o nosso, que possibilita uma criatividade maior. Então, a gente tem que continuar jogando o jogo, que a gente faz gol.

MA: O jogo tentativo da experimentação e do processo inventivo da criação desse pensamento. Signates, nós iremos abrir para a participação do público. Tem uma pergunta aí do Odlinari Nascimento.

Odlinari Ramon Nascimento da Silva: Percebemos que Signates já conceituou a Comunicação de várias maneiras. O caminho para a Epistemologia da Comunicação é encontrar o ‘o comum’ nas pesquisas?

LS: Eu diria que também, Ramon. A busca do “comum” é uma busca legítima. A experiência que a gente tem vivido, tem mostrado que o que a gente nem sempre consegue é estabelecer esse “comum” de uma forma que se torne uma verdade consensual para o campo. Não é fácil essa assimilação. Eu tenho chamado essa busca de “busca pelo que é especificamente comunicacional em diversos fenômenos”, que não precisa ser a mesma coisa. Seja lá o que você chama de comunicação, você tem que colocar na sua pergunta o que é especificamente comunicacional para que aquele especificamente conduza o desenvolvimento teórico. E aí você vai dialogar com diversos autores, de qualquer campo, buscando o que há de comunicacional neles. E buscando o que eles compreendem como sendo aquilo que eles estudaram, dentro de um olhar que é comunicacional. Ao fazer isso, nós conseguimos desenvolver um autor novo, às vezes, sobre autores antigos, já cristalizados.

Se você pegar, por exemplo, Adorno e Horkheimer, a primeira geração da Escola de Frankfurt, e aí você faz a pergunta comunicacional para a dialética de Adorno e Horkheimer, a dialética do iluminismo deles, quando eles estudam os fenômenos da manipulação e da colonização da cultura através das mídias: quando eles falam de mídia, qual é o significado que eles dão de comunicação? Quando eles falam do significado das mídias com as massas, o que é mídia para eles? E aí a gente vê que é um conceito relativamente pobre. É ainda aquele conceito de manipulação dentro daquela ideia de massificação, sem um olhar mais profundo para os episódios de recepção e de interpretação, dos sentidos de reinterpretação dos sentidos da cultura.

Isso já é uma descoberta dos Estudos Culturais Ingleses, que influenciaram os Estudos de Recepção no Brasil. Então, quando você pega algum desses grandes autores e faz a indagação do “especificamente comunicacional” a eles, a gente descobre coisas que, às vezes, estavam insuspeitas. E aí o direcionamento que a gente dá não é para a busca de um sentido comum de comunicação. Isso poderia nos proporcionar um fechamento teórico, que foi uma crítica muito pertinente e muito pertinaz, que o professor Ciro sofreu. O conceito de comunicação na

obra do Ciro não é um ponto de chegada, é um ponto de saída. E aí fazer isso, ele fecha.

Então, a gente não tem tanto essa preocupação. A preocupação da gente é buscar o comunicacional, e na perspectiva de ao buscar o comunicacional, buscar a atenção. A ideia é entender que a comunicação é um fenômeno processual, é um fenômeno dialético, é um vir a ser, é um episódio de transformação. Nesse sentido, está certo o Ciro, e está certo o Braga ao falar que a comunicação é aquilo que transforma linguagens. A comunicação é um processo, e sendo um processo, ela surge de problemas, ela surge de tensionamentos. As pessoas não se comunicam de maneira funcional; elas se comunicam de maneira tensional. E buscar essas tensões é iluminador.

MA: Bem, temos outra pergunta, da Letícia, que é a minha aluna do mestrado. Ela pergunta qual é a dica que você daria para alguém que está no começo do mestrado, iniciando a jornada acadêmica.

LS: Puxa, há muitas dicas, Letícia. Você sendo uma pesquisadora na área da Comunicação, eu diria para você seguir esse caminho que a gente tem traçado junto com outros pensadores, que é a busca pelo comunicacional. Isso de você colocar a comunicação na sua questão-problema. Isso, para você contribuir com o nosso campo. E aí não é tanto pela sua formação, mas para que a gente referencie você e possa aprender com você a respeito de comunicação. Do ponto de vista da jornada, se você estiver iniciando o mestrado, eu te diria para se dedicar exclusivamente ao mestrado e não tardar em fazer o doutorado, com dedicação exclusiva. Abandone e renuncie, se possível, as outras coisas, enquanto você fizer esses cursos. Mestrado e doutorado, em geral, são cursos que fazemos uma vez só na vida.

Eu tenho um colega na Católica que fez três mestrados e dois doutorados. Um deles em Filosofia, Maria Ângela. É um rapaz... tem os seus 30 e poucos anos de idade. Esse é um ponto fora da curva. Eu

falo para ele: “Você é um louco.”. Novamente, a gente faz esses cursos uma vez só na vida, e são cursos que você entra neles, grava bem o que você é hoje, e quando você defender o doutorado, verifique o que você se tornou. São cursos transformadores. Eu não conheço ninguém que tenha feito bem o mestrado, o doutorado e tenha se mantido a mesma pessoa depois. A gente não é a mesma pessoa depois. Ele nos modifica bastante, na maneira de pensar, na maneira de encarar o mundo, e na maneira de ser.

Por conta dessa relevância, eu diria para você se dedicar exclusivamente ao mestrado e ao doutorado. Não dê um tempo muito grande entre um e outro. De preferência, faça a continuação um do outro para você não perder o pique. E encare, pelo menos, um grande autor no mundo acadêmico. E leia a obra inteira dele... todo o trabalho dele e dos seus comentadores. Todos os grandes autores têm muitos comentadores. Quando eu comecei a estudar o Habermas, salvo engano foi a professora Bárbara Freitag, que era uma estudiosa amiga dele, quem escreveu uma vez um texto no qual ela e colegas fizeram um levantamento no final dos anos 1990, catalogando 1.000 teses de doutorado sobre a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas. E eu comentei com a minha turma: “Gente, eu morro de inveja de um homem desses. Imagina você fazer a publicação de um texto e 10 anos depois ter 1.000 teses de doutorado sobre o teu pensamento.”. Quem dera a gente tivesse um retorno desses. Então, encare um grande autor, os comentadores dele e os críticos. Domine esse autor. Isso vai dar uma alavancada na tua vida, porque esse autor vai te ensinar a pensar, escrever, a pesquisar e a pensar.

E a terceira recomendação: no dia que você se reunir com a professora Maria Ângela para marcar a sua defesa e convocar a banca, jamais fale para ela que não gostaria que tal professor estivesse na sua banca, com a justificativa de que o professor vai criticar o seu trabalho.

Para a sua banca, Letícia, chame os melhores. Eu aprendi isso com o meu orientador de doutorado, Mauro Wilton, lá da USP. Ele chamou para a minha banca o professor Octavio Ianni, que era considerado um dos maiores sociólogos do Brasil, na época. Ele convocou o professor Sedi Hirano, um especialista em Weber, então diretor da faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da USP. E convidou outras duas professoras, uma da ECA e uma excelente professora da UnB. Quando ele convidou o professor Octavio Ianni, eu lhe disse: “Jesus, eu fazendo uma tese de Filosofia social, sendo um jornalista, você convoca um sociólogo dessa expressão!”. O Mauro Wilton então me ensinou: “Signates, você sabe em que dia que um intelectual dessa importância vai ler um trabalho seu, fazer anotações e passar uma ou duas horas discutindo com você esse seu trabalho? Sabe quando você vai ter isso de novo? Nunca! Então, aproveita, cara!”

Assim, Letícia, chame os melhores para a sua banca, pois vai ter gente de primeiríssima categoria lendo e debatendo o seu trabalho, debatendo com você, mostrando determinados equívocos, lances legais que às vezes nem a sua orientadora conseguiu ver. Convoque, enfrente os melhores, vá para os melhores congressos e bote o seu trabalho para apanhar!

MA: É... dar a cara a tapa! (risos)

LS: Como eu falo: “Quem vai apanhar não é você! É o seu trabalho.” Ele existe para isso mesmo. No dia em que eu entreguei a tese de doutorado para o meu orientador, ele falou brincando: “Signates, agora

eu vou ver se a sua tese se sustenta.” Ele botou o volume de capa dura sobre a mesa e a tese “ficou em pé”, não caiu: “Ela se sustenta.”, disse ele (risos). O que ele estava querendo me dizer é que o nosso trabalho tem que se sustentar sozinho... os trabalhos são filhos bastardos, a gente só deve valorizá-los se e enquanto tiverem alguma razão. Ponha na sua cabeça: o seu trabalho, ao ser criticado, não é você, é o trabalho. Ele existe para isso e você cresce com isso. Se você conseguir fazer todas essas coisas, você tem vocação acadêmica. Hoje, eu estou dando essas recomendações para você, e amanhã, é você que vai servir de referência bibliográfica para mim.

MA: Isso aí! Muito bem, Signates. Agradecemos de coração a sua presença aqui. As questões superimportantes que você colocou aqui da sua trajetória e da trajetória do campo. Agradeço a sua presença e a sua participação, que foi muito rica, foi muito bacana! Muito obrigada, gente, pela participação e por todas as questões.

PERCURSO NÔMADE DO CONHECIMENTO COMUNICACIONAL

José Luiz Braga



MA: Vamos começar com a primeira pergunta, mas, antes, dar boa noite a todos e especialmente a você, professor José Luiz Braga. A gente gostaria de conhecer um pouco da sua trajetória acadêmica e como se aproximou do campo da Comunicação.

José Luiz Braga (JLB): Obrigado, Maria Ângela. Boa noite para você e boa noite para todos e todas que estão nos vendo e ouvindo. É uma satisfação muito grande conversar com vocês. Fico grato à PUC Minas e ao grupo de pesquisa Campo Comunicacional e suas Interfaces pelo convite, e muito contente de ter sido posto na companhia dos outros convidados que vocês trouxeram e estão trazendo.

Você usou a palavra “trajetória” e é interessante, porque eu tenho sempre a sensação de que trajetória é um percurso muito estruturado e organizado, como um avião que sai de um aeroporto e tem uma série de escalas já previstas e planejadas para chegar no seu objetivo. Nesse sentido, eu não tenho uma trajetória. Na verdade, o meu percurso tem uma certa errância. Eu me sinto bastante nômade do conhecimento.

Você leu sumariamente aspectos do meu currículo: graduação em Direito, uma especialização em Ciência Política, mestrado em Educação. Meu primeiro curso relacionado à Comunicação foi o doutorado. Venho me espalhando por uma série de espaços de formação não diretamente concatenados entre si, na escolha e no momento em que estou cursando. Além disso, minha formação não é caracterizada só pela sequência escolar – que é sucessiva ainda que dispersa. Ao lado da formação universitária, tenho também uma certa errância em processos da prática.

Acho que aprendemos enormemente com a prática. Uso a expressão “aprendizagens contextuais” para esse processo formativo, em que todos nós nos encontramos. Não é de ordem pedagógica e educacional. A “aprendizagem contextual” é de ordem comunicacional; nós entramos nesse processo desde o aprender a falar. Lev Vygotsky coloca o aprender a falar como um processo comunicacional, mais que apenas pedagógico. Não é o programa da mãe que ensina o filho, mas o programa do filho em seu contexto. O que a mãe fornece é o contexto. Se observo o aspecto prático, então, entrei na Comunicação antes do doutorado. Comecei pouco tempo depois que voltei do curso de especialização em Ciência Política, que fiz em Toulouse. Nessa época, eu trabalhava no ensino secundário, como professor de francês, e a prática do ensino é que, na verdade, funcionou para o ensino de francês, já que não tenho curso de Letras. Então, são práticas que, de alguma maneira, são incorporadas no nosso fazer. Elas se associam ao aspecto escolar. Assim, entrei no campo comunicacional pela prática, por um trabalho no Instituto de Pesquisas Espaciais, em que trabalhei em TV e Rádio educativos, onde tínhamos um projeto de planejamento e produção.

Trabalhando por ensino a distância, funcionamos, no interior de São Paulo, em São José dos Campos, para o Rio Grande do Norte, durante alguns anos. Minha entrada na área foi por aí, com a Comunicação/Educação – que me fez seguir, afinal, o mestrado em Educação. Fui depois professor de educação na UnB. Só quando fui para a UFPB é que entrei no Departamento de Comunicação.

Junto com a formação universitária e os aspectos práticos de trabalho, acrescento um terceiro elemento de formação, que é o espaço das conversas e do que chamamos de debate, quando a conversa acontece nos GTs da Compós e da Intercom. A formação de todos é enormemente vedadora do processo conversacional – é o que a gente faz em projetos coletivos e nas entidades de pesquisa com seus congressos. Mas o que valorizo em minha formação não são apenas estes âmbitos mais institucionais.

Não tenho um conhecimento histórico, nem como prática de trabalho, nem por formação universitária. Mas minha mulher, Regina Calazans (coautora, comigo, do livro “Comunicação e Educação”), é formada em História na USP. Então, sempre conversamos sobre História – tenho assim uma formação baseada estritamente em conversas. A gente acaba lendo alguma coisa, para poder sustentar conversas com alguém que tem formação nessa área – isso tem sido de uma grande relevância em minha formação.

Então: a prática, a formação universitária, as conversas e debates. Um quarto espaço, ainda, em minha formação, que considero importante, é o próprio fato de ensinar. Em certo sentido, aprendi francês dando aulas de francês. Certamente eu já sabia o necessário para começar a dar aulas – mas há uma aprendizagem que decorre propriamente do ensino.

Quando fui reintegrado na Universidade de Brasília – estava na UFPB e voltei para a UnB – voltei não para a Educação, e sim para a Comunicação. Ao chegar, me deram a disciplina de Métodos de Pesquisa. Ensinar metodologia é uma coisa completamente diferente de estudar métodos de pesquisa para fazer uma pesquisa de mestrado ou doutorado. Você se põe na frente de uma turma com 20 alunos, onde cada um tem um projeto diferente, e você não pode dar a mesma metodologia para todos, ainda mais em um curso de Comunicação. Então, há uma aprendizagem que vem dessa necessidade de ensino.

Publiquei um artigo com o título “Aprender Metodologia Ensinando Pesquisa”, em livro que foi organizado por Maria Immacolata, da

USP, e por Cláudia Moura, da PUC Rio Grande do Sul, em que trato disso: observo que, rigorosamente, aprendi mais sobre metodologia da Comunicação dando aula de Metodologia de Pesquisa do que no meu mestrado em Educação e no meu doutorado em Comunicação – por causa dessa necessidade de me defrontar com problemas diversos de pesquisa.

Em suma, não tenho mesmo uma trajetória, tenho um percurso, um pouco feito a pé, indo de um canto a outro, composto por esses quatro conjuntos de processo formativos.

Quero fechar dizendo o seguinte: essa diversidade de formações, que foram me trazendo para a Comunicação e para o GT de Epistemologia, não implica que eu seja um interdisciplinarista. Não acho que o conhecimento comunicacional seja formado por aquele interdisciplinarismo do século XX – como se esse conhecimento fosse desenvolvido na Sociologia, na Linguística, na Psicologia, etc. *Nós* fazemos o conhecimento comunicacional. Eventualmente, aprendemos o que vem daqueles espaços. Gosto da palavra, que vocês usam no grupo de pesquisa: interfaces. Nós fazemos trabalho de interfaces. Essa formação diversificada me serviu até para tensionar algumas diferenças, em função da Comunicação. Minha preocupação é o desenvolvimento, que todos nós fazemos, de um conhecimento efetivamente comunicacional.

MA: Muito obrigada! Inclusive, seu percurso é muito coerente com as próprias questões que você vem trabalhando nas pesquisas sobre as interfaces e sobre essa diversidade de campos e interfaces, mas sem cairmos na dispersão e no interdisciplinarismo, buscando sempre destacar o que tem de comunicacional nos processos da pesquisa e a interlocução entre os campos. Nós queríamos saber um pouco qual é a sua perspectiva da Comunicação e como compreende a Comunicação. Em que medida a inclusão dos não humanos nessa dinâmica pode contribuir, de alguma maneira, para termos um entendimento mais abrangente dos processos comunicativos dentro dessa ecologia comunicacional, humana, social, ambiental?

JLB: Não acredito ter nenhum artigo em que eu aborde uma inclusão dos não humanos, de agentes materiais, naturais, tecnológicos ou, em geral, potencialidades e insumos fornecidos à comunicação humana por agentes não humanos. Não abordo inclusões *específicas* nesse sentido, por uma razão: a referência aos dispositivos foucaultianos. A proposta de dispositivo que Michel Foucault trabalha e inclui *todos os elementos* que de alguma maneira entram em uma composição. Foucault não trata de interação, eu é que procuro trazer isso para a comunicação. Foucault fala sobre política e microfísica do poder. Propõe o conceito de dispositivo como resultado de uma agregação de todos os tipos de elementos – como planos, projetos, coisas, forças naturais etc. – obviamente incluindo os participantes humanos.

Portanto, os agentes não humanos sempre fazem parte, para mim, do composto pelo qual nos comunicamos, porque a comunicação depende evidentemente do contexto social e do contexto material em que nós vivemos, fazendo toda a diferença se vivemos na Groenlândia ou na secura de Brasília – são forças da natureza, elementos não humanos, evidentemente. Por outro lado, minha perspectiva é efetivamente antropológica. Já fui, aliás, “acusado” de antropocentrismo, como uma crítica. Eu me defendi disso em um artigo recente, porque o que me interessa, é *a comunicação entre os seres humanos*. Obviamente, sem desconhecer quaisquer outros elementos. Apenas não vejo por que *dar prioridade* aos agentes não humanos.

Minha preocupação não é a de definir o que é a comunicação, como se fosse alguma coisa restrita aos seres humanos. Certamente, há comunicação entre os animais. Uso a perspectiva de James Gibson, sobre *affordances*. Nós interagimos no mundo, com o mundo, e conforme nichos de possibilidade oferecidas por este. Nichos que são da natureza, em primeiro lugar, porque nós surgimos na natureza. Só depois é que começamos a gerar tecnologias, da pedra lascada à cibernética de hoje. Gibson coloca isso: as próprias tecnologias do ser humano funcionam como *affordances*, já que oferecem condições de possibilidade. Elas não

determinam, apenas criam ou impedem potencialidades. O meio ambiente oferece algumas possibilidades e se essas condições forem desfavoráveis, temos que nos adaptar por outras estratégias – em modos a serem desenvolvidos (mas não *determinados*) pelo que se oferece no mundo social e material.

Eu tenho uma perspectiva darwinista, nesse sentido, visto que nos adaptamos – inclusive produzindo tecnologia. Então, obviamente, se produzimos tecnologia, produzimos para usá-la. Estamos usando nesse momento e, na verdade, quando aprendemos a usar, nós reinventamos. O que nós fazemos hoje por uma *live* não era o que nós seríamos capazes de fazer há dois anos atrás. A tecnologia já estava aí. Entramos em novas estratégias, pois, a tecnologia nos dá condições de possibilidade – mas precisamos de inventar socialmente estratégias coerentes com as circunstâncias. Assim, não tenho uma visão especificada por ênfase nas ações dos não humanos, e estou preocupado com a percepção do que é que caracteriza nossa comunicação entre seres humanos. Esse é o meu foco, não quer dizer que seja o foco necessário de todos, até porque comunicação é uma coisa tão complexa e pouco conhecida que estamos, ainda, constituindo um campo de conhecimento.

Estamos, hoje, como os sociólogos estavam em 1850, criando a Sociologia. Estamos criando o conhecimento comunicacional. Por isso, tudo é muito desordenado, complexo e amplo. Temos que apostar em uma linha mais ou menos direcionada – e cada um de nós aposta em linhas diferentes. Se reunirmos 100 pesquisadores em uma sala, teremos, se não 100 linhas diferentes, certamente 70 ou 80 linhas – o que é positivo, para mim. Nesse momento, em construção, é absolutamente fundamental que a gente tenha essa diversidade, porque o problema comunicacional é diverso. Acho que todas essas experiências de conhecimento são positivas, porque são necessárias para o desenvolvimento do campo. Alguns de nós teremos mais sorte, suas apostas serão heurísticamente mais produtivas. Outros terão menos sorte e terão apostado em linhas menos produtivas, mas não tem importância nenhuma estarmos entre os com mais sorte ou com menos sorte – porque o conjunto é que tem importância.

Tendo a discordar apenas quando, entre as linhas (que acho válidas por si mesmas), alguma tenta ser excludente. Como se eu dissesse que a minha é que vale, que todos os outros estão errados. Não é por questão de ecumenismo. É que a área solicita a diversidade de experimentação. Qualquer tentativa de excludência é empobrecedora para o campo. À medida que o conhecimento avança, algumas se mostrarão mais felizes do que outras - não mais certas - para a produção de conhecimento. Então, o conhecimento vai se organizando, como a tendência natural de todos os campos científicos. Temos uma área extraordinária e encantadora. Acho que temos sorte de estar entrando no campo da Comunicação nesse período - e não digo nesses dez ou vinte anos, mas no período de 1950 a 2050.

MA: Temos uma outra questão que gostaríamos, também, de colocar. Em que medida os termos correlatos à comunicação, como interação, mediação e midiaticização ajudam a compreender a comunicação? Quais seriam, a seu ver, as aproximações e questionamentos que se dão entre esses termos, essas noções e esses conceitos? Em que medida eles podem contribuir para nos iluminar a entender o processo comunicacional e os questionamentos existentes entre eles?

JLB: São alguns dos termos de um conjunto mais amplo - que têm tido uma importância grande. A mídia apareceu com muita força, evidentemente - não é a fornecedora original das preocupações de ordem comunicacional, visto que nós começamos a nos preocupar com comunicação por problemas de outras ordens. No final do século XIX, a questão da formação da opinião pública é uma preocupação de ordem sociológica e política, que leva a uma preocupação comunicacional a partir da seguinte pergunta: como é que a opinião pública se forma? Quando eu pergunto como a opinião se forma, essa questão já é comunicacional, feita no campo da sociologia. Na Grécia antiga, os gregos não pensaram *como comunicação* a interação argumentativa do debate, que gerou o conhecimento da retórica. O problema era jurídico, filosófico e político, porque, nesses três campos, argumentar era algo fundamental.

A invenção da retórica como uma resposta para o problema da argumentação traz uma estratégia que, hoje, vemos ser de ordem comunicacional. Então, a palavra “interação” começa na linguística, nos estudos da interação pela fala, tanto que, no espaço das línguas, a comunicação começa a partir do uso de uma linguagem, de uma interação de ordem linguística. Tento inverter isso, considerando que a língua começa a partir da comunicação. Isso, para mim, é coisa demonstrada. Percepções de Oliver Sacks resultam nesse sentido: quando surdos que não aprenderam a língua de sinais se encontram, inventam uma língua de sinais. A língua é inventada pela necessidade da comunicação. Nós precisamos interagir. Se queremos interagir e não temos uma linguagem, nós inventamos uma.

A mediação passou, então, a interessar, porque a mídia fez o mundo descobrir que comunicação é um problema. É a partir de um problema que começamos a pensar. Esses problemas surgiram inicialmente do momento em que a Sociologia, a Ciência Política, a Teoria Crítica e a Filosofia começaram a estudar o problema das mídias. A mídia se manifesta como problema. A questão das mediações – quando Jesús Martín-Barbero traz esse assunto, é porque percebe que há um problema nas mídias que ainda não tinha sido respondido pela Filosofia, pela Teoria Crítica, nem pela Sociologia. Ele diz que há uma mediação – o receptor traz uma perspectiva cultural, traz as suas mediações.

A mediação como nós pensamos hoje, na linha de Mediação e Processos Sociais da Unisinos, não é simplesmente a mídia – é o que a sociedade faz com as mídias, os processos que a sociedade inventa nas condições de mídia. As condições são dadas, mas não completamente, porque elas continuam sendo construídas. Eu chamo isso de “invenção social”. Tudo o que conseguimos inventar com as mídias, não é uma invenção de tecnologia apenas, mas também uma invenção extra tecnológica, de sociedade, é aquilo que fazemos com as mídias.

Essas palavras são importantes, mas há outras, há uma multiplicidade, nós as encontramos em todas as áreas – é por isso que a comunicação passou a ser estudada em todas as áreas. Referem questões

e processos necessários para a compreensão da comunicação – essas e outras palavras. Auguste Comte, da Sociologia de 1850, em um dos gestos inaugurais da Sociologia que se fizeram em toda segunda metade do século XIX, observa o seguinte: as primeiras perguntas e hipóteses de uma disciplina de conhecimento, de uma ciência ainda não existente, são feitas, antes dessa ciência existir, no âmbito de outra ciência. Ele constrói uma sequência, em que a Matemática fez as primeiras perguntas e hipóteses da Cosmologia; na Cosmologia, foram feitas as primeiras hipóteses e perguntas da Física, que fez as primeiras perguntas e hipóteses da Química; as primeiras perguntas e hipóteses da Biologia foram feitas no âmbito da Química, e no âmbito da Biologia, perguntas e hipóteses da Sociologia.

Qual é a peculiaridade da comunicação? As primeiras perguntas do conhecimento comunicacional, que nós ainda estamos construindo, foram feitas na Sociologia, na Linguística, na Psicologia Social, na Antropologia, na Economia. Há muito tempo, essas áreas já faziam perguntas que nos interessam. Nós estamos recolhendo tudo isso e tentando construir não um agregado interdisciplinar de conhecimentos juntados, mas sim um conhecimento consistente que abranja essas coisas e siga adiante. Trata-se de articular, então, essas três palavras – interação, mediação, mediação. São palavras de grande frequência atual. Podemos escolher, metodologicamente, trabalhar mais com uma ou com outra – mas não se trata de uma seleção epistemológica fechada, como se qualquer delas pudesse excluir as outras.

Minha preferência é uma investida na interação, por considerar que *envolve* a mediação, a mediação, os agentes não humanos, o conjunto de problemas de ordem comunicacional que todos os campos sociais encontram em seus próprios espaços. Não existe um espaço exclusivo em que acontece a comunicação – ela ocorre na sociedade como um todo. Como, aliás sucede com todas as Ciências Humanas e Sociais. Cada uma dessas disciplinas olha o todo social a partir de uma perspectiva preferencial – porque nós não temos condições de ter uma perspectiva poliédrica, vendo de todos os lados ao mesmo tempo.

MA: Muito obrigada! Respondeu completamente. Satisfatoriamente. Estivemos presente na Compós em 2020, e conversamos um pouco sobre o seu percurso acadêmico. Gostaríamos de entender como o senhor avalia a sua própria trajetória no GT de Epistemologia da Compós e quais seriam os principais desafios do campo comunicacional hoje.

JLB: A Compós, para mim, é um espaço extraordinário de experiência. Há uma diferença muito grande entre o antes e o depois da criação dessa entidade – que percebo pelo fato de ter trabalhado no campo da Comunicação nos dois períodos. Ter participado dos inícios da Compós foi muito satisfatório e uma sorte para mim. Faz parte dos meus processos formadores, porque até a Compós ser criada, muitos de nós nos sentíamos isolados. Apesar de outras boas experiências de interação entre universidades – mas eram mais raras. Com mais sistematicidade, passamos a ter a Compós. Antes de chegar ao GT de Epistemologia, eu tive um percurso mais ou menos ao estilo de minha formação. A Compós foi criada em 1991, mas os GTs começaram a se reunir em 1992. Eu circulei bastante de 1992 até 2000 – nos GTs de Estudos do Discurso, que não existe mais, de Compreensão e Experiência, que foi um precursor do atual GT de Comunicação e Estética, de Comunicação e Política, de Mídia e Recepção. Depois, de 2000 a 2006, eu me fixei no GT de Comunicação e Sociabilidade, e tive apenas uma passagem ocasional, em 2004, pelo GT de Epistemologia.

Só a partir de 2007 passei a ser frequente nesse GT, e não circulei mais em outros. Isso porque o GT de Epistemologia nos dá a oportunidade da diversidade, o que eu acho absolutamente fundamental para a área. Durante um longo tempo, participei do GT de Epistemologia, afirmando que não sou epistemólogo. Mas talvez, por tanto conviver com o GT, tenha me tornado um “prático da epistemologia”, porque é um espaço de discussão da diversidade, e acho que não é possível pensar a comunicação sem pensar no espaço da sua diversidade.

Ninguém tem a obrigação de se interessar por tudo. Há sempre muito o que desentranhar em espaços específicos – é produtivo, é a própria lógica da diversidade. Mas é importante perceber também a importância de termos um lugar em que a diversidade se encontre, viabilizando desentranhamentos de conjunto.

Gosto da metáfora “desentranhar”, de ordem arqueológica – escava-se sem saber exatamente o que se vai encontrar. Temos uma hipótese a respeito de onde procurar, e escavamos. Como estamos construindo uma disciplina, a ideia de desentranhamento é isso: eu não sei com precisão o que vou encontrar, mas escavo sabendo que posso encontrar alguma coisa, a partir de pistas existentes no ambiente a ser escavado. Os arqueólogos fazem isso. Eles não escavam em qualquer lugar. Encontram pistas de que alguma coisa interessante pode aparecer em um lugar.

Acho que o espaço da epistemologia, hoje, em uma ciência em constituição, é um espaço de desentranhamentos. Quando uma pessoa resolve se especializar neste ou naquele espaço, isso é produtivo, porque ela vai descobrir coisas e vai trazer para compor o acervo comum. O GT de Epistemologia tornou-se um dos espaços em que podemos receber esse acervo coletivo e pensar sobre ele, colocando em contato descobertas diferenciadas. Luiz Signates e eu refizemos a ementa para o GT de Epistemologia, na reativagem dos GTs, em 2018, enfatizando esse aspecto. Gostaríamos de atrair, a cada ano, pesquisadores habituais de outros GTs para, de vez em quando, vir “passar” no nosso, trazendo as descobertas que fazem em suas especificidades. Vamos poder apreciar a potencialidade para o âmbito comum da comunicação. Essa é a perspectiva que valorizo. Acho que é por isso que tenho ficado por mais tempo no GT de Epistemologia.

MA: Ótimo, professor. Muito obrigada. Agora, vamos abrir a participação do público.

Hermundes Flores: Professor Braga, no contexto da sua percepção sobre a atual demanda por estudos comunicacionais, faria a gentileza de comentar sua reflexão sobre o “grau zero da Comunicação”?

JLB: Boa noite, Hermundes, é uma satisfação conversarmos. Hermundes é advogado, mestre em Direito pela Universidade de Coimbra e doutor em Comunicação pela Unisinos. Sua tese já está publicada. Um estudo nosso, na interface jurídico-comunicacional, deve ser publicado em breve.

O “grau zero da Comunicação”... essa tem sido uma das minhas preocupações. Se a gente conseguir um perfil de abrangência para a diversidade comunicacional, temos a possibilidade de diminuir a dispersão, mantendo a diversidade. Buscar as origens tem um sentido metafóricamente geográfico – como o dos geógrafos que, no século XIX, procuravam as nascentes do Nilo. Procurar as origens é compreender melhor o rio e seu percurso. Percebo o “grau zero da Comunicação” em características biológicas da espécie humana que viabilizam a comunicação. Oferecem as condições da possibilidade comunicacional, mas não a determinam. São apenas condições para que ela exista. A comunicação ocorrerá em diferentes formas. Não nascemos sabendo e precisamos aprender – e o aprender é necessariamente social, e não biológico. Nós dispomos de duas competências relevantes que parecem suficientes para configurar um “grau zero”: a competência de imitação (embora sendo diferentes uns dos outros, podemos observar gestos, pressentir o que significam e trazer essa significação para nossa própria formação). E a capacidade de abdução. Sumariamente, é a capacidade de fazer hipóteses, conforme entendida por Peirce. Os processos de indução e de dedução precisaram ser inventados pelos filósofos gregos, mas o processo de abdução é um processo natural da espécie humana. Ao vermos algo que nos espanta, com pouca informação que se tenha, já fazemos hipóteses sobre o que ocorre.

Com essas duas competências, a sociedade inventa a sua comunicação. Aciona muitas outras competências, é claro, mas este é um ponto de partida. A comunicação não está estruturada em nossa biologia. A partir de competências biológicas inventamos socialmente a comunicação. Não nascemos geneticamente com estruturas prontas de linguagem verbal – discordo da ideia de que dispomos das estruturas necessárias para a composição de todas as línguas. Biólogos, como Edelman,¹ dizem que isso seria muito complicado, pouco econômico em termos de estruturas biológicas. Temos antes uma estrutura neurológica que é capaz de inventar – inventamos linguagens. Claro que possuímos uma estrutura fonadora mais rica que a de outros animais, com a possibilidade de produzir uma variedade suficiente de sons, o que facilita a invenção, mas precisamos inventar as linguagens. Linguagens são invenções sociais – a partir da comunicação. Percebo, então um “grau zero da comunicação” de ordem biológica – que oferece potencialidade. As duas competências referidas são biológicas – mas a comunicação viabilizada por elas já surge no ambiente social, pelo encontro da alteridade. A partir disso, *inventamos o que socialmente existe*: as instituições, as linguagens, as normas, a filosofia, a ciência, o conhecimento, a universidade, tecnologias e tudo o mais que fazemos. As tecnologias são, evidentemente, invenções humanas, não são dadas na natureza, mas, claro, dependem de condições necessárias e anteriores que funcionam como potencialidades. A capacidade humana de inferência abduativa e imitação são *affordances* da biologia humana – comunicação é o que a sociedade faz com elas.

Polyana Inácio Rezende Silva: Professor, obrigada por estar aqui! Fiquei instigada com o comentário do professor Signates. Pode comentar sua percepção sobre os desafios metodológicos de tropeçarmos nas tecnologias da Comunicação?

1 EDELMAN, G. **The remembered present**. New York, Basic Books, 1990

JLB: As nossas metodologias são, a rigor, invenções *ad hoc*. Em “Contra o Método”, Paul Feyerabend, observa o seguinte: depois das descobertas de Galileu, há uma construção metodológica que “arredonda” as proposições, dando a impressão que ele já teve como ponto de partida uma metodologia pronta – a “lógica de um caminho” inteiramente estabelecida. A metodologia física originária de Galileu, sua formulação, dá a impressão de que é um caminho pré-definido para chegar aonde ele queria chegar. Mas naturalmente não tinha isso pronto, inicialmente. A descrição posterior de uma metodologia é a arrumação de um conjunto de tentativas que vão sendo feitas – por meio das quais o pesquisador descobre, heurísticamente, seus resultados e organiza o caminho que vai percorrendo. As metodologias são *ad hoc* porque a gente percorre no processo da descoberta. Tendo descoberto, ao mesmo tempo aprendemos o caminho – que podemos, então, refazer sempre que pertinente e necessário. Nenhum problema quanto a isso, na ciência. A invenção metodológica é uma invenção de tentativas, às vezes por descaminhos.

Vou aproveitar a fala do Signates para dizer que realmente é fácil tropeçarmos nas metodologias, sejam elas tecnológicas ou não, porque se eu estou querendo efetivamente descobrir, não tenho uma tecnologia pronta do início ao fim. Claro, não vou precisar inventar tudo do início. Temos um acervo riquíssimo de metodologias nas Ciências Humanas e Sociais que servem de guia para tentativas – mas sempre há um espaço para decisões *ad hoc*. A gente erra, e errar é produtivo. Karl Popper coloca isso: a ciência funciona a partir da sua falseabilidade. Não é um caminho certo e necessário. Se tenho um problema, invento um caminho para encaminhar em busca de uma solução. Posso acertar ou errar. Nesse caso, devo aprender com o erro. Então, em parte, a metodologia é uma metodologia *ad hoc*, do eventual tropeço.

Há uma expressão de que eu gosto, de Roberto DaMatta, em seu livro de Introdução à Antropologia: se estamos interessados em metodologia, devemos prestar atenção às conversas dos antropólogos no coquetel tanto quanto nas palestras de um congresso. Porque, nesse momento, o antropólogo diz as coisas *ad hoc*, improvisadas, como “Eu não sabia o que fazer, então tentei tal coisa e deu certo.”

Já no artigo o relato organiza as coisas. Não estou dizendo que o pesquisador falseia, mas apenas que não seria pertinente entrar em todos os detalhes. O artigo pode criar a impressão de que tudo foi maquinal. É por isso que, recentemente, passamos a evitar mostrar apenas o resultado final. Temos que mostrar os descaminhos mais pertinentes, mostrar onde o autor teve que fazer alguma experimentação. Então, valeu a pena a fala do Signates, trouxe a ideia do tropeço, que é uma ideia heurísticamente produtiva para a descoberta.

Janaíne Kronbauer dos Santos: Olá, professor Braga, sua definição de “aprendizagem contextual” pode ser aproximada da definição de “Zona de Desenvolvimento Proximal”, de Vygotsky? Obrigada.

JLB: Correlacionar seria dizer muito. Quando Vygotsky trata da “Zona de Desenvolvimento Proximal”, ele está discutindo o processo de aprendizagem em uma perspectiva ao mesmo tempo psicológica, social e pedagógica. No meu entender, comunicacional também, no processo rigoroso do aprender.

Quando falo de “aprendizagem contextual”, começo a discutir distinguindo do esforço pedagógico, da educação. Penso na “aprendizagem contextual” como a aprendizagem básica do ser humano, antes mesmo de termos a escola. Não inventamos escolas a partir do nada, sem processos precursores. O ancião da tribo reunido com os jovens em torno de uma fogueira já é um precursor da escola. Mas mesmo isso já implica uma aprendizagem anterior, que é a da experiência de vida do ancião. Ele não é um professor – o que ele traz não é a escola, é anterior à escola. Teve, literalmente, que enfrentar desafios concretos para aprender o que oferece – uma aprendizagem depurada do senso comum e da vida prática. Quando trato de “aprendizagem contextual”, faço referência a esse aspecto original do aprender, historicamente, e que continua a existir.

Quando Maria Ângela me perguntou a respeito da minha formação, assinalei aspectos práticos da minha experiência, também, porque nós aprendemos não apenas quando estamos na escola. Então, tem alguma proximidade, porque Vygotsky está falando realmente do gesto humano do aprender no contato com o outro. A zona de desenvolvimento proximal implica o espaço em que o contato com os outros é fundamental para a aprendizagem da criança. Vygotsky enfatiza o que, mesmo informalmente, já é educação para ele. Eu procuro trazer esse “outro” para qualquer âmbito da comunicação.

Vale lembrar, também, que a escola não é só uma sala de aula, mas todo um ambiente. O livro que eu escrevi com Regina Calazans, que Maria Ângela citou como uma das minhas obras, no começo dessa conversa, tem um capítulo que se refere à socialização na escola, a qual independe da sala de aula. Um ambiente pessoalizado não só entre colegas, mas também com os professores. A escola se oferece não só como pedagogia, ela se oferece como contexto, e há toda uma “aprendizagem contextual” de escola, é aquilo que depende mais do aprendiz do que do professor. Vygotsky diz isso: a aprendizagem da língua da criança pequena, a mãe é contexto; a criança é que faz seu programa de aprendizagem – depende do aprendiz. A “aprendizagem contextual” é aquela pela qual nós aprendizes somos responsáveis, não os professores.

MA: Professor Braga, tem uma questão que eu gostaria de colocar a respeito desse livro com a sua esposa, a Regina Calazans. Se não me engano, é nesse livro que você coloca essa diversidade de fontes de aprendizagem, inclusive a própria fonte midiática, como se também a gente aprende com os meios, como a nossa educação não se reduz a uma formação escolar, mas ela é bastante ampla nesse contexto da midiática em que vivemos.

JLB: Com toda certeza. Eu ainda não usava a expressão “aprendizagem contextual”, que só me ocorreu recentemente, mas Regina e eu distinguimos, de um lado, a aprendizagem escolar e, de outro, diversos

âmbitos de aprendizagem, que agora assinalo como de natureza contextual – como a aprendizagem na família, a das práticas, a profissional, a pelas mídias. Não referimos as mídias apenas como base de educação à distância, estamos tratando da aprendizagem genérica. Mesmo porque o conceito de aprendizagem que usamos não é estritamente aprendizagem sistematizada, pretendida, com objetivos organizados, de valores humanos, de interesse ético, que a educação tem a obrigação de oferecer. No ambiente contextual, aprendemos às vezes coisas péssimas. Geramos modificações de comportamento, de cognição, de ideias, de emoções. É possível evidentemente aprender aí coisas muito ruins.

Como a própria comunicação. Não é ação comunicativa apenas aquilo que é voltado para o consenso. Há comunicações de opressão – que nós temos que criticar, evidentemente. Comunicar é um processo, que vai para um lado ou para o outro. Assim como existe uma boa economia e uma má economia, uma boa medicina e uma má medicina. Então, realmente, temos uma aprendizagem midiática, e alguma coisa pode ser relevante. Quando começou a televisão, não sabíamos nada sobre televisão. Desde os anos 1950, praticamente no mundo todo, após a segunda guerra, a população mundial que tinha acesso à televisão aprendeu jornalismo televisual. Não como jornalista ou como técnico, mas entendeu o que é e como funciona. Aprendeu, bem ou mal, a existência desse processo social, comunicacional, informacional, político, de grande importância. Aprendeu como? Simplesmente assistindo jornal na televisão.

Jesús Martín-Barbero assinala as mediações culturais da mídia, quando a mídia passou a ser também mediação. Nós somos, hoje, mediados em nossa aprendizagem pelo que acontece na mídia. Isso é uma responsabilidade para quem pesquisa Comunicação – perceber que a mídia está educando a sociedade e, às vezes, educa mal. Aliás, as redes sociais, hoje, aparecem como um “deseducador” que, por sua vez, é também um mediador de aprendizagens.

Laura: Professor, como você avalia a adoção de paradigmas na área da Comunicação?

JLB: Depende do que você considere como paradigmas, no campo da Comunicação. Se tratamos da perspectiva de Thomas Kuhn, referente a ciências normais, como Sociologia, Linguística, Psicologia, Biologia, Medicina, Física, essas são ciências que têm paradigmas centrais que lhes dão estrutura e corpo. Isso não quer dizer que elas são monolíticas, mas que possuem uma continuidade relativamente estável. Pensaríamos, como paradigma, na ciência normal, estruturas que têm maior vigência e caracterizam um eixo estável para descobertas, em um determinado período histórico. Claro, que são modificáveis, mas têm vigência como estruturadores do campo científico estabilizado como *ciência normal*.

A ideia de Kuhn é sublinhar essa estabilidade. Uma ciência se estabiliza pela predominância de determinados paradigmas que dão uma direção geral. O que não impede movimentos de fronteira. A Sociologia predominante pode ser, ainda, a Sociologia nomotética, institucional, dos grandes conhecimentos de campos sociais. Isso não impede de termos no mesmo espaço disciplinar, uma Etnometodologia, por exemplo, que não está no nível central paradigmático.

Nessa perspectiva kuhniana, não temos um paradigma comunicacional. A tentativa de impor paradigma, afirmando que comunicação é isso ou aquilo, hoje, seria equivocado – porque seria excludente. Temos uma diversidade muito grande, que não seria compreendida por nenhum paradigma caracterizador do conhecimento. Signates e eu estamos debatendo essa situação atual do conhecimento comunicacional.

Mas podemos usar a expressão em outra perspectiva. Um paradigma epistemológico como um modo determinado de abordar realidades. Podemos falar, então, de um paradigma indiciário, ou de um paradigma pragmático, por exemplo, a serviço de uma determinada linha de pesquisas, em uma disciplina ou outra. Paradigmas que podem ser produtivos para determinado tipo de investigação, que parecem heurísti-

cos para determinadas descobertas. Nesse caso, temos uma diversidade de paradigmas que são interessantes. Tenho trabalhado, pessoalmente, com o paradigma indiciário, que lida, sobretudo, com abduções. Não sou um peirceano, até porque meu conhecimento de Peirce é reduzido. Mas o suficiente para trabalhar com o conceito de abdução. Assim, o paradigma indiciário me parece interessante, por sua potencialidade heurística. Mas certamente há espaços investigativos que podem trabalhar um paradigma nomotético, ou histórico, ou outras abordagens interpretativas, como a etnografia – paradigma que migra bem da Antropologia para outras ciências sociais.

Enfim, há paradigmas epistemológicos muito ricos para a comunicação. Uma visão de ordem paradigmática aparece na pergunta que feita sobre os agentes não humanos. Bruno Latour fornece uma visão paradigmática, apropriada em determinadas pesquisas da Comunicação, que me parece ser produtiva nesses espaços.

Cada um de nós trabalha em uma linhagem. Então, se a pergunta de Laura se coloca nessa perspectiva, sim, vamos valorizar paradigmas. Apenas evitando uma pretensão de serem determinantes universais do conhecimento comunicacional (como se uma pesquisa que não atenda ao paradigma preferido de uma linha, devesse ser recusado). É possível evitar isso, ao trabalhar com esse ou aquele paradigma considerando-o como nossa aposta, nosso interesse principal de investigação. Agora, é interessante conversar com paradigmas na vizinhança, porque isso é produtivo e damos um passo em direção a uma epistemologia de consistência.

MA: Inclusive, professor, se me permite, na Compós de 2020, você apresentou um texto que é muito interessante e que revela uma perspectiva diferenciada dessa ideia de paradigmas totalizantes, que são as teorias intermediárias da Comunicação. São teorias de médio alcance que têm potencial para problematizar e colocar questões que tenham fundamentos nas dinâmicas e processos comunicacionais, que também estão ligadas ao desentranhamento do comunicacional a partir das teorias intermediárias.

JLB: Com toda certeza. É ótimo que você tenha feito a relação, Maria Ângela. Teorias de médio alcance não têm a pretensão de uma grande abrangência abstrata e estão mais próximas da realidade. Como as realidades são diversas, nós nos aproximamos e percebemos bem aquele espaço, e a teorização sobre esse ponto é rica. A Biologia se desenvolveu desse modo. Ninguém saiu dizendo que o importante do conhecimento biológico é encontrar a definição do que seja *a vida*, uma caracterização ontológica de “vida” – que seria o correlato de afirmar que precisamos de uma definição ontológica de comunicação para que tudo seja resolvido. A Biologia se desenvolveu estudando e categorizando folhas, seu desenho, assim como caules, aves, o tipo de pata de um animal, a estrutura de um organismo. E foram subindo para coisas cada vez mais complexas, partindo de teorias de médio alcance. Não eram teorias *da Biologia*, mas a serviço de um conhecimento biológico, e que hoje constituem um campo de uma riqueza em diversidade e abrangência. Temos que abandonar a impressão de que a diversidade é um obstáculo, de que seria preciso reunir tudo em bloco para conseguir compreender. O que precisamos é de articular a diversidade. Manter a diversidade da Comunicação é importante.

MA: Eu gostaria de tomar a palavra do Luiz Signates, que parabeniza você pela brilhante palestra, fala, *live*, com a gente. E ele diz que você, Braga, é o professor de todos nós, pela sua capacidade de dizer coisas complexas de modo extremamente didático e simples. Faça dessas palavras a palavra de todos nós. Agradecemos muitíssimo a sua fala hoje, que trouxe muitas reflexões e questões para podermos pensar e debater em outros momentos e encontros. Se o senhor quiser comentar alguma coisa. O Luiz Martino falou que é muito bom ouvi-lo, como sempre boas respostas e tantas questões a serem discutidas.

JLB: Eu só quero dizer que fico muito grato pelas perguntas da entrevista inicial, Maria Ângela. Também agradeço as perguntas que os demais participantes fizeram, as boas palavras do Signates e do Martino. Fui colega do Luiz Martino na UnB. Somos sempre colegas. Eu, com toda certeza, não sou professor de todos vocês; eu aprendo com vocês. O que tenho aprendido em todas as nossas conversas é alguma coisa que faz parte muito relevante de minha formação. Acho que a área aprende consigo mesma. Tenho uma grande apreciação pela área de Comunicação no Brasil, temos condições para produção de um conhecimento comunicacional relevante – exatamente porque nos dedicamos em conjunto a essa diversidade; é o conjunto que produz conhecimento – e o produz em processos comunicacionais. É por isso que a Comunicação é importante. Só inventamos coletivamente, e só há processo coletivo através da Comunicação. Muito obrigado.

CHEGAR AO CAMPO COMUNICACIONAL POR VIA DA INTERDISCIPLINARIDADE

Luiz Claudio Martino



MA: Estamos com uma pessoa muito querida, que é o Luiz Claudio Martino, da Universidade de Brasília. Ele vai conversar com a gente sobre o seu percurso, sobre as suas experiências. A gente estava conversando sobre a importância desse momento de compartilhar com os pesquisadores sobre as diferentes experiências, as interfaces, a prática profissional, em diversas áreas, e sobre como isso enriquece a Comunicação como área de conhecimento e como também nos instiga a buscar, cada vez mais, esse conhecimento tão diverso, tão rico, que é a Comunicação. Então, para início de conversa, nós gostaríamos que você nos contasse um pouco sobre o seu percurso acadêmico e como se aproximou do campo de comunicação. Como foi essa entrada na Comunicação e essa interface com as áreas que você tinha trabalhado antes?

Luiz Claudio Martino (LCM): Primeiramente, cumprimento todos e todas presentes. E cumprimento vocês pela excelente iniciativa. Admiro bastante o esforço e o formato das *lives*. Acho que está muito legal, e essa iniciativa merece continuar.

Quanto à sua pergunta, essa aproximação com a Comunicação se deu um pouco ao acaso e um pouco por interesses pessoais, ou seja, essa mistura que a vida acaba produzindo. Desde que entrei na faculdade, eu já tinha interesse na parte acadêmica. Eu sabia que não seria um psicólogo clínico, nada disso. Entrei na Psicologia mais como quem busca uma ciência social geral e algo que fosse aplicado naquele momento. No segundo semestre, eu já sabia que queria ser professor e que seguiria carreira acadêmica. E comecei a me preparar desde então, com muito prazer, com o curso de Filosofia. Fiz praticamente um curso de Filosofia de forma paralela, com grupos de estudos. Havia um ambiente intelectual muito interessante, muito diferente do de hoje. Não digo que o de hoje seja menos interessante, mas tínhamos incentivo intelectual. Ficávamos muito na universidade, líamos bastante, discutíamos muito, mesmo em horários inusitados, como segunda-feira à noite ou sábado de manhã. Isso mostra o prazer dessas pessoas de trabalhar Filosofia e as questões relacionadas a ela. E realmente foi com muita empolgação que fui entrando nesse mundo. Tive excelentes professores na UFRJ, mestres em todos os sentidos: intelectual, cultural e de uma erudição fantástica. Isso me marcou muito.

MA: É muito interessante o percurso de cada professor. Eu dizia ao Martino, antes de a gente entrar no ar, que eu não sabia que ele tinha vindo da Psicologia.

LCM: No final do curso eu tinha uma dúvida: seguir pela Filosofia Antiga ou pela Filosofia de Nietzsche, que foi um autor com o qual eu me dediquei muito. Foi praticamente minha formação filosófica (em menor grau Aristóteles¹ e Descartes). A partir daí, fui fazer mestrado em Psicologia. Minha tese (naquela época se chamava tese) foi “Nietzs-

1 **Em Torno do Princípio de Não-Contradição:** Aristóteles e os Sofistas. Monografia de Curso de Especialização em Filosofia. Instituto de Filosofia, História e Ciências Sociais (IFHCS), UFRJ. Rio de Janeiro, 1991.

che e a Psicologia”.² Eu tive um grande incentivo do professor Antônio Gomes Penna, que é uma referência na história da Psicologia no Brasil. Então, eu fiz essa tese e, ao mesmo tempo, comecei um mestrado em Comunicação, com Muniz Sodré, desenvolvendo um tema que era a televisão, mas a televisão pensada de maneira filosófica.

É um tema ao qual estou ligado até hoje. O mestrado foi algo que me tocou muito, quando resgatei o conceito de ressentimento de Nietzsche, que ele trabalha em dois planos muito diferentes. Em um primeiro plano, ele destaca o aspecto macro da civilização, analisando toda a influência do cristianismo na cultura. Ele também trabalha com um plano micro, que servirá de base para o conceito de recalque, proposto por Freud, que parte desse conceito de Nietzsche.

Comecei a interpretar a telespectação (a relação do espectador com a TV) a partir do que Nietzsche chama de ressentimento. Percebi que o telespectador acompanhava o fluxo semiótico sem esforço, porque havia praticamente uma simulação do pensamento na TV, ou seja, a função de renovar os objetos mentais era realizada pelo aparato técnico. Depois fui complexificando isso, encontrei outros autores, como Edmund Husserl, que falavam de objetos que têm o tempo integrado ao próprio objeto, processos onde a temporalidade é da própria natureza do objeto, de modo que o tempo mental é, portanto, do objeto conhecido e não apenas do sujeito de conhecimento. E a TV fazia exatamente isso, era um marco dentro dos meios de comunicação, porque ela conseguia simular a temporalidade, e mais que isso, uma capacidade específica da consciência, que Nietzsche chamava de *distração* (capacidade de mudar de objeto mental no fluxo pensamento). O oposto do ressentimento, que é quando entra um objeto mental e só fica ele. Não se consegue sair dele. Por isso, o sujeito “re-sente”, fixa esse objeto mental (“rumina” os pensamentos). Com a *distração*, que também é chamada de esquecimento ativo, por Nietzsche, há uma mudança de objeto mental. Assim,

2 **Nietzsche e a Psicologia.** Dissertação de Mestrado, ISOP-Fundação Getúlio Vargas / Instituto de Psicologia-UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.

o sujeito não fica preso. É claro que o equilíbrio entre o ressentimento passivo e o ativo é o que constitui, digamos, a sanidade da mente, ou seja, o seu funcionamento normal, mas o que a TV simula é exatamente esse ponto de distração, porque ela mudava o objeto mental (na verdade, o fluxo de pensamento do sujeito conhecedor “emparelha” com o fluxo semiótico do meio tecnológico, segue reagindo a ele).³

Eu iniciava uma reflexão que, depois, descobri que tinha muito a ver com McLuhan. Na verdade, trabalhei seu conceito de extensão em minha tese de doutorado em Sociologia, na França.⁴ Lá aprofundei essa questão de como os meios de comunicação se caracterizam por serem *simulações tecnológicas da consciência* (ou da mente). Isso permitiu marcar a especificidade de cada meio de comunicação e o impacto deles na cultura e na própria sociedade. Essa é a estrutura da minha tese, que para mim foi, e segue sendo, muito valiosa. Foram cinco anos de estudo e tive que forçar um pouco o lado da Sociologia, o que foi proveitoso também. Tinha muito preconceito com a Sociologia, mas terminei apaixonado por ela.

Meu percurso, então, começou com Psicologia e Filosofia, e passou pela Sociologia, também como formação. Depois disso, foi ampliado, com os estudos de História, pelos quais sempre fui apaixonado. A Comunicação chega através da questão dos meios de comunicação, digamos, uma visão filosófica deles, e que eu acho que foi se tornando mais comunicacional porque ela aparecia articulada com essa epistemologia do campo do saber desde a elaboração de minha tese. Isso foi me levando a uma inserção no campo, principalmente quando entrei como professor no campo da Comunicação em 1997, ao regressar ao Brasil.

3 [nota do entrevistado] Isso num plano micro. A TV também possibilita simular canais sensoriais (visão, audição), a imaginação, a memória... No plano macro, a TV simula a consciência, como *rede* entre os indivíduos (que era uma abordagem de Nietzsche), e isso possibilita não só uma representação do social, mas vivê-lo a partir e como simulação tecnológica. A ideia de social estava intrinsecamente ligada ao sistema tecnológico de comunicação.

4 MARTINO, Luiz C. **Télévision et Conscience**. Tese de Doutorado. UFR de Sciences Sociales, Université René Descartes, Sorbonne Paris-V. Paris, junho de 1997.

Foi muito curioso ter trazido a experiência de outros campos. A pergunta que me fazia era: o que é fazer pesquisa em Comunicação? Então, minha trajetória se deu de modo bastante interdisciplinar; uma trajetória que a vida, minhas preferências acabaram traçando. Também foi um programa prático: como professor de Teorias da Comunicação, um professor dentro de uma faculdade, com colegas de Comunicação e alunos de pós-graduação que queriam produzir teorias da Comunicação, entrar nesse campo. Tudo isso foi, de certa forma, o meu batismo de fogo. Eu sou apaixonado pelo tema, porque dá abertura para tudo isso, ao mesmo tempo que traz uma perspectiva sobre o tempo que vivemos.

MA: Essa interface da Filosofia com as Ciências Sociais e com a própria mídia, então, bem como ter feito o mestrado com Sodrê, tudo isso fez com que você realmente começasse a trabalhar a questão midiática e, depois, entrar na Epistemologia. Essa experiência foi fundamental. Dando continuidade, a gente queria saber sobre a sua percepção, a sua compreensão da comunicação e em que medida as práticas e os processos comunicacionais não midiáticos podem interessar ao campo da Comunicação? A gente também gostaria de ouvir você a respeito do universo que não é coberto pelas práticas midiáticas, desses processos e dessas esferas que são midiáticas no encontro com o não midiático.

LCM: Essa pergunta é muito boa porque permite explicitar, logo de saída, minha adesão a um posicionamento pouco desenvolvido no campo da Comunicação (particularmente quando vemos o “pavor” ao determinismo tecnológico e os equívocos com sua pseudo-superação). Quando pensamos nessa questão pela perspectiva histórica, vemos o seguinte: hoje, acreditamos que podemos separar o midiático do não midiático. Eu diria que não, isso já não é mais possível. Ou melhor, só era possível antes da escrita (se é que podemos falar de meios anteriores à escrita, sobre este ponto, ver meu conceito de *protomeio*).⁵

5 MARTINO, Luiz C. O que é Meio de Comunicação? Uma questão esquecida. In: MARTINO, Luiz C. **Escritos sobre Epistemologia da Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2017. p. 62-83.

Eric Havelock, um autor da Escola de Toronto, é referência nesse ponto. Junto com estudos de outras áreas, desenvolvidos desde os anos 1920, foi formando e consolidando a tese de que a tradição oral, ou seja, o puramente oral, existiu somente antes da escrita. O aparecimento da escrita, desde Homero, vai ter uma repercussão tão grande que irá forjar a própria noção de *palavra*, entendida como um elemento isolado de significação (que hoje acreditamos ser evidente, natural). Não existia a palavra; existia um fluxo de voz, algo tão contínuo quanto o sopro de ar que sai de nossas bocas.⁶ E a partir do momento em que a palavra se torna visível pela ação da escrita, ela começa a ser recortada, o significado pode ser estabelecido e tornado preciso, daí a importância para a reflexão racional. Isso vai transformando completamente o oral, a ponto de esses autores afirmarem que o oral acabou. Só o conhecemos indiretamente, nesses traços das tradições orais, que remontam aos rapsodos, a Homero, a algo que ficou escrito ou registrado de alguma maneira.

Esses estudiosos mostraram que o oral puro ou a oralidade primária deixou de existir a partir do momento em que a escrita começa a aparecer. Isso é muito interessante, porque hoje nós acreditamos que podemos distinguir o oral do escrito, o midiático do não-midiático, mas não é verdade. Veja, alguém deixa de ser leitor quando sai da biblioteca ou porque deixa de ter o livro sob seus olhos? De certa maneira sim, mas também é possível responder que não, porque os conteúdos, a relação com o conhecimento, a relação com o mundo, formam a mente. Então, o trabalho que o livro operou na mente continua mesmo quando não se está lendo.

Esse é um dos significados que hoje pode ser dado ao termo *literacia*. A compreensão maior do efeito de um meio de comunicação elimina a possibilidade de separar o midiático do não-midiático. Eu di-

6 Conferir: "A Etimologia do Termo Comunicação: uma análise crítica". Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2021.

ria que, à exclusão de um uso analítico, didático ou de uma estratégia epistemológica justificável, trabalhar com essa separação não tem interesse, pois o estudo da comunicação começa justamente lá onde isso não é possível, lá onde o midiático, a tecnologia, funde-se com e transforma profundamente, de maneira estrutural, o plano simbólico. Por isso, minha definição de meio de comunicação trata de uma tecnologia do simbólico. Em que sentido? No sentido que os meios são extensões ou simulações da mente. Então, um meio de comunicação não é simplesmente algo que alguém usa para transmitir informações, mais que isso, trata-se de uma tecnologia que age no próprio simbólico, capacita seus utilizadores como agentes na dimensão simbólica (que caracteriza o humano como um ser diferente do animal). *Tecnologias do simbólico* agem sobre a cultura (suas estruturas), não apenas a partir da cultura, como toda e qualquer ação humana necessariamente o faz.

Enfim, essa intervenção da tecnologia no simbólico não se dá de uma vez, nem para sempre. Há uma história e diversos modos dela compor com o simbólico, que caracterizam cada meio de comunicação. A escrita teve esse primeiro impacto: inaugurar uma fusão do simbólico com a tecnologia. E, por isso, formas midiáticas e não midiáticas não podem mais, a rigor, serem separadas.

MA: Martino, gostaríamos de ouvir, agora, uma autorreflexão sobre a Epistemologia da Comunicação. Como você avalia a produção epistemológica brasileira? A seu ver, qual seria a especificidade do pensamento comunicacional brasileiro? Do ponto de vista da Epistemologia, em que momento estamos?

LCM: É uma pergunta difícil. Primeiro de tudo, perguntar pelo Brasil é um recorte que eu não faria e que não fiz. Não faria porque não estamos tão isolados, há uma certa colonização do pensamento brasileiro. Há uma valorização de temáticas (ou modos de abordá-las) que pautam nossas teorias, que ainda são muito marcadas pelos cenários estrangeiros. Estas temáticas rapidamente ganharam espaço a par-

tir dos anos 1990/2000 e acabaram deslocando o que se entendia por teoria da comunicação. Essa é uma temática que pretendo trabalhar, que me parece estar associada a movimentos mais amplos que colocam em questão a própria noção de teoria.

De outra parte, o que fiz foi uma pesquisa que durou mais de uma década, na qual tentei mapear as teorias da comunicação com base em livros responsáveis pela formação acadêmica em comunicação, divididos em universos linguísticos, portanto, teorias presentes, mas não necessariamente originais de um país. Foram os universos de língua francesa, espanhola e inglesa. Estudei particularmente cada um deles; considereí que em todas as Ciências Sociais há um conjunto de autores que podem ser chamados de clássicos, que são incontornáveis. Se você fizer um curso de Sociologia e não estudar Durkheim, Weber e Marx, tem que haver uma boa justificativa do porquê foram deixados de fora. Isso não acontece com a Comunicação; nós não temos esses autores clássicos. Em um curso de Teorias da Comunicação o repertório de teorias pode mudar completamente. E foi isso que encontrei, pesquisando e comparando os livros de teorias da comunicação. Às vezes não tinha nenhum autor em comum entre esses livros e a porcentagem de autores/teorias que eram citados em apenas um único livro (e não aparecia nos demais) era cerca de dois terços. Então, de certa maneira, essa pesquisa aparentemente mostrava que havia muita “diversidade” teórica no campo.

Depois descobri que um autor estadunidense, James Anderson,⁷ havia realizado pesquisa semelhante, com outro tipo de amostra (usei livros, ele usou artigos de revistas) e chegamos a resultados muito parecidos. Contudo, tiramos conclusões totalmente diferentes: Anderson concluiu que o campo era diverso e irremediavelmente diverso, por isso nunca conseguiria ser sistematizado. Eu tirei outra conclusão: que isso só provava o que já estava na premissa desses textos. A “diversidade” era consequência do fato de que os livros/artigos que faziam o levantamento das teorias da

7 **Communication Theory: Epistemological Foundations**, 1996.

área não tinham empregado nenhum *critério* para dizer o que é uma teoria da comunicação ao mesmo tempo que, paradoxalmente, traziam um repertório que afirmava quais eram as teorias da comunicação.

Então, à medida que se consolidava a formação de pesquisadores em torno desses livros, o problema da diversidade das teorias da Comunicação foi sendo montado como um quebra-cabeça, mas que não conseguia formar nenhuma figura, porque os autores desses livros nunca propuseram um critério de teoria da comunicação. Minha conclusão era exatamente a falta de um trabalho epistemológico, ou seja, o campo foi se formando como um aglomerado de teorias arbitrariamente reunidas, ou pelo menos, sem uma reflexão explícita ou suficiente do que as unia. O somatório disso passou a ser chamado de “diversidade” e elogiado por alguns como complexidade, interdisciplinaridade (trans, multi... indisciplinaridade), como se a Comunicação estivesse em condições de reivindicar um estatuto de conhecimento *sui generis*.

A questão da diversidade começa a ganhar forma institucional em 1983, com a publicação de *Ferment in the Field*, nos Estados Unidos. Quem se destaca nesse debate é Robert Craig, um autor estadunidense muito influente e que segue sendo uma das maiores vozes nesse debate. Fiz uma crítica à sua abordagem, justamente porque tomava como base as observações e as conclusões de Anderson. O objetivo de Craig era fornecer uma fundamentação à diversidade teórica. Como praticamente todos, colocou-se como defensor da interdisciplinaridade do campo, mas foi um dos raros a oferecer argumentos epistemológicos. Sua abordagem traz uma posição muito curiosa, porque, no fim das contas, sua perspectiva de fundar a Epistemologia da Comunicação na diversidade teórica se aproxima da liberdade política (pluralismo democrático). Paralelamente, outro significado convergente, – a diversidade cultural – também passa a ser entendida como uma forma de estruturar o campo teórico da Comunicação, deslocando e substituindo, assim, a epistemologia da Comunicação (o termo “diversidade” ganha sentido político, em detrimento de termos como disciplina, ciência, definição, conceito, aos quais são atribuídos uma conotação “autoritária”, “linear”, a ser combatida).

O problema da diversidade acabou se recobrando de significados políticos e se misturando a lutas culturais, e isso em detrimento do significado propriamente epistemológico. Na verdade, muito do que é chamado de epistemologia e tratado como diversidade do campo comunicacional deriva, com efeito, de uma falta de rigor; de discussões realizadas na ausência de critério do que se deve entender por “teorias da comunicação” (o significado desta expressão varia drasticamente segundo o país, a época e muitos outros fatores ligados à formação acadêmica).

Afinal, o que faz certa teoria ser uma teoria da Comunicação? Essa pergunta não é colocada. E isso evidentemente leva a resultados um tanto caóticos quando se tenta discutir o que é “o campo” ou qual a característica que assume em certo contexto nacional (no Brasil, por exemplo). Nos livros que analisei e em vários debates que tenho acompanhado, não são apresentados critérios, lacuna curiosa, tanto quanto ignorada. Em seu lugar consolidou-se um grande esforço de fornecer uma justificativa dessa “diversidade”.

Tacitamente é aceita a premissa que toda e qualquer teoria apon-tada como “do campo” deve ter o direito de ser do campo: se está aí, aí tem que estar, de modo que da diversidade constatável passou-se a um compromisso com a diversidade e o que era um estado, um momento de formação, passou a ser visto como um desafio, uma exigência de inclusão.

Colocou-se, então, o imperativo de inventar um espaço no qual todos tenham “liberdade” e a comunicação possa ser tudo que alguém precise que seja, mas isso não é um programa epistemológico, e a “teoria da comunicação” sucumbe e se confunde com as batalhas de nosso tempo (é isso que entendo por *atualidade mediática*, e como o objeto de estudo da comunicação “atropela” o estudo da comunicação como disciplina). Percebo que a Epistemologia da Comunicação é algo que se desenvolveu bastante, mas também, ao mesmo tempo, podemos dizer que ela ainda não começou. Estaria exagerando? De certo mesmo é que para a maioria dos “teóricos da comunicação” a epistemologia da Comunicação como a questão de um campo de conhecimento relativamente autônomo deixou de fazer sentido (se é que algum dia teve).

MA: Entendo perfeitamente. Ainda não começou! Devido a essa mistura de perspectiva.

LCM: Exatamente. É muito paradoxal, e temos algo muito curioso com a (má) formação da nossa área, porque, como eu disse, esse debate começou nos anos 1980, é tardio, posto que as condições epistêmicas que liberam o fenômeno comunicacional são as mesmas das Ciências Sociais dos séculos XVIII e XIX. Naquele momento se formavam os processos que poderíamos designar como comunicacionais, como fez a Sociologia, ao considerar que não existia sociedade antes disso. Posso parecer meio rigoroso ou muito drástico, mas tem um sentido falar desse modo, pois sociedade não é simplesmente as pessoas estarem juntas. É uma forma do coletivo, que só tem sentido a partir da emergência de certas condições históricas, tais como a Revolução Industrial, a Revolução Francesa etc., que compõem os quadros dos séculos XVIII e XIX.

Então, vemos que as outras Ciências Sociais se formaram com a emergência desse novo cenário, que é a modernidade, tomando este termo para simplificar. Mas a nossa ciência só foi aparecer na década de 1980. Quando temos a discussão da Epistemologia da Comunicação, ela aparece num cenário onde a ciência já se recobre de significações pejorativas e de alta desconfiança. A ciência já é alguma coisa que deveria ser evitada, que conhecimento é poder ou que a ciência é simplesmente um instrumento do capitalismo.

MA: O negacionismo, né, Martino? Desculpe intervir. O negacionismo da ciência não é tão novo assim. Temos um histórico.

LCM: Sim, é isso mesmo. Mas o vento está virando e levou muita gente a rever essa crítica da ciência, a ter que adotar uma atitude mais dialética em relação à ciência (se sentiram pouco confortáveis ao lado de terraplanistas, criacionistas, negadores de vacina...). Aquela coisa do mito positivista, que a ciência é linear, causalista... Isso nunca existiu. É só uma caricatura de ciência. Muitas discussões e críticas sobre a possibilidade de uma ciência da comunicação tiveram por pano de

fundo uma ideia de ciência que nunca existiu ou, se existiu, não interessa, porque é horrível e não é a melhor face da ciência, não é o que fez a ciência ser algo importante para a humanidade (geralmente se concentram nos usos ideológicos do conhecimento científico). E não podemos deixar de fora grandes movimentos no campo intelectual, como os que se seguiram à formulação da Teoria Crítica (Horkheimer, 1939), que ainda segue sendo uma grande fonte para os que visam a rejeição da ciência, assimilando-a a um pensamento conservador e tradicional para esquematicamente opô-la ao pensamento crítico. A própria Escola de Frankfurt (que muito admiro) não soube reconhecer o potencial emancipatório da ciência, como antidogmatismo, como liberdade, como um espaço de respeito à alteridade; como uma experiência ética que hoje faz tanta falta em um mundo cada vez mais movido por crenças e convicções (que, não casualmente, são alimentadas pelo sistema mediático).

Acho que é necessário um aprofundamento, sair dos moldes típicos, de pensar que a ciência possa ser desprezada como ideologia ou reduzida a um método, garantidor da verdade de seus resultados. Não é nada disso. A ciência, antes de mais nada, é uma atitude intelectual, algo que nos coloca de uma maneira particular e única frente ao conhecimento. É uma forma de conhecimento inseparável de um engajamento ético. É um empreendimento coletivo, algo que contrasta com o individualismo que temos hoje, advindo com a emergência da sociedade moderna do Iluminismo; é uma das poucas instâncias que nos restam profundamente estranha ao individualismo, razão pela qual seja tão pouco compreendida. E isso destoa muito, mas daí também o interesse de melhor entendê-la. Estão ficando cada vez mais raros os espaços onde podemos entender a sociedade de forma que não se repita a própria matriz do social; com o desenvolvimento do sistema mediático acentua-se a dificuldade de produzir conhecimento que não seja imediatamente reação e reflexo da atualidade.

MA: Ótimo, Martino, muito obrigada. Agora, como uma última questão, a gente quer voltar a focalizar o GT de Epistemologia da Compós e conhecer a sua avaliação sobre os principais desafios e as contribuições que esse GT tem dado ao nosso campo de conhecimento. Como é que você avalia o papel do GT de Epistemologia e quais são os desafios que temos pela frente no campo comunicacional?

LCM: Eu acho que o GT é um marco. Ele não está discutindo apenas teoria, ele está discutindo o campo, o que seria o comunicacional propriamente. Então, são questões que não temos condições de discutir com os colegas de departamento ou de aprofundar nas aulas com os estudantes. Esse espaço, acho que quem conhece sabe dar valor, é onde há troca, podemos saber o que os outros estão fazendo, por onde estão passando as questões. Eu acho que propicia um crescimento mútuo, todo mundo aprende. Costumo dizer que os congressos funcionam como aula para os professores, vamos para ouvir e aprender.

MA: É outro tipo de relação, não é? Que difere da relação da gente como leitora, como leitor de um texto, mas você está ali ao vivo, interagindo com diversos pesquisadores. Essa interlocução é muito enriquecedora.

LCM: Exatamente. É um espaço de diversidade. Então, quanto a isso, por vezes vejo colegas cobrando do GT uma contribuição, assim... que ele iria formar a área. Eu acho que essa nunca foi a proposta. O GT não tem essa finalidade e nem era para ter. Ali é mais um lugar, mais um espaço onde essas compreensões emergem no conflito de ideias, que é o que a gente busca, dentro de um espírito de respeito. Ouvimos, dos pesquisadores que passam pelo GT, que ali há um ambiente muito bom, que seus trabalhos podem ser lidos e criticados, porque o respeito acadêmico é a crítica. Se eu passo duas horas falando e alguém diz que foi legal, eu fico muito desapontado, pois não quer dizer nada. Buscamos esses questionamentos.

O GT tem proporcionado isso. Ele ajuda demais com as perspectivas que não conhecemos. Tudo isso forma um grande caldeirão, e fico contente de ver que novas gerações estão chegando e trazendo suas contribuições, porque também podemos escutar outras sensibilidades, problemas diferentes, e essa troca é muito legal.

MA: Muito obrigada, Martino. Agora, abrimos para a participação das pessoas que estão presentes aqui na *live*. Então vamos ver. A Meca Arreguy comenta: “Muito boa a reflexão sobre os temas de comunicação.” A Mércia é psicóloga e minha irmã. Ela tem acompanhado as *lives* e tem gostado muito. Ela tem aprendido muito sobre a Epistemologia da Comunicação, sobre as reflexões que a Comunicação tem trazido, inclusive, contribuído bastante para a interface com a Psicanálise. E isso é interessante.

LCM: Há muita interface com a Psicologia, sem dúvidas. Costumo dizer que é muito importante saber o que é Comunicação, para podermos dialogar com as outras disciplinas, porque, senão, somos simplesmente absorvidos por elas. A relação com outras disciplinas nos possibilita entender o que nós fazemos, o que nós podemos acrescentar de diferente. Isso não é algo de isolamento, de superioridade moral, nada disso. É um diálogo onde o comunicacional, ou seja, o que é mais específico para a Comunicação, pode dialogar com o específico da Psicologia ou o da Sociologia. E esse diálogo é uma das fontes que também nos faz avançar e entender o comunicacional.

A interdisciplinaridade hoje é muito pensada sob a forma do *ecletismo*. É comum entendê-la como uma grande mistura de conhecimentos, um tipo de bandeirão, no qual o pesquisador vai passando e se servindo no *buffet* geral das teorias, tal como em um *self-service*. Nunca foi assim, embora a liberdade sempre tenha sido total em ciência. É preciso ter consciência do que se está fazendo, as “combinações” devem fazer sentido e os enquadramentos disciplinares têm muito a dizer sobre isso. É um ponto que quero enfatizar: quando entramos em contato

com outros campos, não é para perdermos nossa identidade (“tudo é comunicação” ou “não importa o que é comunicação”), mas justamente para marcar nossa identidade. As relações com outras áreas nos ajudam a entender melhor o que temos a fazer enquanto área e pesquisa, não porque aí estejam compreendidas leis ou fronteiras, mas porque há um relacionamento dinâmico, crítico, concorrencial e complementar, ao mesmo tempo, que nos ajuda a pensar. Por isso, a Epistemologia é muito importante.

Quando discuto com um sociólogo, a minha ideia de social não é a mesma dele, não pode ser a mesma. O sociólogo marca o social pelas instituições, que são cristalizações das interações sociais, que são dinâmicas e acabam se cristalizando, que acabam tendo uma permanência e incidem sobre essas interações. Para um comunicólogo, a compreensão da dinâmica da sociedade passa a ser diferente, porque é realizada com tecnologia, não estamos mais falando de comunicação enquanto fundamento do ser humano, mas de condições históricas. A matriz social deixa de ser as instituições (como faz o sociólogo), no sentido comunicacional ela passa a ser o próprio fluxo da informação.

As transformações da sociedade moderna são rápidas, nela se imprime uma velocidade incrível às trocas, fazendo com que a matriz social não esteja mais no permanente, no estável, mas sim no transitório. Ela tem por base uma tecnologia que acelera os processos sociais e muda esses processos de escala. Quando me conecto com pessoas por meio da tecnologia, isso não é o mesmo que faço pessoalmente. As instituições foram se transformando em função dessas novas possibilidades tecnológicas (não exclusivamente, mas dessa forma também). Então, veja, a ideia de social para um comunicólogo repousa em possibilidades abertas pela tecnologia, que transformam o elo social. Isso dá outro matiz ao elo social. Eu diria que a sociedade moderna está baseada na dinâmica social, e as sociedades tradicionais, na estrutura social. Dizer que uma sociedade está baseada na dinâmica significa que ela tem uma relação muito diferente com o tempo, só que não é o tempo do filósofo, não é o

tempo do sociólogo, é o tempo midiático. Por exemplo, o jornal e outros meios de comunicação acabam introduzindo uma matriz de cultura, uma configuração do simbólico e das próprias associações, interações sociais. Isso gera problemas e possibilidade de pensar o social, de uma maneira que o sociólogo talvez desconsidere, pois não destaca o papel da tecnologia no processo de produção do simbólico e na formação do elo social. É a isso que me referia ao dizer em preservar a identidade do comunicólogo para poder dialogar com outras áreas de conhecimento.

MA: Exatamente. Inclusive acredito que o que você está falando tem a ver com esse texto publicado recentemente, “Comunicação e Ciências Sociais: matrizes Epistemológicas da Comunicação”, que eu e meu grupo de pesquisa estamos curiosos para ler. Eu acho que tem a ver com essas questões que você colocou para a gente, Martino. É muito importante a gente pensar como a comunicação, de fato, sempre foi instituidora do social. Isso não é de agora, com o midiático, nem com as novas tecnologias. A comunicação sempre compôs esse processo de instituição da vida social. Ela sempre fez parte disso. A comunicação, com essa aceleração muito intensa, na qual os fluxos, a informação da comunicação e as próprias tecnologias têm potencializado, bem como esses novos processos de circuitos, de interação e de processos sociais também fazem parte desse conjunto.

Eu acho muito interessante o que você falou, inclusive, a respeito do nosso próprio campo, quer dizer, hoje, não tem como separar o midiático do não-midiático porque tem a conexão. Hoje, a gente tem uma interconexão cada vez maior entre essas diversas esferas e instâncias do social, do mediático e da vida social. Tudo isso está muito entranhado. A comunicação está entranhada nessas dinâmicas, nesses processos sociais. É muito interessante para a gente discutir isso.

Rayanne Elisa: Boa Noite! Eu sou estudante de graduação, e meu TCC é sobre o estudo das Teorias da Comunicação. Eu queria saber do Martino se ele acredita que algum dia teremos um critério para o que é teoria?

LCM: Rayanne, muito obrigado pela pergunta e parabéns pelo TCC. Eu apostaria que não, pois não é a questão de todos terem o mesmo critério (consenso). As compreensões sobre o que é teoria da comunicação para o campo são muito diferentes. Considerar o campo como interdisciplinar equivale a um programa fraco, como discuto no texto recém citado. É uma maneira de abordar, a comunicação é o pretexto, é um objeto no sentido fraco, um objeto empírico, o qual várias disciplinas discutem, mas a comunicação resta um processo empírico. Não há possibilidade de teorias *da* Comunicação, como pertencentes a uma disciplina.

Por outro lado, já temos esse critério logo de saída, se admitirmos a Comunicação como ciência social. Essa resposta foi dada por Durkheim para a sociologia e alcança todas as outras disciplinas. No caso da Comunicação seria explicar o social pelo comunicacional,⁸ o que equivale a certa concepção do objeto de estudo, não apenas como “coisa” estudada, mas como viés de compreensão.

Quando se toma a comunicação como um objeto de estudo, então, no sentido de um programa forte (disciplina), esse processo passa a ser aquilo por meio do qual vamos pensar e organizar o social. Isso não quer dizer que o social seja “verdadeiramente” assim (isso seria ontologia, Filosofia). A Epistemologia trabalha com conjecturas, assumindo a hipótese de que o comunicacional seria o elemento de organização de toda a sociedade. Se você trabalha dessa maneira, então você é um comuni-

8 [nota do entrevistado] Sobre este ponto, proponho que consulte o texto citado há pouco pela profa. Maria Ângela Mattos e também outro de minha autoria: “Algumas Considerações sobre a Explicação em Comunicação” (2013).

cólogo, uma comunicóloga. A abordagem comunicacional vai justamente trazer essa perspectiva dos processos comunicacionais: a comunicação no sentido forte, para quem a toma como disciplina, para quem assume que a comunicação tem uma especificidade enquanto conhecimento.

Há relativamente poucos pesquisadores que pensam assim. A principal tendência na nossa área é tomar a teoria da Comunicação no sentido mais amplo, em que a comunicação é apenas um processo empírico, de modo que as teorias, consequentemente, são de outras áreas de conhecimentos (teorias *sobre* comunicação).

Veja que esses são dois sentidos muito diferentes de campo e o termo “epistemologia”, a rigor, só cabe no programa forte. Por que digo isso? Porque o programa fraco não é uma área de conhecimento (disciplina), logo, não há por que ter epistemologia. Esta aparece somente na medida em que se exige que as teorias sejam explicativas a partir do comunicacional. Se não temos isso, não tem por que ter epistemologia da Comunicação. Não estou dizendo que um é melhor que o outro. Estou dizendo que são duas concepções diferentes.

Então, se você perguntar qual é a epistemologia do campo da comunicação, no sentido fraco, ela a rigor não existe, porque a epistemologia é relativa à teoria empregada. Se a questão é tratada por sociólogos, é epistemologia da Sociologia que está presente; se é tratada por antropólogos, então, a epistemologia é da Antropologia. Uma epistemologia corresponde a uma teoria e vice-versa. Costumo dizer: o contexto de significação de um conceito é a teoria, e o contexto de significação da teoria é a epistemologia de uma área de conhecimento. Se pegarmos um termo como “consciência”, esse conceito vai ser muito diferente na Psicologia, na Sociologia e na Comunicação. Na Psicologia, a consciência é um epifenômeno do corpo, ou seja, algo que aparece junto, mas não se reduz a ele. Para o sociólogo, ela é um produto do social. Para a Comunicação a consciência, digamos, é trabalhada pelos fluxos de influências midiáticas; está conectada a influências que podem vir do passado, que podem vir do presente, de longe ou de perto, que podem ser de ordem

política, cultural ou simples divertimento, de modo que o conceito de consciência ganha sua significação conforme essas influências são viabilizadas por meios de comunicação. Por conseguinte, o termo “consciência” implica um conceito diferente em cada disciplina.

Quando falei de critérios me referia a isso que torna possível reconhecer teorias de um campo e ver conceitos como próprios a uma área de conhecimento. Note que, para aqueles que concebem a Comunicação como um programa fraco, a questão não faz sentido, seria impossível avançar critérios (quebra-cabeça sem figura). Já para aqueles que trabalham na perspectiva de um programa forte, os critérios são os mesmos que outras ciências sociais adotam para marcar sua especificidade.

MA: Isso quer dizer que, para termos uma teoria da comunicação, precisamos pensar na perspectiva comunicacional, e não olhar conforme uma abordagem externa, tentando ver o que há de propriamente comunicacional nos fenômenos estudados. Como diz o colega, José Luiz Braga, que trabalha muito essa perspectiva epistemológica de desentranhar o comunicacional, como um processo, e não apenas como ferramenta, como instrumento, mas o comunicacional como dinâmica.

LCM: O Braga é um grande amigo e uma grande referência. Ele marcou muito a minha vida também. Eu comecei dando aula na UnB, já tinha experiência de professor, mas, na UnB, eu comecei no curso do Braga, e ele foi muito gentil de me acolher, como segundo professor de mestrado na época. Nós dois dávamos aulas juntos. Imagina um jovem, cheio de energia, o que ele deve ter passado. Ele teve uma paciência incrível comigo. Nos tornamos amigos e, quando nos encontramos, são horas de discussão até descobrirmos as diferenças de nossas posições. Isso realmente é muito bom.

MA: Agradecemos a gentileza do Prof. Martino, por ter participado e trazido questões tão relevantes e importantes para refletirmos e debatermos no encontro da Compós e em outras oportunidades. Agradeço também os participantes e as participantes, bem como a oportunidade de trocar ideias e ter uma interlocução.

LCM: Mais uma vez, vocês estão de parabéns! Agradeço também quem nos acompanhou. O debate é sempre aberto e bem-vindo. Acho que temos uma paixão comum, e obviamente as trocas nos enriquecem.

LINHAS QUE SE CRUZAM NOS PERCURSOS ACADÊMICO E PROFISSIONAL

Jairo Ferreira



MA: Boa noite, pessoal. Vamos retomar o nosso trabalho em comemoração aos professores e pesquisadores do GT de Epistemologia da Comunicação da Compós, que completa 20 anos de realização em 2021. Hoje, a gente terá a participação do professor Jairo Ferreira, da Unisinos. Ele vai falar um pouco da sua trajetória pessoal e profissional, contar do seu percurso na área e no GT. Pelo visto, o professor tem um percurso muito rico para nos contar. Então, nós gostaríamos, Jairo, que você falasse um pouco sobre como se deu a sua aproximação com o campo da Comunicação. Você tem uma história ligada às Ciências Sociais e às Ciências Econômicas. Então, a gente gostaria de saber: como se deu a sua entrada no campo?

Jairo Ferreira (JF): Boa noite, Dedé, formandos e colegas que nos acompanham. Esse percurso nunca é linear. O nosso cérebro e a nossa existência são sempre atravessados por linhas paralelas e que se cruzam. No ponto de vista pessoal, a comunicação é muito de quando eu, jovem, adolescente, na Revolução dos Cravos, comecei a lidar com

um cine clube, em Lisboa. Morava em Seixal, no outro lado do Tejo. Eu pegava os filmes em Lisboa e saía com esses filmes numa mala muito pesada, de vila em vila, na região de Setúbal, do Alentejo. Isso nas comunidades agrícolas, naquelas vilas tipicamente portuguesas, muitas quase medievais. Este trabalho foi espontâneo. E o jornalismo já me fascinava. Ler jornais era uma obsessão. Ia do Opinião ao Estadão, antes de ir para Portugal. Em Portugal, rastreava todos jornais, procurando entender a Revolução dos Cravos. Já tinha também, no Brasil, várias incursões pela esquerda, entre o PC do B e o PCB. Vacilava entre o projeto de Araguaia e o projeto da luta política.

O trabalho que fazia nas comunidades agrícolas, em pleno fervor da reforma agrária, foi observado pelo Conselho Popular de Seixal que me elegeu como secretário geral. Era um poder de assembleias populares. Fui eleito numa assembleia que parecia uma reunião de um soviete. Pessoas empilhadas pelas laterais, cadeiras, com militares de Abril me defendendo em nome do internacionalismo proletário.

Tempos pós-Salazar. O Conselho Municipal, poder administrativo, me designou uma imensa mercedes, com motorista, para andar de vila em vila com os filmes. Tinha também uma máquina de filmagem, pesada e grande. Naquele momento, adolescente, sentia uma paixão profunda pelo cinema. Levava filmes cubanos, de diversos diretores da América Latina, Eisenstein (quase todos disponíveis na época), e, depois de passar os filmes, comentava, mas sempre numa *vibe* do discurso político sobre os “ensinamentos” do filme passado.

Eu nunca enveredei por esse caminho, mas já sentia isso ali. Eu tinha uma *vibe* de paixão adolescente pela Ciência e pela Política. Eu comecei a conhecer o socialismo ainda jovem, com 13 anos. A minha família era de populistas, e então eu me aproximei do socialismo, via jesuítas da Teologia de Libertação, que frequentavam a minha casa (um francês e um canadense). E quando chega essa fase de entrar na faculdade, que é quando eu volto à Revolução Portuguesa, eu tinha uma formação marxista através de manuais de formação, da filosofia, que vinha dos 14 anos, uma aproximação da filosofia marxista.

Quando voltei de Portugal, fiquei isolado durante um ano, pois estava sendo observado. Por essa razão, o Partido Comunista e o PCB mandaram eu ficar de molho. Depois, fui orientado a entrar na UFRGS. Não era o que eu queria. Queria ir para o ABC ou para o campo, formar quadros. Mas era disciplinado e lá fui estudar.

Meu pai sempre me apoiava, mesmo sendo contra o projeto do PCB. Queria que eu fizesse Engenharia ou Medicina. Na época, meu pai era policial militar, era tenente coronel. E eu fui fazer Economia. Comecei, no curso, a iniciação científica, numa bela pesquisa sobre a economia gaúcha com a Yeda Crusius, que depois foi governadora do Estado. Foi onde eu aprendi muito, na iniciação científica. Fiz revisão dos livros do Ipea durante um ano. Foi mais ou menos entre meia centena e uma centena de livros que eu sistematizei. Eu gostava muito disso, mas entrei em crise existencial. Não me sentia um economista. E, então, veio a paixão pelo Jornalismo.

E aí eu fiz o vestibular e entrei para Jornalismo, trabalhando como jornalista, assessor de imprensa e assessor parlamentar. Terminei o curso de Economia depois. Na campanha da legalização do PCB, o partido convocava a gente para participar da legalização. Isso trouxe uma série de efeitos e, de certa forma, eu passei a ser diferenciado. E isso se exacerbou a tal ponto que tomei, cada vez mais, as funções dentro do partido, como dirigente nacional, do comitê central, do Estado e presidente do município. Fiz tudo isso muito jovem, mas, no partido, eu também fazia coisas com o jornalismo, incluindo textos para o jornal Voz da Unidade. Eu escrevia documentos do partido, fazia análises, dava cursos de marxismo para a gurizada e para os parceiros.

Eu mantinha sempre uma disciplina de estudos. Quando fomos derrotados no Congresso em que venceu Roberto Freire, o rumo mudou. Eu e mais dois amigos lideramos uma oposição de esquerda, tivemos 15% de votos, a turma do atual PCB uns 10%, e o Roberto Freire teve a maioria dos votos. Muitos foram para o PT, mas um cara formado na Revolução dos Cravos e no PCP, essa não era uma alternativa. Sentia que estávamos distantes do que se dizia ser uma mudança estrutural do Brasil.

Dali, eu digo: “Pois, bem, agora eu vou pendurar as chuteiras e vou voltar para a minha outra paixão adolescente, que é a Ciência”. Essa foi a minha entrada na Comunicação. Mas, no mestrado, fui para a Sociologia, porque aqui não tinha nem mestrado nem doutorado em Comunicação. Quando entrei no doutorado, também não tinha. Mas também achava a pesquisa em comunicação pouco científica. Soma-se o fato de minha curiosidade e fascínio por várias áreas de conhecimento (economia, psicologia e sociologia, em especial).

MA: Muito bem, Jairo. É uma história muito rica. Eu não tinha a mínima ideia desse seu passado, que deve ter contribuído e muito para a sua formação jornalística, de uma forma mais abrangente, ancorado nas óticas política e filosófica do jornalismo... muito do que a gente não vê hoje, que os cursos estão muito focados numa formação mais técnica e profissionalizante. Essa história é muito importante.

JF: O meu jornalismo é o jornalismo mais filosófico, literário e político. E sem dúvidas, sofreu uma grande inflexão, inclusive no Rio Grande do Sul. Nós tínhamos um jornal aqui, no tempo do Breno Caldas, que tinha uma abertura maior. Era um jornal conservador. O Breno Caldas era proprietário de terras, mas isso tinha uma inflexão numa crise cambial e monetária em 80. A Caldas Júnior tinha dívida em dólares, feita para modernizar todo processo, da redação à impressão, entrando na digitalização. O cruzeiro foi desvalorizado em 30 por cento. Imagina o crescimento da dívida. A inflação chegava a 100 por cento, em 80.

É uma grande crise... a RBS que é ligada a Globo, passa à frente. O Caldas Júnior vai à falência por dívidas da gestão, mas o Seu Breno, como a gente costumava chamar... eu trabalhava numa sala próxima a ele. Eu era repórter, e tinha o Lisboa que era o Editor-Geral. Muitas vezes, eu fazia parte do editorial, que ele e o Lisboa assinavam.

MA: Muito bom, professor. Eu gostaria que a gente compreendesse um pouco, qual é a noção e a concepção de comunicação, e qual é a importância de termos um GT na Compós que trabalha e atua reflexivamente a Epistemologia da Comunicação. O que você compreende por comunicação e qual é a importância do GT de Epistemologia para o campo comunicacional?

JF: Olha, eu vou começar nessa coisa do circuito. O GT se encaixa bem na minha formação. Essa formação em várias disciplinas. Eu passei pela Sociologia, pela Economia e pelo Jornalismo. Tinha, na graduação, um professor de teoria, o professor Ricardo Schneider da UFRGS. Mas boa parte da base bibliográfica era sociológica. O Bourdieu, eu fui conhecer no Jornalismo. Lembro que o meu trabalho de conclusão de curso foi sobre a noção de valor em Marx, bem como sobre o salário, o preço e o lucro. Na Economia, foi a concepção de Estado em Marx. Então, eu aproveitava muito os cursos para a minha formação teórica.

No mestrado em Sociologia, foi uma coisa interessante. Eu investi, isso lá há 30 anos, a Inteligência Artificial e Sistemas Especialistas – 33 teses e dissertações do curso de Informática da UFRGS que, na época, era um dos melhores do Brasil. Então, eu queria entender essa questão da lógica. É uma questão que volta agora, a nós, que é sobre os algoritmos e sua relação com a Inteligência Artificial. Foi uma dissertação que foi com paixão, mas com limites, porque na época eu não tinha o conhecimento requisitado. A sociologia não me oferecia conceitos para isso que me instigava. E a economia também não. Fui buscar esse conhecimento na psicologia cognitiva, no doutorado em Informática na Educação. Também ali não resolvi o problema, embora tenha avançado muito. Foi ali que estudei Piaget, incluindo estágio nos Arquivos Jean Piaget, ligado a Faculdade de Psicologia da Universidade de Genebra. Muito do que aprendi nessa época continua no que desenvolvo, embora isso nem sempre seja explicitado.

O GT encaixa muito nessa minha perambulação teórica, ou seja, na minha formação em várias áreas. Então o GT vem como luva. Ele me fez dizer: “É aqui que eu vou.”, e vim com muita gana. Então, ele se encaixa muito no meu percurso.

É muito interessante, porque o GT discute várias promessas para a área da Comunicação. E isso é algo que se discutia muito, que é a questão da ideia de campo. Se nós temos ou não um campo de produção de conhecimento, que seja diferente em relação às ciências clássicas de linguagem, às teorias sociais e às teorias cibernéticas. Essa era a angústia pela qual passávamos na virada do século. Se sabe, se fazia muito a partir das Ciências Sociais, a questão das abordagens marxistas ou mesmo da teoria crítica ou muita Semiótica, trazida e acionada para a interpretação dos processos. O GT vai problematizar isso que já aparece também nas reuniões entre programas, do século passado para este. Era uma preocupação de “Pois, bem, quem somos nós?”. E o GT passa a questionar essa certa obsessão por uma realidade disciplinar, feita de forma interdisciplinar, na disciplina pretendida.

Hoje, eu já sou um pós-disciplinar. Mas essa questão, ela está no GT, como uma tentativa de reflexão. E ao mesmo tempo, essa questão tá na área, porque nós tínhamos uma pressão institucional em curso, incluindo as agências de fomento. Já se sustentavam definições universitárias baseadas nos ofícios, inserindo-se nas demandas das agências de fomento, mas também de campos de conhecimento. Porque que não é Ciência Política, não é Psicologia, que não é Teoria do discurso e que não é Semiótica em si? O que esses caras fazem, a gente faz aqui, aplicando lá. Há fenômenos que eles estão estudando lá, mas não há epistemologias e metodologias específicas que os diferenciem. Essa era a questão.

MA: Que é uma questão interessante, de qual seria a especificidade do pensamento do campo.

JF: Essa questão tá ali e ela não é simples. Na verdade, uma discussão que também me fascina. A discussão no Brasil é boa. Não vejo isso em outros países. Mas nesse GT, tínhamos o Ciro, temos Braga, Lucrécia, o Mauro e o Claudio Martino. Tem o Eduardo Yamamoto, que também está trazendo essa discussão, o Signates, o Pimenta. Temos também o Sodré, que não participa do GT, mas que está nessa discussão também. O Tiago Quiroga.

Há questões que a gente tenta elaborar, como a identidade do campo ou uma pós-identidade. Essa é uma discussão importante, e tem um texto do Erick Felinto no qual ele vai opor a questão da materialidade à questão identitária da comunicação. Tem muitos autores que, mesmo não estando ali, fazem a reflexão na área. E isso é muito importante, porque há angústia dessa crise de identidade, que de alguma forma está mais elaborada pela área.

Acho que a área é mais autoconfiante. Seria pretensioso dizer que é uma obra do GT, mas é uma obra diária, do coletivo, que vai problematizando a questão da comunicação nas suas pesquisas. Tem uma obra reflexiva na sociedade, porque cai a questão midiática, que se coloca para a sociedade como uma questão que não tem inteligibilidade suficiente nas Ciências Sociais clássicas, nem nas Teorias da Linguagem, nem nas Teorias Cibernéticas. Então, a inteligibilidade adotada para esses fenômenos sociais contemporâneos, especialmente com a virada dos meios de programação para os meios de rede, é insuficiente.

Então, a área oferece perspectivas mais refinadas. Elas podem não ser canonicamente científicas, mas são mais interessantes, questionadoras, para se pensar o que se passa. Essa é a importância do GT. Ele talvez não tenha realizado todas as promessas, mas ele se esforça para realizar.

MA: Jairo, inclusive essa é uma questão interessante que você está colocando, sobre a nossa formação epistemológica e teórica, e como a gente tem a contribuir para as outras áreas também.

JF: Exatamente. É um pouco como diz o Sodré. A nossa inteligibilidade é uma inteligibilidade que se oferece ao conjunto das Ciências Sociais, das Teorias da Linguagem e do Signo. Inclusive às Teorias da Informação Cibernética, agora chamadas de Ciências de Dados, para compreender aquilo que se faz na sociedade. Então, as nossas inteligibilidades são potentes. Se eu estou discutindo movimentos sociais, por exemplo, como eu problematizo? A problematização numa perspectiva sociológica

não é a mesma que fazemos numa perspectiva da comunicação. A inteligibilidade oferecida pela área da Comunicação é considerada nas reflexões das ciências sociais e da linguagem? Ou seja, de uma forma reversa, nós somos referências de pesquisa, assim como eles são referências para as nossas pesquisas? Então, para avaliar isso é necessário vermos formas de interlocução, em revistas, bancas e eventos científicos.

Por exemplo, quando estão discutindo a questão das redes ou da questão dos algoritmos. A minha pesquisa atual no CNPQ é sobre mediação, algoritmos e comunicação. Nós organizamos grupos de estudo no Epistecom, Grupo de Pesquisa que coordeno. São vários os grupos: os *nerds*, tem a turma do bazar, tem os guerreiros, e entre os *nerds* está se discutindo a questão dos algoritmos. Nós levantamos biografias, e da média de 50 artigos levantados, nem um deles dá conta suficientemente das questões que podemos elencar como processos do curso. Muitos podem contribuir no pensamento. Ilustro: é essencial a entrada Semiótica, e tem um texto só que tenta desenvolver uma abordagem semiótica. Ora, a área da Comunicação, por sua vez, lida com a Semiótica de várias formas, inclusive quando se aborda os algoritmos. No ano passado, em 21, dois textos do GT fizeram isso. Mas como abordar esses processos midiáticos ou a questão dos algoritmos pela Semiótica? As Ciências Sociais não “casam” com essa abordagem, pois o giro semiótico coloca dificuldades metodológicas e interpretativas às próprias Ciências Sociais.

MA: Nesse sentido, a gente gostaria de saber quais são os principais desafios, as principais perspectivas e possibilidades da formação de um pensamento comunicacional do GT e até mesmo dos teóricos e pensadores no Brasil. Como você vê os principais desafios nesse contexto atual, que estamos enfrentando na academia, na sociedade, na política?

JF: Essa pergunta é muito difícil de responder, mas eu vou tentar dizer algumas coisas que considero nas minhas práticas de pesquisa e nos projetos. Ela é complexa, porque é o tipo de pergunta que tu pre-

cisas preparar a resposta, um artigo e um livro (risos). A dificuldade me parece que é a seguinte: definir o que é comunicação? Tem esse debate do Ciro com o José Luiz Braga...

MA: Eu sei como é difícil tocarmos em determinadas pessoas, que são importantes para a nossa trajetória.

JF: Há a discussão do Sodré sobre a ciência do comum. Porque se passa no que é a comunicação e eu tardiamente vou aderindo a essa ideia do comum. Essa que é a hipótese do Sodré. É fascinante o debate do Ciro com o Braga sobre o que é comunicação. Até porque as teorias sociais e as teorias da linguagem nos oferecem conceitos sobre o que é comunicação. E considerando essas heranças, que são riquíssimas e complexas, nós podemos nos colocar no lugar de problematizar a questão e ter respostas novas para ela. Então, eu acho que continua sendo um desafio, que não é menor, pois por ele passam várias discussões. Passa a discussão do que é conversação, do que é alteridade, e todos esses conceitos que poderão ser reinterpretados ou, na medida que são reinterpretados, fazem a diferença. São microconceitos que dialogam com essa pergunta. Essa e boa parte da bibliografia terá respostas mais plausíveis.

A comunicação me parece que é uma questão central, mas ela pode ser uma resposta abstrata. Essa é uma concretude mais recente que eu percebo. Ela tem que ter uma concreticidade na vida. A forma como nós entendemos a comunicação é uma episteme, que tem uma dimensão de concreticidade que uns chamam de política. A forma como eu compreendo, portanto, é fundamentada em conceitos, mas ela leva não só a interpretar, mas talvez a viver a vida social numa perspectiva comunicacional. Problematizar a vida da espécie na perspectiva comunicacional, assim como já foi problematizada pela psicologia, sociologia, antropologia, economia, ciência política e teoria da linguagem.

MA: Desculpa, eu intervi porque tem uma questão que o Luiz Martino está colocando para você, a respeito dessa visão rica que você tem sobre o comunicacional, que se mistura às experiências de vida e às questões de comunicação. Então, o Martino faz essa observação a respeito da sua fala e da sua maneira de pensar.

JF: São os textos. Há grandes contribuições tanto do Luís Mauro quanto do Luiz Claudio. São discussões que, de certa forma, nos trazem para refletirmos sobre o que é da Comunicação. Eles mostram que há uma dispersão. Há trabalhos de sistematização que eles fazem bem, e que utilizo muito na sala de aula para a formação. E o que é a comunicação se há essa dispersão, há essa questão de como iremos superá-la. Essa também é uma discussão do Braga. Eu sempre defendi ser necessário buscar a Teoria da Comunicação, como fez o Ciro Marcondes. Mas hoje penso que se trata também de constituir uma referência, uma reflexão epistemológica e uma problematização sobre o comunicacional. Isso, sutilmente, não buscando uma teoria, mas sim, um espaço. O espaço sendo ele muito mais de problematização do que de uma teoria. O espaço de problematização implica em teorias intermediárias, como propõe Braga, mas sem abrir mão da macro-análise e considerando as pesquisas de micro-análise que a área faz. Isso, de buscar a problematização numa questão comunicacional, e não buscar uma via que possa se constituir em disciplina. Essa é a minha maior preocupação perante este desafio, numa perspectiva pós-disciplinar (algo a ser melhor definido).

MA: O padre Dr. Bantu diz acompanhar e gostar muito do debate. Para nós que trabalhamos com tecnologia e midiatização, como você vê a midiatização nesse contexto epistemológico? A midiatização pode contribuir para a própria epistemologia do comunicacional? Qual é o tipo de contribuição dos estudos e das pesquisas em midiatização, realizados por acadêmicos da Unisinos, que desenvolvem esse tema e têm consolidado uma linha de pesquisa em processos sociais e midiatização? Como você vê essa possibilidade de a midiatização também ser constituída epistemologicamente? Quais são os desafios para a gente poder alcançar essa epistemologia da midiatização?

JF: De novo, outra pergunta daquelas que o cara chuta do meio de campo, e o goleiro está avançado, e tem que voltar na corrida (risos). O projeto que eu coordeno, organizado aqui na Unisinos, tenta resolver um problema de pesquisa que é histórico na área de Comunicação no Brasil. Há um trabalho de sistematização muito bonito, que é do Claudio Martino. Temos o Martín-Barbero e o Orozco Gómez, com toda uma interlocução que bate com as referências do Norte, por exemplo, os Estudos Culturais. No espaço da francofonia, por exemplo, os estudos no Norte têm percurso próprio. Há estudos de recepção, no Norte, em que não aparecem autores do Sul, muito raramente. Os estudos se diferenciam na questão dos usos do meio, da técnica e da recepção. E essas são duas perspectivas diferentes do que se fez no Sul. Os pesquisadores do Sul têm um reconhecimento muito forte, vamos dizer assim, no Sul. Não são citados pelos pesquisadores do Norte, de forma sistemática. Temos aqui o problema das formas de dominação na produção de conhecimento.

A midiatização se enfrenta com isso, ela tem um conjunto de estudos. Historicamente, Verón é um fundador. Mas isso não é reconhecido pelos pesquisadores contemporâneos do Norte. Me parece que isso é uma aberração. O conhecimento científico contemporâneo se desenvolve exatamente na perspectiva de superar o sociocentrismo.

O Verón é um “interfaceador”. Ele vai pegar a Semiótica, o Estruturalismo, o Interacionismo, entre outras pegadas. É interessante o percurso, por ele ter passado pelo Estruturalismo. Na França, é citado e

tem um grau de reconhecimento. Na fonte, o conceito de mediação, nessa linhagem do Sul, carrega consigo preocupações com a interação, do Pragmatismo norte-americano. Carregando consigo a interação, oferece uma perspectiva para o comunicacional.

E ao mesmo tempo, ele traz essa problemática da interação para uma interação que está mediada pelos meios. O que por um lado se entende a comunicação por interação, e por outro, entende-se a comunicação como interação mediada por meios. Essa tensão que vem da institucionalização do campo da comunicação nos Estados Unidos, a mediação, nessa linhagem do Sul, tenta resolver. Mas me parece que a solução ainda precisa ser aperfeiçoada. É necessário colocar questões trazidas por Ciro, Sodré, Braga, Lucrecia e outros, nos estudos de mediação, ou a investigação em mediação não aporta a reflexão do viver da espécie (ao mundo da vida, como dizia Habermas).

Temos, então, uma perspectiva mais interacional do Braga e a perspectiva do Fausto. Nessa interface, ainda estamos em percurso: em teses, dissertações etc. Como articular essa questão da interação com a questão dos processos práticos na perspectiva da mediação, é um problema do Sul. Ou, mais precisamente, como articular a questão da circulação (em que está também Ana Paula da Rosa) com a interação? Além disso, temos a problemática da construção social da realidade, o ambiente (abordagem do padre Pedro e de Sodré), e da desconstrução.

Esse não é um problema do Norte, que tem, nas versões recentes e nas anteriores, abordagens baseadas na Economia, na Sociologia, mais do que nessas perspectivas que eles denominam corretamente como semi-antropológicas. Mas essa diferenciação tem que ser feita com cuidado. O Norte também aborda a questão da construção social da realidade, dos ambientes, sem falar na conservação do debate da teoria crítica, incluindo a discussão importantíssima no contemporâneo, sobre as novas formas das indústrias culturais.

Então, a nossa abordagem da midiaticização tenta ir além de uma problematização das teorias sociais. Ao mesmo tempo, esse diálogo com o Norte é feito, porque a abordagem impregnada em teorias sociais nos enriquece, visto que eles têm uma preocupação muito forte em agendas, na pesquisa, nas questões sociais. Portanto, eles nos convocam a também dialogar com as Ciências Sociais do curso.

MA: Não tem como separar, não é?

JF: Exatamente. Então, veja bem como é difícil: há a interação, a análise de processos midiáticos e a análise de processos sociais. Nós também estamos aprendendo com o Norte. Se pegarmos, por exemplo, o percurso do Seminário de Midiaticização, dá para ver que nos deslocamos cada vez mais para uma tematização das questões sociais em curso, nas conjunturas... a questão da polarização, a questão das redes. Então, estamos escutando o Norte, e espero que o Norte também nos escute. Agora, a problematização que nós fazemos para o Norte é essa: o que é Comunicação na perspectiva dos processos que você analisa? Ou o que é circulação, produção, recepção? É um espaço de problematização, mais do que questões teóricas definitivas.

MA: Muito bem, professor. Caminhamos para o encerramento e temos alguns comentários.

João Damázio: Como você pensa a articulação da discussão epistemológica nos eventos e nas revistas da área? Estão suficientemente presentes?

JF: Oi, João, tudo bem? O João, junto com outros doutorandos e mestrandos, integra o Comitê Editorial Midiaticom, central no Seminário e na edição da Revista Questões Transversais.

A revista, agora, passou por uma grande atualização técnica e também teremos uma rearticulação. É uma revista com uma dedicação lindíssima dos doutorandos, a Luisa Staldoni, em especial. A revista está

no seu quadriênio. Ela é uma revista que tem algumas métricas, que conforme a área, são boas. Ao mesmo tempo que ela tem esse nome pomposo, “Questões transversais”, como uma revista de Epistemologia da Comunicação, e que assusta, aos poucos estamos conseguindo terminar com essa imagem devoradora das epistemes. Isso à medida que muitos enviam seus trabalhos, e a busca da boa forma editorial. É importante essa experiência, eu aprendo muito sobre como está se dizendo em cada momento.

Então, não vejo a revista QT como uma única questionadora das questões epistemológicas, pois existem várias revistas na área, e todas contribuem para a explicação da questão epistemológica, em maior ou menor grau. E, às vezes, tu encontras um artigo numa revista escondidinha no terceiro, quarto e até no quinto nível de avaliação Qualis. Um grande artigo do Braga está publicado *online*, sobre a questão do campo da Comunicação, numa revista que deixou de ser editada. Tem que ter muito cuidado com isso, para não reificar essa classificação das revistas da área. E é claro que, ao mesmo tempo, nós temos que considerar essas classificações, pois são formas sociais, muitas vezes questionáveis, de legitimação da área. A revista é um ponto de encontro entre pesquisadores. É claro que temos um artigo como o de Sodré. Agora, teremos uma edição específica sobre a despedida do Ciro Marcondes Filho. Nós temos um diálogo de GT de Epistemologia. Teve uma edição que foi de artigos da Compós, de comentários e de relatos. Agora, nós temos o Ângelo, o doutorando que já fez as entrevistas, e iremos começar a publicá-las. Ele trabalha como o nosso entrevistador. É um ambiente diferente de fazer perguntas. Então, é uma revista que, ao mesmo tempo, não segue um padrão editorial rígido. Apesar de ter indexadores de produção e de impacto, a revista trabalha com certa liberdade editorial. Tem alguns critérios de referência acadêmica e de produção de conhecimento fortes. Então, eu acredito que não pretendemos ser a referência das referências, mas uma das referências para se pensar sobre questões epistemológicas de área.

MA: E você tava falando da diferença, que também foi uma questão debatida no encontro anual da Compós de 2021, pela professora Lucrecia Ferrara.

JF: Há uma discussão e tanto aí! Eu não tenho resposta. Será que as epistemes que são herdadas do eurocentrismo ou desse percurso que é grego, latino e europeu, conseguem dar conta das questões da atualidade? Por que o campo científico institucionalizado não tem na sua bibliografia a vastíssima obra de intelectuais afros? São questões fortíssimas, são desafios que nós temos que tentar responder. Especialmente, num país como o Brasil, que é eurocêntrico somente na mente, porque as nossas antropológicas são, predominantemente, não euro, no ponto de vista prático dos corpos, dos afetos e da cultura, nós estamos muito longe de sermos um país euro. As epistemes euro são ideologias, portanto, no sentido de que correspondem ao real que nos constitui.

Nós temos que buscar epistemes que correspondam mais com o que somos. Uma herança da escravidão, do feudal, do colonial, do neo-colonial, desses encontros de corpos, de mentes tiranas, mas também das vias do amor. E nós precisamos de uma episteme que dê conta disso, e também trabalhar esses autores. Não no sentido de um antagonismo, por exemplo, de pegar autores africanos e largar a literatura constituída nesse percurso europeu. Eu sempre uso o Marx, por exemplo, mas ele era um nômade. Ele era um revolucionário num sentido profundo da palavra. Ele nunca deu aula numa universidade, porque ele foi recusado por suas ideias. A gente tem muita coisa avançadíssima, por exemplo, com a discussão de máquinas de terra e nomadismo... são caras, essenciais e são europeias. Olha o Peirce, o que é isso! Não se trata de colocar essa literatura riquíssima na lata de lixo, em nome de uma outra, mas também se trata de trazer essa bibliografia riquíssima, que está ligada às mutações da cultura, às nossas reflexões. Já que nós da Comunicação somos tão abertos aos livros, eu acho que é um desafio de nós dialogarmos com isso, de uma forma inovadora. Isso que aparece muitas vezes com antagonico nas Ciências Sociais. Conceitos como de Marcuse, a

dominação da natureza fundando a dominação entre os seres da espécie, ou de Habermas – bem-estar, ética e estética, podem ser descartados para pensarmos a nossa realidade? Ou, inversamente, são suficientes? Por que a ‘razão árabe’ é denegada? E as lógicas afros?

Uma das questões complexas são as próprias fundações do que chamam de modernidade. Minha hipótese, por exemplo, é de que a preparação intelectual da modernidade é moura, islâmica. Portanto, é africana, negra. É só visitar as gravuras da dominação moura no sul da Europa, na atual Espanha. São negros. Os sarracenos são negros. Eco inclusive fez parte do mito ocidentalista em o Nome da Rosa. Mas quando os livros estavam em mosteiros no ocidente cristão, eles estavam também sendo lidos, comentados, traduzidos, disponíveis em bibliotecas em Toledo, Córdoba e Granada. A intelectualidade europeia se forma aí. E, daí, funda algo diferente, chamado de indústria. Um debate central, o das máquinas algorítmicas.

O ocidente apagou isso, na esteira da inquisição, preâmbulo do ódio replicado na escravidão. E o mundo intelectual do ocidente reproduz isso, de forma docemente ingênua. Portanto, nossa ciência é ideológica.

MA: Não se trata mesmo, professor, de polarizar e de jogar no lixo todo o processo de conhecimento.

JF: Não, de forma alguma, até porque tu vais ter muitas dificuldades para aprender muitas coisas, e esses caras são geniais e essenciais... o Foucault, Bourdieu, a Teoria Crítica. O Habermas disse algum dia em algum lugar que “Não, a minha teoria tem uma validade para a Alemanha. Ela reflete muito mais as questões da Alemanha.” Eu acho que a teoria dele é valiosíssima para entendermos até mesmo o que vivemos por aqui. Evidentemente que temos que ponderar e sair do abstrato, e aplicar a teoria de uma forma linear leva a conclusões bizarras, mas todas as teorias que são aplicadas de forma linear... a teoria marxista, a teoria de Bourdieu, a teoria foucaultiana, nos levam a conclusões equivocadas. A formulação habermasiana é interessantíssima para compreender,

para elaborar e para dar inteligibilidade a muitos processos, porque eles foram acuados, de certa forma, por uma crítica que vem da teoria social. “não esse negócio que tu faz, é muito abstrato, vale só para a Alemanha”. Não, eu acho que ela tem uma validade, mesmo que não chame de universal, ela é riquíssima para várias situações, inclusive entre nós.

MA: Depende muito de como a gente se apropria dos conhecimentos.

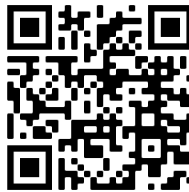
JF: Exatamente. A Comunicação gosta de usar e de se apropriar, então, como iremos fazer isso? Esse é o nosso debate permanente: se apropriou legal ou não. Olha só como a minha apropriação é mais bonita que a tua. Digo, a mais bonita no sentido de ser mais produtiva. A todo tempo, nós estamos discutindo isso. A maior parte dos pareceres se refere às apropriações de perspectivas teóricas e metodológicas.

MA: Gostaríamos de agradecer a sua presença e o seu rico depoimento sobre tantas questões relevantes e desafios que temos que enfrentar no campo comunicacional. Também agradecemos os participantes pelas questões. Com certeza, estaremos juntos na luta, no processo da construção de um conhecimento tão rico e plural, como é o comunicacional. Muito obrigada, professor.

JF: Muito obrigado aos formandos e aos colegas.

O POTENCIAL DA SEMIÓTICA PARA A COMUNICAÇÃO

Francisco Pimenta



MA: Hoje nós temos a alegria de receber o professor Francisco Pimenta, da Universidade Federal de Juiz de Fora, que tem uma participação muito intensa no GT de Epistemologia. Professor, poderia contar para nós o seu percurso acadêmico e como se aproximou da área da Comunicação? Você é especialista em Semiótica, área muito afim à Comunicação. Conte um pouco do seu percurso para nós.

Francisco Pimenta (FP): Muito obrigado pelo convite. É um prazer estar aqui com vocês para falar do GT de Epistemologia da Comunicação. O GT tem sido uma das minhas principais motivações já há alguns anos nessa questão da pós-graduação. Nós tivemos várias atividades relacionadas a ele. Como você disse, tenho uma participação muito intensa nele por causa do Jairo Ferreira. Ele foi quem me abriu essas oportunidades quando ele era o coordenador do GT.

Eu já participei doze vezes apresentando trabalhos, fui coordenador por dois anos, vice-coordenador por três anos e também par-

ticipei várias vezes como ouvinte. Já tinha participado da Compós em outros GTs também. O meu percurso acadêmico é relativamente recente, quer dizer... eu não fui só professor. Eu vim do jornalismo. Eu trabalhei no jornalismo por muito tempo. Fiz mestrado, doutorado. Depois que eu entrei para a Universidade Federal de Juiz de Fora, eu senti muita falta da pós-graduação, do ambiente de pós-graduação, de pesquisa. Então, minha principal tarefa na faculdade foi montar o curso de Pós-Graduação em Comunicação com o auxílio de vários colegas. Nós fizemos um grupo e, aos poucos, conseguimos montar o programa. Nesse período, comecei a frequentar a Compós que possibilitou várias dessas aproximações, sendo essas essenciais, sobretudo quando se está criando um Programa de Pós-Graduação. Então, essa foi a minha principal atividade nessa área e na faculdade de Comunicação.

Exatamente para criar o programa, eu acabei tendo uma participação política lá, de assumir a vice-direção, para abrir caminho para o programa. Isso também foi uma luta muito grande, porque tinha um grupo que já existia na faculdade quando eu cheguei, que tinha outras prioridades, então, houve uma certa dificuldade. E isso foi muito bom para a faculdade, porque hoje em dia nós temos quase todos os professores doutores. E tivemos uma parceria com a escola do Rio, a ECO, que formou vários docentes. Nós tivemos uma pós interinstitucional, que eu até fui o coordenador.

MA: A Faculdade de Comunicação da PUC Minas também fez esse interprograma com a UFRJ.

FP: O pontapé inicial para o nosso programa de mestrado foi essa parceria com o Rio.

MA: Inclusive vocês também têm o doutorado. É um programa com mestrado e doutorado, que também fez parte desse percurso que você mencionou.

FP: Isso é mais recente. Isso, agora, já foi mais o trabalho de outros colegas do programa. Eu já não estava mais à frente do programa quando nós conseguimos aprovar o doutorado. Mas foi uma coisa muito boa, porque um programa de uma cidade do interior conseguir ter um programa de doutorado não é comum. Assim, em Comunicação, são poucos. Então isso, é muito bom. Nós temos tido uma boa avaliação. Os alunos têm uma produção muito boa, e nós estamos conseguindo levar à frente essa tarefa aí. A Faculdade de Comunicação também recebeu, na gestão do governo Lula, um prédio novo, próprio, de vários andares, com muitas instalações, anfiteatros e laboratórios. Foi muito bom para a Pós-Graduação.

MA: A gente queria saber um pouco da sua compreensão, da sua perspectiva de Comunicação e como ela se aproxima da Semiótica, que é sua área. Como você compreende a Comunicação, em termos conceituais e da sua aproximação com a Semiótica?

FP: Eu tive muita sorte, lá na pós, quando comecei a fazer o mestrado na PUC-SP, onde todos estavam muito entusiasmados com Charles Sanders Peirce, da Semiótica. Foi um período no início da década de 1980. Eu tive o primeiro curso com a Lúcia Santaella, depois a Lucrécia Ferrara foi a minha orientadora. Tive aulas com o Décio Pignatari, com Haroldo de Campos... então, tive essa sorte de ter todos esses professores, e eu acabei gostando disso. Eu gosto de lógica. Eu estudei um pouco de engenharia antes de cursar Comunicação. Não completei o curso, mas eu gosto dessa área de lógica.

A Semiótica precisa um pouco disso. A Semiótica não tem uma boa aceitação na área de Comunicação um pouco por causa disso: o pessoal de Comunicação é mais da área de Ciências Sociais, não é tanto da Lógica. E a Semiótica exige um pouco desse pensamento. Eu tenho um pouco essa impressão. Mas, por outro lado, às vezes, fico um pouco pesaroso de a área não dar à Semiótica o seu devido valor, digamos assim. Até dá o valor, mas assim... tem pouca gente. Mesmo na Compós você

não vê quase ninguém trabalhando com a Semiótica. E ela poderia ser uma base, porque não existe Comunicação sem signos.

A Semiótica é a teoria dos signos. Então, nada melhor para a Comunicação do que estudar Semiótica. É claro que as teorias semióticas não são simples. Eu costumo falar para os estudantes que a culpa não é da Semiótica, nem do Peirce. O processo da comunicação é complexo.

Foi um erro terem acabado com o diploma de jornalismo, porque fica parecendo que qualquer um pode ser um jornalista, um comunicador. Não é assim. A Comunicação é uma tarefa muito complexa. Ela exige uma compreensão ética muito apurada, uma compreensão estética. E a ideia de que a Semiótica é a base da comunicação... ela não é muito bem compreendida na área.

É o que eu mais faço... desde o início, todos esses trabalhos que eu apresentei... hoje eu fiquei aqui relendo alguns porque... tem tanto tempo que eu nem me lembrava mais deles. O tempo todo eu fico nessa... como se fosse uma... é igual a Lúcia também.... tem um pouco isso... é como se fosse assim uma missão querer chamar a atenção para a utilidade da Semiótica para a Comunicação. É raro eu ter uma interlocução. Eu apresento o meu trabalho, as pessoas comentam, até gostam, mas assim uma interlocução propriamente dita dos pontos que eu espero que haja discussão é muito raro.

MA: Exatamente porque têm poucos estudiosos que se dedicam mais à Semiótica, não é Francisco? Isso também dificulta a interlocução. Considero que este é um problema mais amplo porque não é só da Semiótica. São as Teorias da Comunicação, a Epistemologia da Comunicação... Isso falando num âmbito mais amplo da graduação e mesmo até da pós-graduação. Há realmente uma incompreensão, como você disse, da importância de estudar a Semiótica em suas várias correntes. A gente tem várias perspectivas: Sociosemiótica, Semiótica da Cultura... enfim, eu não sou conhecedora, mas tem várias vertentes da Semiótica, e ela é fundamental para a compreensão das linguagens, das interações, da produção de sentido...

Eu queria, dentro dessa conversa nossa, ver um pouco a sua visão da Epistemologia da Comunicação. Desde a criação do GT de Epistemologia, que tipos de ganhos a gente teve nesse percurso? Pensar a Comunicação como uma área de conhecimento... Como você avalia esse processo?

FP: É interessante que isso que acontece com a Semiótica também acontece com a Epistemologia. A Epistemologia também, em termos do Campo da Comunicação, tem um pouco essa dificuldade. O nosso GT, por exemplo, durante muito tempo, teve uma certa pecha de ser uma torre de marfim, vamos dizer assim, que ficavam aqueles velhos lá falando aquelas coisas que não têm importância. Mas, foi curioso, porque quando houve a última reclivagem, que a Compós realiza de tempos em tempos, discutindo quais GTs vão continuar, o GT de Epistemologias foi o que teve mais votos.

Mas foi engraçado... é que não tem muito público e, às vezes, tem certos anos que a gente tem poucos trabalhos apresentados. Então, assim como há esse problema na esfera da Semiótica, existe também, eu vejo, um pouco esse problema em relação à própria Epistemologia da Comunicação. É uma certa incompreensão da área sobre a contribuição da Epistemologia. E a contribuição dela para a área é enorme, porque a nossa área ainda não está consolidada. Ninguém sabe ainda muito bem definir o que é comunicação. Aquilo que o Braga fica falando de desenranhar a comunicação das outras ciências...

Eu dei agora um curso de Epistemologia para o doutorado, em que tive a oportunidade de convidar todos esses grandes pensadores da área de Epistemologia do Brasil: a Lúcia, a Lucrécia, o André Lemos, a Immacolata, o Braga. E você vê como as perspectivas são diferentes. Nós não temos uma perspectiva muito, vamos dizer assim, articulada. E é isso exatamente o que a gente tem discutido lá no GT: a questão do campo, como propôs o Bordieu. Porque a Comunicação não se constituiu como uma área muito bem delimitada, assim como outras áreas do saber, que têm grandes autores que definem muito claramente quais

são fronteiras, qual é o propósito daquela área do conhecimento. A Comunicação já tem em si essas indefinições. Então, a Epistemologia da Comunicação deveria ser mais valorizada.

MA: Mas por outro lado, Francisco, a gente vê, por exemplo, no GT de Epistemologia, nos últimos anos... eu tenho observado isso, não posso dizer com muita propriedade, porque tem pouco tempo que eu entrei no GT de Epistemologia, mas tenho sentido assim... e esse dado que você me falou que o GT, na última reclivagem, teve maior votação, é muito significativo, porque percebo que há uma renovação. É um GT que está tendo um índice de renovação muito grande, quer dizer, você tem aquele pessoal que está desde o início e que se dedica ao GT como você, Signates, Braga, Jairo, Luis C. Martino, entre outros... mas está tendo uma renovação também. Eu acho que isso é muito positivo. Agora, a gente vive mesmo um dilema, a gente não tem um consenso em termos de pensar a Comunicação como ciência ou como campo. Há uma diversidade de abordagens sobre isso.

FP: Mas isso não é um problema. Essa discussão deve ser valorizada. Você vê, por exemplo, a situação que nós estamos vivendo na graduação, que é uma coisa que o Luís Martino até uma vez apresentou sobre isso lá no GT. Essa reorganização curricular da graduação, a meu ver, foi horrível: ter acabado com os cursos de Comunicação.

MA: Concordo plenamente com você.

FP: Porque é totalmente incoerente, tanto em termos da prática quanto em termos teóricos, porque a comunicação, com a digitalização, tudo está convergindo, então, nós deveríamos estar conversando em torno de várias áreas da Comunicação. Em termos de mercado de trabalho também. O mercado de trabalho está péssimo, então, nós deveríamos formar os nossos alunos para tarefas variadas e não para nichos de mercado. Então, isso foi uma coisa horrível que foi feita. Isso é falta de debate epistemológico.

Quando isso foi definido lá no MEC, isso foi definido sem debate nenhum. A comunidade acadêmica da Comunicação não foi consultada. Isso foi feito lá, com uns convidados lá... fizeram isso e agora quem sofre as consequências principalmente são os alunos e a sociedade brasileira, porque você tem profissionais formados para nichos específicos quando a comunicação pertence a um campo dialogante. Por causa da digitalização, você não tem mais esses nichos, você não tem mais o profissional que fala: “Eu vou ser o jornalista do impresso.” Quem for assim está perdido. Você tem que estar pronto para fazer todas as tarefas, porque os aparelhos já estão fazendo todas as tarefas ao mesmo tempo. Isso não existe. São debates epistemológicos que as pessoas não compreendem que atingem diretamente a vida delas. Elas deveriam pensar que a Epistemologia da Comunicação é uma coisa muito séria.

MA: Então, Francisco, você está dizendo uma coisa que é muito interessante e importante, porque esse novo currículo, ele veio de uma forma bem vertical. Não houve esse debate. Eu acho que é muito preocupante que a formação está cada vez mais redutora, bem específica, sem fazer esse diálogo com outras perspectivas humanistas, éticas... ainda que tenham algumas escolas que procuram manter e fazer esse diálogo. Ainda assim, no geral, a gente se preocupa muito, porque é uma visão de curso, de formação muito pobre do que a sociedade está demandando, do que o próprio mercado profissional está demandando. Então, eu acho que é um retrocesso que a gente tá vivendo.

FP: Eles deveriam até ter criado esses cursos etc., mas eles não poderiam ter proibido os cursos de Comunicação. Isso é que foi o pior: proibir os cursos de Comunicação. Tivessem ao menos deixado a possibilidade de ter algum... que é engraçado, porque eles estilçaram a formação da graduação, mas a pós-graduação é em Comunicação. A pós-graduação, só tem aquela lá de Santa Catarina, que é de jornalismo profissional, mas os Programas de Pós-Graduação do Brasil, todos os mestrados, são mestrados em Comunicação: Comunicação e Sociedade, Comunicação e Cultura etc., mas é Comunicação. Então, é mais uma incoerência do MEC quando faz isso.

MA: Exatamente. Vai contra inclusive uma das diretrizes da própria Capes, do CNPq, de você ter uma articulação com a graduação, uma articulação com a extensão. Hoje, está se demandando muito isso, mas a forma como estão estruturadas as habilitações da área não possibilita tal articulação, porque vão se distanciando, cada vez mais, de uma formação mais ampla.

Então, Francisco, uma última questão que a gente gostaria de ouvir você é sobre os principais desafios que você vê hoje no campo da Comunicação, tanto do ponto de vista... eu acho que você já tem falado disso, mas, assim, pra fechar a nossa conversa, quais seriam esses desafios, quais são as potencialidades de a gente avançar epistemologicamente e pedagogicamente na formação? Você vê horizontes e possibilidades pra isso nesse momento que a gente está vivendo? Como você está percebendo essa nossa caminhada, em termos dessa construção, de uma área de conhecimento e pensar de uma forma convergente? Que tipos de desafios você vê pra gente conseguir alcançar essa visada mais abrangente?

FP: Eu acho que o GT tem contribuído bastante para isso. Isso é uma luta constante. Nós estamos passando por um período muito difícil, mas já passamos por outros períodos difíceis também, e conseguimos passar por eles. São desafios que não estão acontecendo só aqui. E você percebe que essa questão da Comunicação é uma discussão internacional também, não é uma questão só do Brasil. Você vê que no mundo, hoje, em termos de grandes autores da Comunicação, há muito tempo que nós não temos discussões, como diz o Braga, propriamente comunicacionais muito claras. O que nós temos de contribuições mais relevantes vêm, em geral, de outras áreas.

Então, essa crise do pensamento comunicacional não é apenas brasileira. Ela é gerada também por causa dos avanços tecnológicos, porque o avanço tecnológico, derivado da digitalização, impactou for-

temente todas as áreas, mas a nossa principalmente. Há várias áreas que foram impactadas muito fortemente: a Computação, as altas tecnologias, a Engenharia... algumas áreas foram muito impactadas. A Comunicação é uma delas, então, você precisa se readaptar. E a Comunicação, eu vejo em muitos aspectos, é muito apegada à perspectivas muito antigas e já sem respostas para esse novo ambiente. A gente vê mesmo aqui no Brasil como que o país foi surpreendido por essa manipulação das redes sociais que aconteceu na última eleição. Não foi só aqui. Continua acontecendo, mas aconteceu também nos Estados Unidos, na Inglaterra, que são países muito cultos, de uma população muito mais educada do que a nossa. Eles também foram muito manipulados.

Então, são novas técnicas de micro direcionamento digital que, agora, no último congresso da Compós, no GT, apareceram dois trabalhos de novos alunos tratando desse tema da intersecção da Comunicação com essa questão dos dados, do *Big Data*, do processamento de grande massa de dados e algoritmos. Então, isso aí é uma discussão inescapável e essas questões... outro dia até eu dei uma entrevista para uma revista lá do Sul, uma pessoa me perguntando sobre metaversos. É uma coisa que as grandes companhias estão agora investindo muito nessa criação de mundos virtuais, realidade aumentada, por causa dessa situação que nós estamos passando. Quer dizer, essa nossa interface, aqui, que nós estamos nela nesse momento, é muito precária. Já avançou muito. Na época do mestrado, eu fiz curso lá na USP, sobre teleconferência, era uma coisa antiquíssima. Era um procedimento por meio de televisão banda larga, caríssimo. A Embratel chegou a fazer um sistema, que você alugava salas... era tudo muito complicado. Agora, hoje em dia, a teleconferência é muito simples. Qualquer um pode fazer teleconferência. Porém, essa interface aqui, é uma interface que ainda precisa ser muito melhorada. Então, esse é outro desafio muito grande para a nossa área, a digitalização.

Letícia Perani: Minha primeira aproximação com a Compós foi estudando os textos do GT de Epistemologia com o prof. Chico em suas atividades no PET-Facom/UFJF - uma geração de pesquisadores foi formada por ele.

FP: A Letícia foi nossa aluna de iniciação científica e agora é professora do instituto de artes daqui da Universidade Federal de Juiz de Fora. Ela pesquisou sobre essa questão dos jogos eletrônicos e tem uma tese de doutorado excelente sobre essa questão dos jogos. E ela tem esse diálogo conosco já há muito tempo.

José Luiz Braga: Chico, considerando a grande diversidade de abordagens da comunicação (válidas, ainda que incompletas ou de abrangência parcial), como obter diálogo entre visadas diversas?

FP: Eu acho que um dos caminhos é esse, né, Braga? Que a gente tem utilizado, que é a discussão, a compreensão mais profunda das nossas próprias linhagens. É o que sempre falo para os estudantes de mestrado e doutorado. No mestrado, nem sempre isso é possível; mas, no doutorado, é imprescindível que tenham consciência das linhagens das quais retiram as suas referências. Então, eu acho que o caminho para isso é compreendermos melhor de onde vieram as nossas concepções, ter exatamente esse papel que o GT de Epistemologia faz. Por isso, acho muito interessante esse trabalho do GT, porque é muito importante a gente compreender que os autores contemporâneos têm uma história em termos do pensamento, e precisamos compreender esses diálogos para que essas diferenças sejam mais bem compreendidas e sejam buscadas possíveis aproximações ou não, porque não é obrigatório que nós tenhamos visadas hegemônicas...

É o que eu sempre discutia com o Ciro Marcondes Filho, que ele ficava criticando muito o Peirce... e eu ficava brincando com o Ciro que muito das coisas que ele falava tinham uma relação enorme com as coisas que o Peirce também falava, apesar de as perspectivas serem

muito diferentes. Mas muitas coisas eram próximas. Não tinha sentido ele ficar com uma resistência tão grande assim a essa teoria. Inclusive, eu fiz um artigo sobre isso, que foi publicado lá na revista que a Irene Machado era editora lá na USP, falando dessas aproximações.

Jairo Ferreira: Como relacionar a lógica algorítmica com a lógica semiótica de Peirce?

FP: O Peirce era uma pessoa muito diferente. Ele era uma pessoa, assim, de múltiplas capacidades. E era também matemático. Então, essa relação é a Matemática, Jairo, você sabe. A base da Semiótica é a Matemática, e a base das teorias informáticas, da computação, de onde vêm os algoritmos, também é a Matemática, porque ela é a ciência que trabalha com uma lógica que prescinde dos objetos. Então, ela se constitui como uma base lógica que é fundamental para qualquer outra lógica que você venha a desenvolver. E o Peirce falava isso.

O pai dele foi um dos maiores matemáticos da história dos Estados Unidos. Eles moravam em Boston, e o pai dele era professor de Harvard. Então, a casa deles era frequentada pelos grandes teóricos daquela época. E ele cresceu muito dentro desse âmbito da Matemática. Inclusive os *Collected Papers*, que são a primeira edição organizada dos trabalhos de Peirce, que são oito livros de quatro volumes de dois de cada um, têm alguns volumes que são dedicados às questões matemáticas. E essa é a relação primordial entre essas lógicas.

Todas as lógicas teriam uma compreensão matemática do mundo. Por isso, o Peirce chamou as suas categorias de categorias cenopitagóricas, porque ele concordava com Pitágoras que a compreensão matemática do mundo ajudava a analisarmos os fenômenos. Por isso, as suas categorias são a primeiridade, a secundidade e a terceiridade. E elas têm essa configuração fractal: a primeiridade está dentro da secundidade; as duas estão dentro da terceiridade; mas a secundidade tem a primeiridade dentro dela; a terceiridade tem a primeiridade e a secundidade

dentro dela. Então, essa lógica matemática é intrínseca à Semiótica, no Pragmaticismo do Peirce, e também na lógica algorítmica, que é uma lógica muito mais simples. Não devemos nos esquecer disso, porque a lógica dos computadores, não sei se vocês sabem, foi feita por um semiótico, que foi o Chomsky. Quando eles foram fazer as primeiras linguagens de computadores, eles chamaram as pessoas da Semiótica para fazer as linguagens, porque são linguagens. A gente fala de linguagens na informática, e as pessoas esquecem. A linguagem é a área da Semiótica. Mas as primeiras linguagens eram muito básicas, baseadas na ideia do *if then else* (se então ou). Hoje você tem lógicas bem mais complexas de processamentos paralelos, os supercomputadores, que são áreas absolutamente complexas, mas também derivadas da lógica matemática.

A grande questão da pesquisa científica é que temos de estar abertos à indagação. Temos que estar prontos para convivermos com a indeterminação. O pesquisador não pode ser uma pessoa presa às certezas. Isso é outro desafio da Comunicação, porque estamos vivendo muito esse impacto do construcionismo e essa ideia da realidade construída. Então, existem muitos trabalhos que saem de um ponto de vista e chegam ao mesmo ponto de onde partiram. Isso não contribui em nada. Não há descoberta. A descoberta vem da abdução, que é uma área da dúvida.

O GUARDIÃO DE QUESTÕES PROPRIAMENTE COMUNICACIONAIS

Vera França



MA: Vera, a gente gostaria de perguntar um pouco sobre o seu percurso acadêmico. Como foi essa história? Como você se aproximou do campo da Comunicação?

Vera França (VF): Antes de tudo, eu gostaria de agradecer o convite, dizer que é uma alegria estar com vocês, e parabenizar pela iniciativa. Eu já ouvi várias das *lives* que vocês fizeram e acho que estão acumulando um material muito significativo para a área. Eu estou muito feliz de participar desse painel com vocês.

A minha história na área de Comunicação começou meio por acaso. Eu vim para a Comunicação muitos anos atrás, quando me preparava para fazer a universidade. Eu ia cursar Letras, pois tinha afinidade com o campo das linguagens. Eu também gostava de História e transitava nesse campo das Ciências Sociais. Nesse período de decisão, Lélío Fabiano criou na PUC Minas o primeiro curso de Comunicação em Belo Horizonte, onde eu moro. Quando saiu o edital para a seleção, o próprio nome do curso me atraiu, mesmo sem eu saber bem o que era.

Essa ideia da comunicação como ligação, como encontro, como espaço de entendimento e desentendimento que contém a vida social era o que me atraía. Então, como eu falei, meio sem saber, eu me entusiasmei por esse curso quando ele foi lançado. Eu fiz parte da primeira turma de Comunicação da PUC Minas, com habilitação em Jornalismo. Fui colega do Zé Milton. O meu interesse era de fato a área comunicacional. Portanto, ao terminar, eu não pensei em ir pra área do mercado de jornalismo. Eu passei direto para o mestrado, por acaso.

Estava sendo criado o mestrado de Comunicação na Universidade de Brasília (UnB), e eu fui para Brasília, para ver que mestrado era aquele. Fui pioneira no mestrado de Comunicação da UnB. Tive como colega o Antônio Fausto Neto, entre outros. Interessante que o Fausto Neto tinha sido um jovem professor aqui na PUC Minas e, depois, fomos colegas no mestrado. Com o mestrado em Comunicação, acabei indo para a área docente. Não era exatamente um projeto que eu tinha pensado antes, assim... dar aula. Mas, depois do mestrado, o local de trabalho que eu achei mais imediato foi dar aula. Então, voltei para Belo Horizonte. Dei aula, de início, na Newton Paiva, depois fiz concurso da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e lá se vão 40 anos. Já como professora da UFMG, no final dos anos 1980, fiz um doutorado com o apoio da UFMG e bolsa da CAPES na França. Depois, um pós-doutorado. E é isso.

MA: Vera, gostaríamos de saber como você entende a comunicação e como o Pragmatismo tem contribuído para entender a comunicação como processo comunicacional.

VF: Há um texto do Paul Ricoeur que eu gosto muito. Ele fala sobre esse mistério que é a comunicação. Ele fala que o natural seria a incomunicação. Quando a gente pensa em cada indivíduo como uma entidade fechada, digamos assim, cada indivíduo nos seus sentimentos, no seu pensamento, o natural seria a dificuldade do contato, do encontro com o outro. Então, essa impossibilidade ou essa incomunicação

esperada é superada por conta de alguma coisa quase mágica, que é a linguagem. Assim, entendo a comunicação como essa possibilidade, esse intercâmbio, essa interação entre duas ou mais pessoas, esse partilhamento e construção conjunta de sentidos que se dá por meio da linguagem. Para mim, comunicação é interação. Comunicação é estar um com o outro.

O pragmatismo chega um tempo depois. É interessante como chegam autores, escolas e teorias em cada momento. Há períodos em que alguns são meio moda. Quando fiz graduação, no início, era a Escola de Frankfurt, era Adorno, a Indústria Cultural... No meu mestrado, já era Paulo Freire, no final da década de 1970, dialogismo, comunicação horizontal, comunicação comunitária. No doutorado, com o Michel Maffesoli, veio o tema da sociabilidade, que ele chama de socialidade. Então, veio muito ao encontro do que eu buscava na comunicação. Maffesoli fala da socialidade como o societal em ato, como o estar junto. Essa foi um pouco a ênfase de como é que a comunicação está no âmago da vida social, da cultura, da tradição que uma determinada sociedade desenvolve.

A minha tese foi sobre a relação entre o jornal Estado de Minas e a mineiridade como características da cultura mineira. No pós-doutorado, em 2005, 2006, fui trabalhar com o Louis Quéré em Paris. Eu já conhecia Goffman, alguma coisa da Escola de Chicago, do Interacionismo Simbólico... mas foi com o Quéré que tive um contato maior com os fundamentos do Interacionismo Simbólico, corrente ligada ao Pragmatismo, vinculado ao pensamento de George H. Mead e John Dewey. Trata-se, então, de uma escola de pensamento, de um modelo de ciência que tem a nossa ação no mundo como ponto de partida. Assim, eu me interessei por esse caminho e senti grande afinidade por esse tipo de indagação, que parte da nossa experiência e dos desdobramentos da experiência. Essa perspectiva também considera a comunicação como esse elemento que nos possibilita organizar a experiência, partilhar e viver junto com os outros. Desse modo, o Pragmatismo veio do contato com esses autores americanos do século passado a partir do Louis Quéré e da leitura que ele e outros franceses vêm fazendo.

MA: Nós estávamos conversando antes sobre um projeto que você vai desenvolver sobre o Pragmatismo. Poderia nos contar um pouco sobre esse trabalho?

VF: Não é nem muita novidade não porque a ideia desse projeto é um aprofundamento de um trabalho, de uma linha de estudo que eu fazia com a disciplina de Teorias da Comunicação que leciono na Pós-Graduação em Comunicação na UFMG. Tradicionalmente, já há alguns anos, mais de 20, tenho bolsa do CNPq. O projeto que a gente envia é um projeto de pesquisa empírica, relacionando com coleta de dados, com o estudo de algum caso, de alguma situação específica. Neste ano, resolvi mudar, fazer um projeto mais teórico que era um aprofundamento desses autores do Pragmatismo que eu vim lendo e me apropriei nas pesquisas, nas disciplinas. Nós não temos uma tradução muito clara do Pragmatismo aqui no Brasil para a área da Comunicação: a contribuição que esses autores clássicos e depois os desdobramentos que eles alcançaram.

Eu acho que eles são estudados na Filosofia, na Educação; o Dewey, na Psicologia, mas na Comunicação não tem muita coisa. O Goffman é um autor mais conhecido, mais utilizado pelos pesquisadores, né? Mas a contribuição do William James, do Mead, e de outras escolas e de autores subsequentes, não está disponível uma releitura voltada para a Comunicação. Então, a minha proposta foi essa: rever os autores, trazer essa indagação e essa apropriação. Não é um estudo dos autores em si, das obras deles, mas uma apropriação da contribuição que a reflexão deles pode trazer para a Comunicação.

Como tudo pode se complicar, ao fazer o projeto, fiquei pensando em como a nossa área e a ciência de modo geral é atravessada por certas tendências e modismos teóricos. A questão dos últimos anos é a decolonialidade. Então, quando eu fiz esse projeto teórico sobre uma escola americana, americana com a releitura de alguns europeus, franceses e alemães, fui tocada por essa crítica que o pensamento colonial traz, que é a decolonialidade epistemológica. Desse modo, me questionei

em que medida falar sobre o Pragmatismo é estar de alguma maneira trabalhando com uma perspectiva não só externa, mas quem sabe, avessa ao nosso contexto sócio-histórico.

Ao estudar o Pragmatismo, então, eu me coloquei esse desafio de refletir criticamente em que medida essa apropriação é possível, é adequada e propicia um patamar e os fundamentos, não para uma repetição teórica que a gente pega um modelo e aplica de novo, mas para aquilo que ele nos incita. Trata-se de partir da prática, da nossa ação no mundo. Portanto, tendo a pensar que ele não é avesso a uma leitura contextual e, inclusive, a uma perspectiva histórica, embora o Interacionismo Simbólico tenha se desenvolvido em outros lugares, por outros caminhos. Mas eu coloquei esta indagação como desafio: essa matriz que se mostra produtiva e rica para pensar a comunicação é adequada para um pensamento comunicacional brasileiro, para uma leitura de uma realidade comunicacional brasileira, latino-americana, de um país marcado por desigualdade, por desequilíbrio de poder, por diferentes formas de dominação? De uma forma bem sintética, o projeto vai por aí.

MA: Que interessante, Vera. E é uma questão que você vem refletindo desde os textos de 2001. Inclusive eu trabalhei com um texto seu na minha tese, falando do modismo teórico. Como a Comunicação é muito suscetível ao modismo, não só do mercado, das tecnologias, mas também teoricamente. Essa reflexão promete muito e estamos com grande expectativa de publicações futuras a respeito dessa pesquisa. A decolonialidade é uma coisa da moda no momento. É muito importante que a gente faça uma reflexão crítica e contextualizada sobre esse modismo, de forma produtiva, que possa contribuir para o pensamento comunicacional brasileiro.

Agora, queremos entrar no terreno do objeto da Comunicação. Em textos iniciais, você trata desse objeto de forma muito interessante, o que provocou várias discussões. Até hoje, os seus textos são utilizados na graduação e na pós-graduação discutindo essa

dimensão do objeto, o que é afinal esse objeto da Comunicação, a comunicação como objeto. Você faz um jogo no título do seu texto e depois atualiza. O que a gente quer saber é o seguinte: quais são as principais mudanças hoje, em 2021, em relação a essa discussão do objeto comunicacional? Como você encara essa questão hoje?

VF: Olha, eu não sei se houve muita mudança nessa discussão sobre o objeto. Talvez, ele esteja menos na ordem do dia e essa discussão tenha ficado mais serena e até tenha se tornado só um pano de fundo. Ela foi muito forte, exatamente como você lembrou, no início do ano 2000, relacionada com razões políticas, que sempre pautam as nossas questões. A Capes estava preocupada com uma boa avaliação dos Programas de Pós-Graduação, e isso estava relacionado com a questão da pertinência à área, isto é, do tratamento comunicacional dado aos objetos da área. Naquele momento, a pós-graduação foi sacudida por um representante da área que, de alguma maneira, criticou que ela produzia teses e dissertações quase sobre tudo e muito pouco sobre a comunicação. Então, essa crítica, de que a gente fazia muita coisa e nem tanto comunicação, colocou a discussão do objeto na ordem do dia.

Naquele momento, nós discutimos essa questão do objeto e, de alguma maneira, permaneceram duas grandes concepções. Uma que associava o objeto da comunicação ao objeto empírico, às técnicas e às práticas especificamente comunicacionais: jornal, televisão, *internet* e redes sociais. E uma outra perspectiva, que pensa o objeto da Comunicação como as interações comunicacionais, como esse estar com o outro, essa forma de ligação mediada pela linguagem. Sendo assim, o objeto da Comunicação, diferente do objeto empírico – pois o objeto de estudo não se confunde com o objeto empírico – pode ser aplicado a diferentes empirias, a exemplo do campo tecnológico, que tem um grande protagonismo no cenário atual.

De modo geral, as indagações, a questão comunicacional, a problematização comunicacional podem se dirigir a quaisquer situações sociais. Eu acho que isso está colocado hoje com mais serenidade porque,

lendo os trabalhos que são apresentados nos eventos da área ou as teses e as dissertações nos programas, a gente vê uma grande maioria de estudos sobre a comunicação midiática, mas também sobre outros objetos: a comunicação da rua, os embates políticos que passam pela mídia, pelas redes sociais, mas também por outras formas de estar junto. Então, essa concepção mais alargada da comunicação, sem deixar a indagação sobre o campo comunicacional de lado, está colocada com mais tranquilidade. A gente não tem medo das empirias e aprendemos a formular as nossas questões comunicacionais para diferentes contextos empíricos.

MA: É um certo amadurecimento mesmo. A gente não tem mais aquele furor da discussão. Era um embate.

VF: Era um embate isso de falar assim: será que isso aqui é comunicação, será que eu estou fazendo outra coisa? Há um contexto institucional, e a gente responde pela construção de um domínio disciplinar. É uma vigilância que a gente deve ter com os alunos e as alunas, orientandos, orientandas... eu acho que a gente tem que estar atento para isso: estamos fazendo perguntas comunicacionais? Mas, assim, deixou de ser uma espada na nossa cabeça... deixou de ser uma obsessão... e aí, às vezes, até de uma forma mais leve, a gente consegue perguntar como é que a questão comunicacional, a dinâmica discursiva, o simbólico, a construção da interlocução, da relação com o outro, como é que se dá em diferentes situações.

MA: Voltando para a Epistemologia da Comunicação, para o GT de Epistemologia da Comunicação da Compós, a gente gostaria de ouvir um pouco a avaliação que você faz do seu percurso nesse GT. Engatando com outra questão: quais seriam, a seu ver, as contribuições do GT para a formulação do pensamento comunicacional?

VF: Eu assisti as outras *lives* e, sabendo que a temática deste projeto é em torno do GT de Epistemologia, fiquei pensando como responderia essa questão porque eu sou meio nômade na Compós. Eu fui

uma das fundadoras do GT de Epistemologia. Como professora de Teorias da Comunicação, sempre tive um pé nesse campo epistemológico e um grande interesse por isso. Então, quando surgiu a ideia de criar um GT de epistemologia, eu estava nessa discussão e fui uma das signatárias, participando desde o início do GT de Epistemologia.

Depois disso, eu andei indo e voltando. Na minha vida de pesquisadora, nas minhas leituras, tenho um pé em cada lugar: um pé nessa área da teoria, da epistemologia, e inclusive é onde esse projeto que enviei ao CNPq está situado, e que está relacionado com a minha trajetória de professora porque, desde que eu me lembro, eu fui professora de Teorias da Comunicação. Agora eu até já deixei. As disciplinas que eu dou são outras. Então, eu tenho esse lado, e esse lado me atraía pro GT. Mas, por outro lado, e isso tem a ver com a minha afinidade, com a questão do Pragmatismo, eu nunca fui uma cientista propriamente dito. Se as teorias me atraem, elas me atraem, sobretudo, como lentes para olhar para a realidade. Assim, o lugar da experiência, o lugar da prática, dos embates, o lugar onde a comunicação se realiza ou não se realiza, onde a interlocução flui ou a interlocução é travada pelos diferentes cenários da vida social é onde está calcado o meu outro pé.

Às vezes eu vinha para o GT de Epistemologia, mas, assim, eu passeava em outros. Já fui em vários, com mais frequência no GT de Sociabilidade, que está relacionado com a área de concentração aqui do nosso programa, com o Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS), e com aquela indagação inicial minha, onde eu comecei e fiz a escolha pela comunicação. A comunicação como esse liame social, como esse estar com o outro. Digo isso para explicar que não sou uma participante muito fiel do GT de Epistemologia.

Isso dito, eu acho que o GT é da maior importância. Eu acho que o espaço dessa reflexão é imprescindível. Nós temos que ter os homens e as mulheres que se detêm nessa discussão mais conceitual, nessas condições de criação do conhecimento específico sobre a comunicação, e eu acho que o GT vem cumprindo esse papel. Ele acolhe diversos olhares,

diversas tendências, mas, ao mesmo tempo, ele zela por aquilo que o José Luiz Braga fala do propriamente comunicacional. Então, eu acho que o GT de Epistemologia tem um pouco esse papel de guardião. Assim, ainda que, por vezes... vou confessar... ficar só no GT de Epistemologia pra mim parecia um pouco... me perdoe... árido. Eu gosto de ser bagunçada, tensionada pelos objetos. Eu acho imprescindível esse trabalho de depuração, de aperfeiçoamento dos nossos instrumentos cognitivos que o GT faz. Nós temos a felicidade de ter um grupo grande de pesquisadores que têm se dedicado a esse lugar, inclusive o seu grupo, que tem feito um trabalho importante, uma contribuição grande nessa reflexão.

MA: E é importante, né, Vera? Para a formação também das novas gerações de pesquisadores, de refletir mesmo sobre o lugar da comunicação, o que é a comunicação, quais são as perspectivas... conhecer profundamente o nosso campo, destrinchando... como diz o professor José Luiz Braga, desentranhando o comunicacional... nessas diferentes empirias, diferentes objetos, diferentes olhares. O GT realmente cumpre essa função.

Voltando para a questão do campo comunicacional, quais seriam os principais desafios que enfrentamos hoje? Em que medida podemos falar de um pensamento comunicacional brasileiro? Há alguma especificidade e singularidade desse pensamento?

VF: Em uma das primeiras questões, você me perguntou sobre um projeto que tenho desenvolvido nos últimos anos sobre os fundamentos teóricos e as fontes teóricas que sustentam a pesquisa da comunicação no Brasil. Foi um projeto grande, que já deu frutos. No momento, interrompemos um pouco. A gente estava fazendo um levantamento das referências teóricas que eram acionadas pelos trabalhos apresentados em diferentes GTs da Compós de 2005 a 2015. Fizemos um levantamento das referências utilizadas.

Pela prática, a gente tem duas constatações. Primeiro, predominam autores estrangeiros, os grandes nomes das Ciências Sociais, os grandes pensadores. Não são nem autores propriamente comunicacionais. Interessante isso. São filósofos, sociólogos, cientistas políticos, as principais referências da nossa área. Então, essa é a primeira constatação: a maior parte das referências é estrangeira e as referências são interdisciplinares. No entanto, o nosso *corpus* foi até 2015. A gente teria que atualizar os últimos seis anos. Mas nos surpreendeu que não havia tantos novos autores.

Nós que somos professores e professoras de Teorias da Comunicação temos um elenco de autores e de escolas com as quais trabalhamos. Temos algumas escolas ou referências que já são, de alguma maneira, clássicas e fazem parte de um repertório. Então, a gente já tem esse quadro, e a indagação, quando nós iniciamos o projeto, dirigido por mim e pela minha colega, Paula Guimarães Simões, era: quais são as novas fontes teóricas, as novas referências? Não foram novas. Foram as de sempre. Esse foi um segundo achado. Não é nada surpreendente, mas, de alguma maneira, dá um certo desapontamento.

O desafio teórico e o desafio de realidade, vamos por parte aí. O desafio teórico é ampliarmos as nossas referências, buscarmos novas leituras e novas construções para darmos conta dos desafios e, sobretudo, valorizar mais uma produção nacional. Os Programas de Pós-Graduação, os pesquisadores e as pesquisas brasileiras, a gente alcançou uma produtividade grande, mas a circulação e a reciprocidade de leitura entre nós não foram tão grandes. Precisamos valorizar mais a produção brasileira, precisamos conhecer mais. Então, eu acho que os resultados daquela pesquisa apontaram para isso, esse desafio de buscarmos novas referências e de nos voltarmos mais para a literatura brasileira.

Eu acho que existe um outro desafio que está colocado para o campo: compreender melhor a nossa realidade. É esse que me incomoda e vou te dizer até que me dói mais. Nós estamos vivendo situações completamente... não só inesperadas, mas, assim... impensáveis há uns tem-

pos atrás. A situação política do Brasil, a eleição desse senhor que está na presidência da república, fazendo as coisas que faz, dizendo as coisas que diz... como é que esse senhor foi eleito e como é que ainda tem seguidores? É uma questão colocada para nós. Aquela velha questão da manipulação nos anos 1970, quando a moda era o Adorno. A gente falava da manipulação, da massificação, da alienação. Depois, com a ideia da recepção crítica, a gente meio que descartou esse conceito da manipulação.

O cenário que a gente está vivendo certamente não é tirar do armário de volta o conceito da massificação do jeito que ele era, mas nós temos que compreender o quê que leva as pessoas a... não só na questão da eleição dessa figura, mas, assim... atitudes e defesas de valores, de questões e de posições conservadoras, reacionárias, perversas... como é que isso que a gente julgava a coisa ultrapassada ou inexistente... essas questões voltaram, então, é indagação para nós... que imaginário é esse, que cenário discursivo é esse do qual as pessoas estão bebendo e falando... o quê que alimenta esses discursos de ódio, de intolerância? Que cultura brasileira é essa que dá vazão a esse tipo de atitude, a esses comportamentos, a esses preconceitos, aos clichês? A questão das falsidades, das inverdades...

O outro desafio, e é esse que está colocado para nós como premissa mesmo, é conseguir explicar o que está acontecendo. Eu sempre falo para as orientandas e para os orientandos... com isso de novo, é o meu viés pragmatista: a gente tem que ler e compreender os conceitos. Não para fazermos um belo capítulo de fundamentação teórica. Isso não é para mostrar erudição. As teorias e os conceitos servem para iluminar o nosso olhar e a nossa leitura da realidade, para problematizar, para tornar mais inteligente, mais sensível, mais finas as nossas perguntas. Nós temos que saber perguntar, então, precisamos das teorias e dos conceitos para isso: para perguntar e para compreender isso que está acontecendo. Então, eu acho que esse é o grande desafio: explicar como que nós chegamos nisso aí e que quadro é esse que estamos vivendo.

MA: E como sair dele também, né, Vera? Muito obrigada pelas questões colocadas e que são realmente muito desafiantes para nós todos: pesquisadores, estudantes e profissionais de comunicação. É um desafio mesmo a gente fazer essa revisão crítica das próprias teorias, porque ficamos voltando ao modismo, de achar que essa teoria e esse conceito não têm nada a ver com a realidade. Não, é fazer uma leitura atualizada, recontextualizada desses conceitos.

VF: Permita-me interromper. Um conceito que voltei a trabalhar nos últimos anos e que tinha saído de cena é o conceito de ideologia. Em algum momento, nós abandonamos o conceito de ideologia, e não podemos. O conceito de ideologia é fundamental para ler esse momento nosso. Talvez, a geração de profissionais que está aí foi formada por nós nesse período em que negligenciamos essa formação mais crítica, a questão ideológica, a questão dos projetos de dominação dos quais a comunicação não só faz parte, mas é central. Essas questões se colocam nessa perspectiva crítica. Então, por alguns anos, nessas guinadas teóricas, fomos para outros campos, ricos, muito ricos, mas negligenciamos esse tratamento da relação entre comunicação e dinâmicas de poder. Esquecemos do conceito de ideologia, do conceito de hegemonia e agora a gente corre atrás disso.

MA: Vera, infelizmente está chegando no final, mas, agora, a gente vai abrir para a participação dos presentes na *live* e agradecer novamente. Então, está aberta a discussão com os participantes.

Weberson Dias: Gostaria de saber se a professora já chegou à conclusão quanto ao atual paradigma da comunicação, levando em consideração a comunicação como processo.

VF: Olha, eu mantenho o mesmo paradigma interacional porque ele responde bem. Interessante você fazer essa pergunta porque eu já escrevi sobre isso e voltei a essa questão agora, quando eu fui tratar do Pragmatismo. Quando a gente vai fazer uma pesquisa, tratar um pro-

blema comunicacional, nós nos situamos num campo, numa disciplina, que é a Comunicação, portanto, o que nos dirige é um olhar comunicacional, não o paradigma comunicacional. Uma certa concepção de comunicação é o que nos orienta. De um lado, a gente está assentado, na maioria das vezes, de forma meio invisível, em alguma das correntes de pensamento da ciência. No meu caso, é o Pragmatismo. Essa corrente nos orienta, no GRIS, a tratar, a focalizar muito esse lugar da prática.

Mas, assim... a gente pode estar em outro lugar. A gente pode estar assentado na Fenomenologia, a gente pode estar assentado no Funcionalismo... Então, de alguma maneira, a gente tem um quadro de fundo, que é uma determinada concepção do próprio conhecimento que orienta por onde a gente pergunta, de que maneira a gente trata o nosso objeto. E, ao mesmo tempo, o nosso objeto empírico, que a gente vai indagar de forma comunicacional, como o José Luiz Braga sempre enfatiza. Assim, a gente tem que ter uma indagação comunicacional. Mas, às vezes, o nosso objeto, para a compreensão do contexto e da situação, somos obrigados a nos apoiarmos em áreas e em interfaces vizinhas. O que eu quero dizer é o seguinte: o paradigma comunicacional é a nossa referência e é o lugar de onde a gente pergunta. Na compreensão e na leitura do nosso objeto, entretanto, devemos complementar com teorias e com questões que, às vezes, vêm de campos vizinhos. Então, por exemplo, eu estava falando desse quadro agora que a gente está vivendo de violência, de intolerância, de ódio. Naturalmente, a gente precisa se abastecer também de referências políticas para falar sobre o autoritarismo, para falar sobre o fascismo. Eventualmente, de referências da psicologia para falar sobre comportamento autoritário. Então, o paradigma da comunicação é a concepção de comunicação clara que orienta a nossa pergunta. Mas, assim, complementando a nossa leitura, dependendo do nosso objeto, a gente deve buscar diferentes aportes em disciplinas e autores.

MA: Vera, então, mais uma vez, a gente agradece a sua gentileza e as suas grandes contribuições. Você trouxe questões da maior importância nesse contexto cheio de contradições, de problemas, de desafios que vivemos, e como que a gente pode aproximar as teorias, o nosso pensamento, as nossas reflexões e ter essa íntima relação com a própria realidade, que nos convoca a todo momento a refletir, a pensar e pesquisá-la para compreendê-la.

VF: Eu também agradeço a oportunidade dessa nossa conversa. Agradeço o convite de poder estar junto com colegas que eu admiro tanto. Nesse contexto de pandemia e de isolamento, eu continuo completamente isolada, então, essa possibilidade de encontro virtual é algo que nos alimenta e nos fortalece. Parabéns por esse projeto e grande abraço para colegas, ex-alunos, alunos. Ninguém larga a mão de ninguém.

ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO, HOSPITALIDADE E AMIZADE

Luís Mauro Sá Martino



MA: Professor Luís Mauro, para começar, gostaríamos que contasse um pouco sobre o seu percurso acadêmico e como você se aproximou do campo da Comunicação.

Luís Mauro Sá Martino (LSM): Gostaria de começar agradecendo o convite para participar com vocês. A gente teve um encontro presencial em 2019, e já estou com saudades. Eu tive a oportunidade de participar naquele ano e tenho ótimas lembranças e muitos agradecimentos. Então, a única coisa que eu lamento é que não estamos juntos presencialmente para todo mundo poder se abraçar.

Entrando no ponto, histórias de professores não costumam ter momentos muito emocionantes. Geralmente, são histórias de encontros com livros, com pessoas, com situações, e a minha história não é diferente. Eu acho que os grandes momentos da minha vida foram quando eu encontrei aquele livro e falei: “Nossa, eu estava procurando e está barato!”. Encontrar livros baratos é uma emoção. Vamos combinar, nós, que gostamos de ler.

O meu percurso começa no curso de jornalismo na Cásper Líbero há 26 anos. Eu já vinha com uma dúvida do Ensino Médio entre fazer História ou Jornalismo. Perguntei para a professora do Ensino Médio: “O que faz um historiador? Eu gosto muito de História.”. A resposta dela foi: “Basicamente, você dá aula.”. Eu falei: “Professor? De jeito nenhum. Nunca. Eu numa sala de aula?”. E me perguntei: “O quê que tem perto?”. Jornalismo era uma coisa que também gostava, e já que não seria professor de jeito nenhum, bora ser jornalista.

Eu tinha muita paixão pela reportagem e tal, e aí entrei na Cásper Líbero como aluno em 1995. Faz tempo. E lá aconteceu uma coisa que eu não percebi: toda biografia escrita e pensada em retrospectiva, ela mostra coisas que, no momento em que você está lá, você não vê. Eu era, e ainda sou até hoje, apaixonado por reportagem: sair, falar, entrevistar, conhecer os vários lados e ir atrás.

Mas, eu também era apaixonado pelas aulas de Teorias da Comunicação, que eram as primeiras aulas, às 7h20, e eu estava lá toda quinta-feira e sexta-feira para assistir. Eu devorava todas as referências. As aulas eram com o professor Laan Mendes de Barros, que agora está na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Tive a alegria de ter aula com ele, e gostava muito. Eu sempre fui muito *nerd*. Tem que ler a bibliografia? Então, vamos ler a bibliografia inteira. Eu era apaixonado pelas aulas teóricas. Na época, não me toquei sobre o que isso significava. Não sabia o que ia acontecer.

Graças a professoras e professores muito generosos, que foram os meus orientadores, professor Clóvis de Barros Filho, professora Beatriz Muniz de Souza, professor Luís Eduardo Wanderlei, fui meio que direcionando para essa área acadêmica. Quando terminei o curso de jornalismo, um colega da Cásper Líbero, o professor Francisco, me apresentou para a orientadora dele, de Ciências Sociais. Foi então que migrei da Comunicação para as Ciências Sociais. Fui recebido na PUC-SP pela professora Beatriz Muniz de Souza, a quem devo imensamente uma série de coisas, junto com o professor Clóvis de Barros

Filho, que também me ajudou demais no início, no meio da carreira e até hoje. Ambos me deram direcionamentos e também me ajudaram em um campo muito mais trivial, mas igualmente necessário, ajudando-me a conseguir bolsas de estudo, sem as quais eu não teria feito nada disso.

A gente esquece que a pesquisa tem uma materialidade, porque a gente gosta de estudar, mas tem conta para pagar. É uma questão de oportunidades, de chances, que evidentemente não são universais. Ao trazer isso aqui, lembro que existe uma materialidade no ato de fazer pesquisa que a gente não pode deixar de lado. Então, a minha gratidão. Eles me ajudaram a conseguir os recursos, se não, não teria estudo. A gente sabe que esse é um dos mecanismos mais diretos que separa quem está dentro e quem está fora. Enfim, fui para as Ciências Sociais e tive um outro referencial teórico, mas eu pude continuar a estudar Comunicação. Então, nunca me afastei totalmente da Comunicação porque, logo depois que me formei, tive a oportunidade de começar a dar aula na Cásper Líbero. Eu já dava aula em Comunicação, fazia o mestrado, e depois o doutorado, em Ciências Sociais, e aí misturou tudo. Eu nem sabia que seria um problema epistemológico, mas, na época, estava todo feliz que misturou tudo.

MA: Que interessante a sua interface com as Ciências Sociais, com a Comunicação e com o Jornalismo. Pensando um pouco no próprio conceito de comunicação, gostaríamos de saber, na sua dimensão ética, que é uma questão que você tem estudado muito, como ela se relaciona com a dimensão estética. Como você avalia essas interfaces?

LSM: Ótima questão. Eu diria o seguinte, e esse “eu” é cheio de aspas porque eu trago aqui diálogos, então, o enunciador sou eu, mas estou aqui dentro de uma polifonia de colegas, de amigas e de amigos com quem a gente vem discutindo isso. Você e o Tiago Salgado fazem parte dessa rede polifônica. Arriscando muito: a compreensão de comunicação com a qual eu costumo trabalhar é a ideia de que a comunicação

é um ato ético e estético por si. O fundamento da comunicação é um ato ético porque se trata de um encontro com o outro. Aqui eu falo, sobretudo, com base em Emmanuel Lévinas e Edith Stein, filósofo e filósofa do século XX. Os dois são de origem judaica e viveram a experiência do exílio e do campo de concentração. Edith Stein foi morta, inclusive, em um campo de concentração. Lévinas escapou.

Ambos são pensadores que trazem muito a ideia do encontro com o outro como fundamento. Daí a própria ideia que Lévinas traz de que a ética é a filosofia primeira porque o encontro com o outro excede qualquer dimensão. Então, ele trabalha com a ideia de que a comunicação é esse encontro, é uma interação com esse outro. Essa interação precede todo o resto. É uma interação, uma troca, um compartilhamento que acontece com base em símbolos. Então, ela é mediada por símbolos de uma cultura e tudo mais, com diferenças, com desigualdades etc., dentro de uma perspectiva dessa ideia do encontro.

Esse encontro tem uma dimensão muito forte do sensível porque a comunicação – e eu trabalho com base em várias pessoas, por isso não é nada original –, essa interação ética com o outro, acontece na esfera do sensível. Ela mexe conosco e trabalha com a nossa sensibilidade. Por isso podemos pensar em uma estética da comunicação. Não como a comunicação da arte, mas como aquilo que é produzido no ser em função dessa relação com o outro.

Então, a ideia, que tive a oportunidade de trabalhar em alguns momentos, até lá em 2007, que acabou até virando um livro chamado “Estética da Comunicação”, não é pensando nos termos da arte, mas em termos de que a relação com o outro é uma relação que decorre dessa sensibilidade para essa compreensão. Evidentemente que isso entrelaça a natureza ética da comunicação como uma natureza primeira da comunicação, mas que compartilha espaço e uma tensão com essa dimensão estética, que pode ser mediada por uma tela, por um smartphone, pelo que for, por uma rede social, mas que implica sempre um eu e um outro que está em algum outro lugar mediado pelo símbolo, pela linguagem da tecnologia, pela mídia e assim por diante.

MA: Realmente essas dimensões ética e estética da comunicação estão imbricadas na própria natureza do ser humano, na alteridade, na relação com o outro. Essa visão sua é de fato muito rica. É muito importante entendermos a comunicação além do midiático e dos aparatos. Falando dos aparatos da mídia, como você percebe o impacto dos processos de midiatização na compreensão dos fenômenos comunicacionais? Em que medida a midiatização impacta a nossa compreensão desses fenômenos?

LSM: Entendo a ideia de midiatização como a articulação entre o ambiente da mídia e as práticas sociais. Eu procuro trabalhar com essa perspectiva para que possamos olhar para a articulação desses dois elementos sem focar só na mídia, pensando que “a mídia faz tudo e a sociedade vai a reboque”, e sem também focalizar apenas no social, como se a mídia não tivesse importância nenhuma e o social fosse o que a determina. A ideia de articulação, que tomo emprestada de Stuart Hall, é justamente nesse sentido de pensar algo que está em constante tensão, em constante dinâmica, em constante mudança. Então, me parece que, hoje, nós não conseguimos pensar uma parte significativa dos processos comunicacionais sem pensar nessa dimensão de midiatização, ou seja, a dimensão da articulação dos processos sociais com o ambiente da mídia.

Isso me parece muito difícil. Vale lembrar que uma sociedade em midiatização, a meu ver, não implica que todas as relações estejam integralmente midiatizadas. Ainda tem muito espaço bom para o olho no olho. Mas, esse olho no olho é cada vez mais raro pelas próprias dinâmicas do social. Eu preciso, então, encontrar uma mediação, uma técnica que me permita fazer essa articulação da prática social, seja ela qual for, com o ambiente midiático. Então, eu diria que a midiatização, como um processo macro, também pode ser olhada nas práticas micro. É isso que nos permite, inclusive, pensar em metodologias da midiatização. Olhar para essa articulação.

Isso tem uma dimensão epistemológica, em primeiro lugar, para que a gente possa olhar para um fenômeno que seja comunicacional. Em segundo lugar, há uma dimensão metodológica, que não focaliza a tecnicidade da técnica, mas o caráter de ambiente dessa técnica que está ao nosso redor. Por exemplo, namorar, ficar na dúvida ou querer ficar com alguém é uma prática social. Sabe aquele momento em que você não sabe se a pessoa ainda gosta de você ou não? A gente fica prestando atenção a todos os sinais para ver se falou comigo, se não falou comigo, se respondeu rápido, se não respondeu rápido. Isso vai se articular com o ambiente da mídia, então, é o aplicativo de mensagem, é a rede social e tudo mais, e haverá uma articulação, uma diferenciação de corrente, não do uso da mídia, mas dessa articulação. A mídia sozinha não faz nada. A prática social sem a mídia seria tradicional, seria o objeto da Sociologia, onde a gente se encontra. Esse ponto é a articulação.

Então, vamos pensar: no mundo sem redes sociais, para saber se a pessoa estava interessada ou não, a gente prestava atenção no olhar, no gesto, na proximidade do corpo. Continuamos prestando atenção nisso, mas agora a gente presta atenção em outras coisas: visualizou a minha mensagem, mas não respondeu, viu minha mensagem ontem, mas não respondeu ontem, curtiu foto da ex na rede social, curtiu foto do ex na outra rede... deve estar bem difícil acompanhar a dinâmica do amor em uma sociedade em midiatização. Então, por que isso? A prática social sempre existiu: namoro, paquera, flerte, *crush*, ficar. Isso sempre existiu. O ambiente da mídia vai variar sempre. Hoje, eu falo de rede social. Daqui há dez anos, talvez a gente fale de outra coisa, seja lá o que for. Quando as duas se articulam, a gente tem esse elemento da midiatização, que interfere nos dois aspectos, no fenômeno social e no fenômeno midiático para dar origem ao comunicacional.

MA: Luís Mauro, como estudioso da midiática e da religiosidade, você identifica especificidades que são muito características da religião midiaticizada, quando você fala desse olho no olho. Isso está cada vez mais difícil, a gente percebe. A vida está cada dia mais mediada. Tudo parece mediado pelos aparatos, em um processo de midiaticização. No caso da religião, você consegue visualizar alguma particularidade dessa integração ou articulação mais intensa do ponto de vista das interações presenciais, das interações mediadas? Como você avalia esse contexto?

LSM: No âmbito da religião, que é um ambiente onde me sinto um pouco mais à vontade, já que estudo isso há algum tempo, diria que sim. Dá pra perceber muito diretamente as questões vinculadas ao processo de midiaticização. E dá até para a gente separar meio que em algumas épocas, em algumas fases.

Houve um momento, talvez até dez anos atrás, quinze anos atrás, mais ou menos, em que havia uma acentuada perspectiva da midiaticização como uso da televisão. Então, o meio dominante no ambiente midiático de quinze anos atrás, vinte anos atrás, era a televisão. E a gente notava que o ponto máximo que uma denominação religiosa chegava era ter o seu programa na televisão, ou mais ainda, ter a sua própria televisão. Era o ponto máximo de midiaticização da religião. Por quê? Porque nesse momento, voltando para aquele esqueminha que mencionei (práticas sociais / ambiente da mídia), a gente via que, nesse esquema de articulação, as práticas religiosas, ao se articularem com a linguagem da mídia, se transformavam. Então, era muito nítido que uma celebração religiosa feita para a TV era muito diferente da celebração religiosa apenas transmitida pela TV ou pelo rádio.

Qual era a diferença fundamental? Ela era preparada para a mídia. E isso faz toda a diferença, porque é o celebrante, o pastor, o padre, enfim, que vai saber, por exemplo, a hora de olhar para a câmera. É o *close* que vai dar, é o corte, é o plano, é a câmera que vai passar por cima dos fiéis, mostrando o momento do canto, da celebração, mas também é

o *close* que vai mostrar o fiel chorando, envolvido pelas suas crenças, por aquele momento. Então, a gente via uma diferença significativa entre religiões ou denominações religiosas que se jogaram com tudo, que eu denominava de religiões de alta mediação, e outras que resistiam a ou mesmo negavam esse processo, porque ele é permeado de desigualdades.

Hoje, me parece que esse processo está muito mais acentuado porque houve, de fato, uma perda na importância exclusiva da televisão, mas um aumento significativo da presença religiosa em redes sociais, cada vez mais adaptada para a rede social. A ideia é, de fato, você ter uma midiaticização muito mais forte. De novo, você encontra uma questão no campo religioso, que é a prática social de origem. Nem todas as denominações se sentem à vontade ou se sentem impelidas a entrar nesse ambiente das mídias digitais. Então, me parece que as religiões que dez, quinze anos atrás, já estavam à vontade no ambiente midiático, portanto religiosidades de alta mediação, sentem-se, hoje, ainda mais à vontade para transitar no ambiente das mídias digitais. É aí que a gente encontra as contas de líderes religiosos, mas também de fiéis, divulgando mensagens nas redes sociais, os grupos até nas plataformas de vídeo... grupos que vão chegar lá, então, se trata religiosidade diferente, midiaticizada, que é diferente da religiosidade midiática.

MA: Luís Mauro, você está comentando da televisão, há quinze anos atrás, a importância da televisão para o processo da vivência religiosa. Nós tivemos um aluno, o padre Carlos, no mestrado em Comunicação da PUC Minas, que comentou que isso gerou o próprio interesse dele em estudar e pesquisar a midiaticização da religião. Durante as celebrações, ele sempre notava que tinha uma senhora que só aparecia, somente na hora da comunhão. Ela comungava, depois rezava, depois ia embora, mas não assistia à missa, só na hora da comunhão. Um dia, ele chegou perto dela e falou: “Olha, eu queria saber por que a senhora vem aqui só na hora da comunhão e não na hora de toda a celebração e tudo.”. “Ah, padre Carlos, é por-

que eu vejo a missa pela televisão, mas a comunhão não se dá pela televisão, então, eu tenho que estar com o meu corpo presente aqui para receber o sangue, o corpo de Cristo e tudo.” Isso o motivou a estudar o fenômeno da midiatização da religião porque, principalmente as pessoas mais idosas, têm resistência mesmo a midiatizar ou mediar todos os rituais, as liturgias religiosas. Eu me lembrei muito desse caso.

Agora vamos nos aproximar do GT de Epistemologia. Gostaríamos de saber como foi a sua aproximação, o seu contato e a sua experiência com esse GT, e avaliar um pouco a importância desse GT no âmbito da Comunicação, no âmbito acadêmico, das pesquisas, das reflexões epistemológicas. Enfim, contextualizar um pouco a sua vivência e a sua avaliação a respeito do GT de Epistemologia.

LSM: Em primeiro lugar, eu já peço, de antemão, que todas e todos dêem um desconto. Tenho uma relação afetiva com o GT. Então, eu jamais poderia falar em termos totalmente objetivos e distanciados porque estou lá já há dez, onze anos, participando do GT na apresentação de trabalhos. Eu fui vice-coordenador durante dois anos, coordenei outros dois e voltei para a apresentação de trabalhos. Em 2021, eu tive a honra de ser eleito coordenador.

O GT é um espaço fundamental de reflexão, como todos os GTs da Compós e todos os GTs de eventos. Em que o nosso se diferencia? E digo o nosso em um sentido muito coletivo, cheio de permeabilidades, de idas, vindas e voltas, e sempre acolhida e hospitalidade mais do que qualquer coisa. Esse GT se diferencia, em primeiro lugar, em termos de recorte temático, isto é, pensar que toda pesquisa tem uma parte teórica. Toda pesquisa tem um método. Toda pesquisa tem problemas metodológicos, problemas teóricos que constituem e confluem como um problema epistemológico, ou seja, a pergunta pelo próprio conhecimento, pela própria natureza do conhecimento. Então, pensar uma epistemologia da comunicação não é pensar só nos grandes problemas da teoria do conhecimento, mas é pensar também em problemas muito pés no chão, que a gente enfrenta no nosso dia-a-dia de orientação, de prática de pesquisa.

Por exemplo, minha pesquisa é de Comunicação? Quem nunca se fez essa pergunta? Que orientadora, que orientador que nunca ouviu essa pergunta? O que eu estou estudando é comunicação? Por que é comunicação? O meu amigo está estudando um negócio totalmente diferente no mesmo PPGCom que eu. Se o dele é comunicação, e o meu também é, e se os dois são, que área a englobar tudo isso! Que abrangência!

Essas são as perguntas que fazemos no GT. Então, são perguntas que nascem de inquietações muito práticas. O que é essa tal comunicação que estamos falando? Qual é o sentido de estudar essa comunicação? Como podemos estudar essa comunicação? Temos um objeto? Qual é? Não temos? Então, o que estamos fazendo como área para se caracterizar como área? E outras perguntas que, de novo, quando a gente formula dessa maneira, parecem, como dizia o professor Ciro Marcondes Filho, grande participante do GT, ser discussões da estratosfera e que, às vezes, vêm com os pés no chão. É exatamente isso o que a gente procura fazer no GT: discutir na estratosfera, mas trazer essas perguntas que todas e todos nós fazemos com os pés no chão.

Como que eu entrei no GT? Eu cheguei no GT em 2010 na verdade, junto com uma mudança bem grande, quando comecei a lecionar no Programa de Pós-Graduação da Cásper Líbero. Até então, não sabia direito inclusive como é que funcionava porque era horista, tinha uma atribuição de horas de pesquisa, era de extensão, mas, basicamente, eu era um professor horista. Naquela época, eu não sei como está hoje, mas quando você era horista, você não sabia muito dessas ligações de pesquisa, de grupo. Era uma coisa um pouco dissociada, então, as aulas para a graduação, isso em todas as faculdades que eu conhecia e tal, tinham uma dinâmica, os Programas de Pós-Graduação... a gente tinha uma ideia, sabia o que acontecia, mas não era uma coisa tão conhecida assim. Quando entrei no Programa de Pós-Graduação da Cásper, em 2010, é que me falaram: “Olha, não esquece, vamos lá participar da Compós.” Tá... e aí eu perguntei: “Qual é o GT de Teorias da Comunicação?”. Aí falaram que lá não tinha um GT de Teorias da Comunicação,

mas tem um de epistemologia. Aí eu falei: “Nossa! Que lindo! Vamos embora!”. A partir de então, foi amor à primeira vista. Teve um ano em que não entrei porque o trabalho não foi aceito. A gente leva essa, sorri, e tenta fazer melhor na próxima.

MA: É um processo de aprendizado. É muito bom quando um trabalho da gente é recusado, com os pareceres que podem contribuir para o avanço do nosso trabalho.

LSM: É verdade. Você lê o parecer e fala: “Realmente ele tem razão.”. Desde sempre eu estive participando ativamente do GT e sempre tive uma acolhida muito boa. Como eu falei, tenho uma ligação afetiva com o GT, com os colegas e as colegas que, lá em 2010, eu totalmente perdido ainda, chegando, me acolheram e me deixaram sempre muito à vontade como participante de um espaço de interlocução. Um espaço que é muito plural, muito aberto, um espaço de apresentação, de acolhida, de crítica.

Eu brinco, mas, falando muito sério, apresentar um trabalho em um GT, não só o nosso como o de epistemologia, é participar de doutorado com nove arguidores. Você sabe que você está lá para aprender. As pessoas não vão passar a mão e dizer: “Olha, que lindo que está!”. Não, vão tensionar, e isso é maravilhoso porque é o grande momento de criação do conhecimento. Eu acredito que o conhecimento acontece no diálogo. Não há coisa mais linda do que você ter nove interlocutores ou mais, quando há trabalhos escritos em coautoria, que leram o seu texto e vão discutir os pontos e os conceitos. É muito bacana! É um espaço de interlocução e de hospitalidade. Por que não de amizade? A gente discute, discute e discute, e pode não concordar com nada. Deu 18h, vamos jantar? E aí entra a parte humana que, a meu ver, é um dos grandes pontos do GT também. É uma parte muito bacana.

MA: Inclusive tem um texto seu e da professora Ângela Marques sobre a dimensão afetiva da produção do conhecimento. Não dá para separar. Eu acho que o afeto está ali o tempo todo, atravessando as nossas inquietações, reflexões e questionamentos. É uma dimensão muito importante.

Uma coisa que eu queria destacar em seus trabalhos é que você realiza muitas pesquisas epistemológicas: sobre os textos que são apresentados na Compós, sobre as revistas, inclusive um texto que você apresentou agora sobre os periódicos da área da Comunicação. Eu acho que isso contribui porque você tem várias amplitudes desse trabalho epistemológico. Você tem a dimensão mais da pesquisa, da reflexão do que tem sido pesquisado, daquilo que a gente fala do estado da arte, a pesquisa da pesquisa, a metapesquisa, você tem reflexões mais filosóficas, mais abrangentes. É uma diversidade de perspectivas, não só de visadas diferentes, mas também no modo de construir, no modo de produzir epistemologicamente o nosso campo. Por falar nisso, eu gostaria de ouvi-lo sobre como você está vendo a nossa situação como área de conhecimento. Como você avalia os desafios, os avanços e as limitações para a gente constituir uma área de conhecimento científica?

LSM: A meu ver, o estudo epistemológico tem várias dimensões. Ele não se restringe apenas à pergunta pelo conhecimento, mas também se dirige à pergunta pelas condições de elaboração desse conhecimento. Eu não vejo a epistemologia desligada das condições de criação de um conhecimento. Como lembra a professora Lucrecia Ferrara, existe uma epistemologia política da Comunicação. Essa epistemologia política nos traz dimensões que nem sempre são visíveis. Queira ou não, a gente vê a revista publicada, lê o texto, mas nem sempre se pergunta o que está por trás daquela pesquisa, daquela produção. Então, há uma dimensão política, que não se separa de uma dimensão epistemológica.

Qual conhecimento eu quero produzir? Por que o meu conhecimento é de Comunicação? Dado que eu vou escrever um texto, por que eu vou usar um autor x, y e z, e não uma autora x, y e z? Em que condições isso está acontecendo? É nesse sentido que a gente pensou, quando trabalha com essas reflexões, a gente pensa que a epistemologia é multidimensional e precisamos pensá-la nessas múltiplas dimensões. Até mesmo, por exemplo, na epistemologia como produção de resistências.

Você mencionou uma grande amiga minha, a professora Ângela Marques, com quem eu já tenho alguns trabalhos publicados. Além de uma grande amiga, ela é uma grande interlocutora. Essas interlocuções e amizades são fundamentais para crescermos juntos. É uma preocupação nossa, nos nossos diálogos, de pensar a epistemologia também como formas de vida, como formas de resistências, pensar em epistemologias alternativas. Então, é trabalhar essa ideia da epistemologia em uma dimensão muito discursiva. Talvez essa seja a palavra. Eu não sou especialista em Análise do Discurso, em Teoria do Discurso, mas, pensando o discurso disciplinar, em termos foucaultianos, e como esse discurso se forma e quais os avanços que podemos ter. Por isso que, de fato, às vezes, eu vou lá para a empiria. Vou mergulhar naquela empiria de falar, bom, o quê que está sendo dito, o quê que as revistas estão falando? O quê que os livros estão falando? Então, tem essa dimensão, que é verificar e fazer esse estado da arte não como uma justaposição, mas como um problema discursivo: a constituição, o acionamento de conceitos, quais estão em vigor, quais foram abandonados e quais estão chegando.

Muito a título de exemplo, faz décadas que eu não leio e não vejo ninguém citar Louis Althusser. Sumiu, desapareceu, já foi, acabou. E assim por diante. Poderíamos citar outros: Herbert Marcuse. No entanto, trabalhamos hoje com Jacques Rancière, autor que a Ângela Marques me apresentou. Junto com Althusser, há quarenta anos atrás, Rancière assinou um de seus livros mais famosos, “Ler o capital”. Então, essas dinâmicas de conceitos, de acionamentos, de abandonos, a meu ver, são um problema epistemológico da área que tem a ver também com questões da materialidade da teoria.

Então, pensar justamente como funcionam essas condições de produção de um saber. Condições que vão desde a área, isso já me leva para a segunda parte da pergunta, até as condições pessoais que, como eu mencionei, estimulam você a saber ou também te jogam para baixo. Então, quando eu falo de uma perspectiva polifônica é porque eu não trabalharia do jeito que eu trabalho se eu não tivesse determinadas condições: epistemológicas, mas também acadêmicas, na Cásper Líbero, e pessoais. A Anna Carolina, minha esposa, e o Lucas, meu filho, sempre dão aquele incentivo sensacional, falando: “Vai lá! Vamos ver. Estuda.”. Outro dia o Lucas até me perguntou: “Papai, o que é essa história de epistemologia que você fala com seus amigos?”. Tem essa dimensão que nos leva justamente para essa questão da área.

Eu vejo as pesquisadoras e os pesquisadores em Comunicação, porque eu acho que a área é feita de relações, de pessoas, em um momento muito bom. Veja que eu situei as pesquisadoras e os pesquisadores na produção de conhecimento por duas razões. Primeiro porque continuamos apesar de tudo. Esse é o primeiro ponto. Estamos aqui apesar de tudo. Em determinadas situações, o fato de você existir já é um ato de questionamento, de desafio, de resistência. Então, em primeiro lugar, continuamos, estamos, seguimos. Em segundo lugar, nota uma consolidação da área nas próprias pesquisas epistemológicas, na própria relação que nós temos de pensar um saber comunicacional. Temos uma geração mais nova de pesquisadoras e pesquisadores que vêm desses problemas, então, já assumem algumas problemáticas da própria Comunicação e, portanto, também existem como produtoras e produtores de conhecimento dentro da área como figuras que estão fazendo diferença. Isso é maravilhoso de ver.

Vejo uma área consolidada como área. Continuamos com problemas, mas, talvez, hoje, a nossa abordagem dos problemas seja diferente. Pensamos as diferenças e as diversidades de outras formas. Temos novos problemas epistemológicos em termos de pensar que a área parece estar consolidada e já não temos as mesmas preocupações que tí-

nhamos há vinte anos quando estávamos no início do GT, registradas na história epistemológica da área: o que é a nossa área? Temos uma área? Não temos uma área? O que a caracteriza? Ela é disciplinar, interdisciplinar, multidisciplinar? O que somos nós? A gente não respondeu essas perguntas plenamente, mas, em uma pegada muito epistemológica, nós trouxemos outros grupos de perguntas ou outras questões. Quando eu falo nós, eu me refiro a todos nós e todas da área como um todo. A gente vê isso na ampliação do número de GTs da Compós, que passou de dez para dezessete nos últimos anos.

MA: Você falou da epistemologia da resistência, e eu me lembrei da professora Lucrecia Ferrara, que apresentou um texto belíssimo sobre a epistemologia da diferença na Compós de 2021. Eu concordo com você. A gente teve um amadurecimento muito significativo, acionamos novas questões, e nesse processo vamos construindo a nossa área, com todos os desafios e questionamentos. Temos avançado nesse processo de tensionamentos e de articulações, de conflitos e de contradições, que fazem parte desse processo de construção de conhecimento. É realmente um processo dialético, em um movimento constante de amadurecimento. Agora vamos abrir para a participação do público.

Odlinari Ramon Nascimento da Silva: *Gostaria de perguntar ao professor se o recorte epistemológico da Comunicação está na centralidade dos meios de Comunicação e, se ainda não está, deveria? Partindo do pressuposto de que, quando tudo é Comunicação nada é Comunicação.*

LSM: Eu já tive a oportunidade de debater isso com alguns colegas. A princípio, eu diria que não, por duas razões. A primeira implica considerar que a definição de mídia é mais complexa do que parece. A gente poderia falar que a centralidade está nos meios, mas o problema é falar que é um meio. Se ampliarmos um pouco essa definição, o corpo

pode ser considerado como mídia. O corpo como mídia entraria em Comunicação ou não? Se não é comunicação, de que é? Então vamos atrás porque alguém pegou. O primeiro problema, então, seria a definição de meio. Meio eletrônico... mas o jornal impresso não é eletrônico. Se a gente estuda o jornalismo do século XIX, ele não é um meio eletrônico. Eu tenho dificuldades para definir qual é o limite da ideia de meio, porque me parece que é mais complicado do que parece. Quando a gente entra no âmbito das teorias dos meios, na teoria da mídia, a gente vai observando que também há uma abertura muito grande em relação à própria ideia de meio. Esse seria o primeiro ponto que eu colocaria. Um segundo ponto seria que, epistemologicamente, eu não sei se um objeto é suficiente para caracterizar uma área. Talvez, indo um pouquinho na contramão, eu diria que a área caracteriza o seu objeto com base em uma série de definições epistemológicas que orientam o nosso olhar para alguma coisa que será constituída por esse olhar e que não é dada, porque outras áreas também estudam os meios. Eu tenho essa dificuldade de caracterizar a área pelo alcance do conceito de mídia e pela caracterização de uma área a partir de um objeto de estudos.

MA: Isso retoma a sua concepção de midiatização, que é muito relevante porque você não a vê como restrita à mídia. A midiatização, a seu ver, é um processo social, coletivo, produzido pelas pessoas e por suas práticas sociais. Então, não temos como reduzir o conceito de comunicação ao conceito de mídia. A comunicação e a midiatização são plurais porque são vários componentes, vários aspectos, vários agentes que participam desse processo. Não é apenas uma dimensão midiática, mas uma constelação de atores, processos e instituições que participam dessa construção.

Agradecemos Prof. Luís Mauro as suas considerações sobre a Comunicação, a diversidade de olhares e a importância da articulação entre as inúmeras dimensões do processo e da pesquisa em comunicação, entre as quais a ética, a estética, a epistemológica, a empírica, enfim, uma pluralidade dos condicionantes que interferem nos estudos e nas práticas de comunicação.

POSFÁCIO - EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO: LEGADO, QUESTIONAMENTOS E NOVOS DESAFIOS

Eduardo Yamamoto

Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro/PR)

Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR)

Vice-coordenador do GT Epistemologia da Comunicação

(Compós, 2022-2024)

O livro organizado por Tiago Barcelos Pereira Salgado e Maria Ângela Mattos chega em um momento muito especial. Ele marca não só uma data comemorativa importante, como também recupera um capítulo crucial sobre a construção do campo da Comunicação no Brasil, caracterizado, conforme os/as entrevistados/as, por muitos desafios, questionamentos e conquistas.

Alguém poderia dizer que duas décadas representam pouco tempo de maturação acadêmica. Porém, em um campo que emerge a partir das demandas da indústria cultural e da obsolescência programada – de uma consciência que parece valorizar as *gadgets* e o saber prático-operacional –, a pequena artesanaria de ideias desvelada no diálogo que constitui o cerne deste livro é algo a ser muito celebrado.

Os/as entrevistados/as são mais do que pesquisadores/as assíduos/as do GT de Epistemologia da Comunicação da Compós; são artífices que participaram diretamente desta grande obra chamada Comunicação. Todos e todas, ainda em plena atividade de pesquisa, mas cujo percurso já mereceria destaque, pois fizeram história por suas importantes contribuições: seja o trabalho de tradução de obras estrangeiras

relevantes – sem as quais, hoje, certamente estaríamos alheios ao debate epistemológico internacional –, seja a proposição de problemáticas especificamente comunicacionais ou, ainda, a sistematização de teorias e conceitos, a concepção de um olhar crítico e reflexivo sobre o nosso trabalho ou a nossa vocação no interior das Ciências Humanas e Sociais. Acima de tudo, são mestres todos responsáveis pela formação de novos/as pesquisadores/as, novos programas, grupos e linhas de pesquisa que ajudaram (e ainda têm contribuído) para a consolidação e o fortalecimento do nosso campo.

É verdade que ainda há alguma desconfiança em relação à caracterização da Comunicação como disciplina ou à heterogeneidade dos problemas que as pesquisas desse campo aparentam. Superar essa desconfiança, na minha visão, tem sido o grande desafio não só do GT, mas do campo em geral. O GT é, com certeza, o espaço onde essas questões foram postas e debatidas mais intensamente, resultando em discussões profundas e acaloradas, não obstante, sempre proíficas. Dali pudemos testemunhar os debates sobre a diferença (muitas vezes pouco aceita) entre a Comunicação e as demais Ciências Humanas e Sociais, tais como: nosso campo necessita, assim como a Psicologia ou a Sociologia, de uma teoria geral? Nosso objeto e nossas teorias (se é que podemos chamá-las assim) são variadas ou dispersas? Somos uma ciência rigorosa? Nossa importância é medida pela convocação de nosso saber por outros campos científicos? É um problema o fato de importarmos mais do que exportamos conceitos, modelos teóricos e metodológicos? Que tipo de conhecimento produzimos?

Lendo tais entrevistas, fui tomado por um sentimento de satisfação: inicialmente, por observar que, hoje, o campo tem respondido suficientemente a essas questões; depois, porque pude testemunhar a maturação dessas respostas ao longo dos últimos 20 anos. Ingressei na pós-graduação, como discente, no ano de 2006. Nessa época, em São Paulo, tínhamos de responder, logo no primeiro semestre do curso, a uma estranha pergunta: por que a minha pesquisa é de Comunicação?

Não sabia de onde havia saído originalmente a pergunta nem quem a havia pronunciado pela primeira vez,¹ mas seu efeito foi tremendo: recordo-me, por exemplo, de uma professora de Metodologia que sugeria aos discentes que respondessem aquele questionamento já na introdução ou no primeiro capítulo de suas dissertações.

A verdade é que essa pergunta nunca saiu da minha cabeça. Razão pela qual, mesmo realizando pesquisas empíricas e estudos de caso na área da Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária, sempre encontrava tempo para espiar o GT de Epistemologia e acompanhar a leitura de teóricos que ora propunham uma visão particular sobre a nossa ciência (a exemplo de Muniz Sodré e de Lucrecia Ferrara), ora arriscavam uma empresa propriamente “de Comunicação”, como os professores José Luiz Braga e Ciro Marcondes Filho.

A despeito de Ciro, recordo-me da primeira vez em que o vi. Foi em um evento promovido pela Compós – o 5º Interprogramas, realizado em outubro de 2008, no Auditório da PUC-SP. Trajando muito elegantemente uma camisa verde, calça cor-de-rosa, chapéu e sapatos brancos, e talvez movido por aquela incômoda pergunta, ele iniciou a sua fala com uma frase de impacto: “Em quarenta anos, ainda não começamos a pesquisar comunicação.” Foi o início de um grande debate, o qual o campo muito se beneficiou, e que se estendeu por mais de uma década, interrompida, lamentavelmente, pela sua morte em novembro de 2020. Dali, no entanto, ficamos conhecendo a Nova Teoria da Comunicação (NTC), fruto de uma pesquisa ampla, profunda e rigorosa que deu origem a um rico léxico comunicacional, como a diferença entre comunicação, informação e sinal; a definição de comunicação como evento ou acontecimento (no sentido deleuziano) e o metáforo (o quase-método da comunicação). Daquela fala de Ciro veio também uma fértil interlocução com grandes nomes da Epistemologia, como o já mencionado José Luiz Braga.

1 Sobre isso, conferir a entrevista com Vera Veiga França (UFMG) nesta obra.

Se a polêmica rende – como se diz no jornalismo –, a NTC, além de responder àquela desconfiança sobre a nossa capacidade de construirmos uma ciência em torno de conceitos e de um modelo teórico e metodológico próprios, também encorajou outros pesquisadores tanto a aplicarem (e assim testarem os limites da NTC), quanto a analisarem criticamente a sua obra.²

Apesar de as produções do GT de Epistemologia também fluírem por outras direções, a proposta de se construir uma ciência própria com base no conceito, isto é, da caracterização de um objeto do conhecimento, tal como desenhado por Ciro, despertou, por alguns anos, muito interesse. É impossível recuperar todos os questionamentos acerca da NTC, seja no interior do GT, seja em outros congressos e revistas, sob o inevitável risco de simplificá-los ou distorcê-los de seus contextos enunciativos.³ Todavia, por acreditar que as boas proposições são dignas de atenção, algumas perguntas acerca da NTC ficaram suspensas: a comunicação enquanto acontecimento define (e exaure) a sua caracterização em termos fenomênicos? Quando a definimos como evento ou acontecimento, não estamos presos a uma historicidade (ou discursividade), que deveria antes ser investigada, pois determina a nossa visão-de-mundo e, portanto, o nosso pensamento sobre a comunicação? Não falta um componente histórico e antropológico, uma substância (ou prova) empírica, capaz de vincular rigorosamente o conceito (*communico*) aos fenômenos ditos comunicacionais? Nesse sentido, é inevitável não retornar à crítica de Peter Sloterdijk à filosofia francesa do pós-guerra, cuja valorização do evento (ou do acontecimento, da ruptura), segundo ele, escondia um viés romântico e religioso, além do desconhecimen-

2 Sobre isso, sugiro a leitura dos textos “A comunicação como aventura solipsística: sobre a ‘nova teoria’ de Ciro Marcondes Filho”, de Francisco Rüdiger, publicado pela Revista Eco-Pós (2020), e a réplica de Ciro a essa crítica em “Reabilitando o Positivismo: Francisco Rüdiger ‘critica’ a Nova Teoria da Comunicação. Mas não impunemente”, último texto de Ciro, publicado na mesma revista naquele ano.

3 Eis, portanto, um tema de pesquisa a ser realizado sobre a obra de Ciro.

to do próprio ser humano como um animal familiar que assenta a sua existência no caminho da continuidade. São dúvidas que, infelizmente, não terão as generosas respostas de Ciro, mas que podem, em função da grande fortuna crítica deixada por ele, render boas discussões e ampliar ainda mais o seu legado.

Por outro lado, não foi apenas o conceito de comunicação que se sofisticou a ponto de propor a sua autonomia em uma teoria e em uma metodologia próprias. Outros conceitos, igualmente importantes aos estudos comunicacionais, como interação, processo, mediação, medialidade (poderia aqui listar vários outros), foram objeto de atenção do GT e tiveram ali seus amadurecimentos. Sendo provenientes de outros campos, foi interessante perceber as suas diferentes apropriações pelos pesquisadores do GT que passaram a atribuir a esses conceitos uma semântica mais complexa e rigorosa em relação a seus campos de origem – uma semântica, quiçá, comunicacional.

O mesmo pode ser dito de correntes teóricas como o Pragmatismo e a Semiótica, que encontraram no GT não só um espaço privilegiado de experimentação e empiria, mas de tensionamento teórico, conceitual e metodológico com outras vertentes ou abordagens. Parafraseando um dos grandes participantes do GT, Chico Pimenta, sobre a importância epistemológica daquelas correntes: é possível a comunicação sem signo?

Se a diversidade teórica acompanhou desde o início o referido GT, não se pode esquecer de outro elemento fundante – e que talvez constitua a grande marca dos/as entrevistados/as –, qual seja, a coragem para colocar à prova suas concepções epistemológicas sobre a comunicação, de tentar responder aquelas difíceis perguntas a pares tão sumos quanto exigentes. Talvez seja por isso que o GT produza, ainda hoje, um sentimento paradoxal de temor e fascínio em seus proponentes. Ninguém duvida da qualidade dos debates que ali se desenvolvem, tanto menos da importância dos questionamentos que circunscrevem a nossa razão de ser na ciência.

Ora, são vinte anos de atividades ininterruptas, nos quais artigos, revistas, livros e congressos sobre o tema são meras objetivações de um trabalho crítico e criativo que nunca cessou nem diminuiu a sua intensidade e a sua gana para responder àquelas perguntas. Enquanto muitos outros GTs tiveram a sua caminhada interrompida, a Epistemologia foi se organizando em torno de questões prementes à legitimidade e à organicidade do campo como um todo. Para além do sentimento paradoxal que nos mantém presos (muitas vezes de maneira não conscientes) a um objeto, que justificativas podem existir para a continuidade deste GT por duas décadas senão o reconhecimento acadêmico dos próprios pesquisadores brasileiros de Comunicação e a importância por eles atribuída às questões sobre a nossa produção singular de conhecimento?

Disso são prova os relatos que compõem esta obra. Em um tom pessoal, livre, descontraído de quem participou, até visceralmente, não só do GT, mas da construção do campo da Comunicação no Brasil, é interessante observar as várias fases da reflexão epistemológica, desde os traumas da perda do objeto, da ausência de uma autoridade disciplinar, à superação por proposições que nos colocam (quem sabe?) em uma posição privilegiada, isto é, de descentramento parcial dos crivos positivistas (e capitalistas) que circunscrevem, desde o século XIX, a matriz cognitiva das Ciências Sociais (LOPES, 2006).

Hoje, a Comunicação constitui um campo do conhecimento importante no conjunto dessas Ciências devido aos esforços internos – como vimos – para dar a ela rigor, coerência, seriedade e credibilidade, mas acima de tudo porque as práticas que temos denominado comunicacionais são os principais ativos do Capital. Conforme sugeriram Hardt e Negri (2006), a produção de conhecimento comunicacional (sobre interações sociais, protestos *online*, métodos de análise de dados e de conteúdo etc.) revelam não apenas aspectos e comportamentos do trabalho vivo (o *general intellect* de Marx), como compõem, eles próprios, esse trabalho que o sistema político atual (denominado biopoder) necessita para aperfeiçoar seus dispositivos de captura, controle e extração de mais valia, ampliando os seus limites.

Tal dimensão (que eu chamo de contextual) é um dos elementos que venho explorando nos debates do GT, assim como a necessidade de uma antropologia fenomenológica que responda o como e o porquê da emergência da comunicação enquanto ciência. Pois, tão importante quanto conhecer o que é o comunicacional na variedade em que hoje ele se apresenta é questionar o fato de que, em um determinado momento, isso se tornou um problema (uma “invenção” como diziam os pensadores franceses do século XX), um objeto digno de conhecimento, inclusive, de envio de recursos de várias ordens (material, político, institucional etc.). Com qual finalidade? Melhorar, aprofundar, ampliar a nossa experiência como ser humano no mundo? Ou melhor gerir os processos humanos (genéticos, simbólicos e financeiros) em uma realidade complexa e globalizada? São questionamentos os quais tenho apenas respostas provisórias, pois dependem de uma ampla investigação capaz de fornecer provas empíricas a suposições que são apenas linhas guias de uma investigação.

Claro, isso é apenas uma das muitas narrativas ou chaves teóricas que circunscrevem a comunicação como objeto de conhecimento metateórico, tornadas possíveis graças à estrada aberta por esses pioneiros da Epistemologia da Comunicação. E se ainda não há respostas definitivas para aquelas difíceis perguntas, se ainda se abrem muitas questões acerca dos nossos fundamentos lógicos e históricos, creio ser esse um ponto muito positivo. Uma comunidade do conhecimento não pode querer buscar o consentimento em torno de uma questão, pois isso significaria o esgotamento de sua energia reflexiva (e até o fim da Comunicação), mas deve compor ligações, fortalecer-se internamente (como a coletânea de falas aqui reunidas demonstra) não para a eliminação de seus conflitos e tensões, mas, justamente, para fazê-los falar. Eis a singularidade de nosso campo e (espero que seja) o traço tendencial para futuras outras ciências críticas.

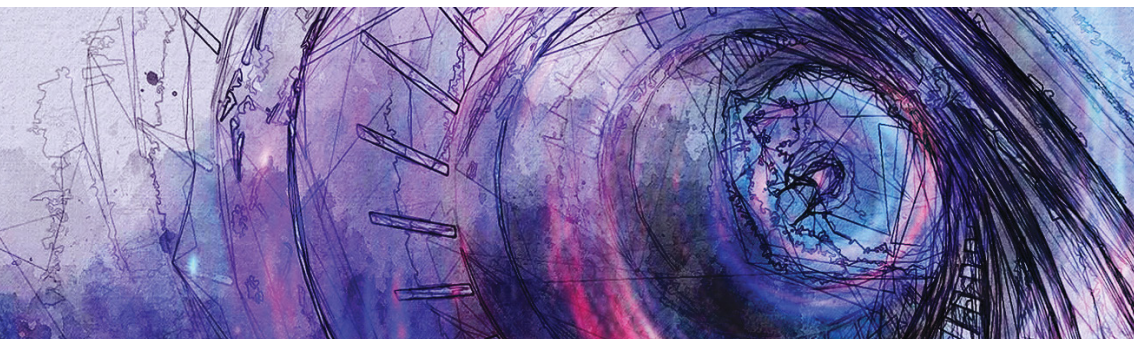
Referências

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LOPES, M. I. V. de. O campo da Comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 30, p. 16-30, 2006.

MARCONDES FILHO, C. Reabilitando o Positivismo: Francisco Rüdiger “critica” a Nova Teoria da Comunicação. Mas não impunemente. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 278–307, 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27646. Acesso em: 7 jun. 2022.

RÜDIGER, Francisco. A comunicação como aventura solipsística: sobre a “nova teoria” de Ciro Marcondes Filho. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 253–277, 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27433. Acesso em: 7 jun. 2022.



SOBRE O E-BOOK

Tipografia Newsreader, Frutiger LT, Lucida Sans

Publicação Cegraf UFG
Câmpus Samambaia, Goiânia-Goiás,
Brasil. CEP 74690-900
Fone: (62) 3521-1358
<https://cegraf.ufg.br>

